

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23312

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 28 AGOSTO 90 70\$00

Portugal só decide na 5.^a-feira

Esquadra da UEO avança para o Golfo



Finalmente em casa Chegaram às dez da noite de ontem a Lisboa depois de uma odisseia que começou no Kuwait e que teve alguns episódios de longas caminhadas no deserto. O engenheiro Jorge Gonçalves, a sua mulher, os três filhos e Wilfredo Barreto foram os primeiros portugueses a regressarem depois da ocupação daquele país por Saddam Hussein. Visivelmente cansados depois das peripécias da viagem estavam ansiosos por ir rapidamente para casa. «Vou começar de novo, aqui», disse Jorge Gonçalves. Hoje à noite deve aterrar na Portela o avião da TAP que traz desde Atenas, Ana Maria Rodrigues e Miguel Paula, dois portugueses que trabalhavam no Iraque.

Os chefes dos Estados-Maiores da UEO reuniram-se ontem e decidiram enviar uma esquadra para o Golfo. O representante português, Soares Carneiro, esteve hoje com o ministro da Defesa, Fernando Nogueira, para lhe comunicar o teor do encontro. Só na quinta-feira deverá ser conhecida a decisão do Governo. Esta tarde, Fernando Nogueira e João de Deus Pinheiro vão estar no Parlamento para participar na reunião da Comissão Permanente. O PSD vai propor que os membros das Comissões de Defesa e Negócios Estrangeiros fiquem em disponibilidade permanente durante este período de férias. **Págs. 4 e 7**



O ouro do costume

Pág. 17



PORTE PAGO

Mário Pinto de Andrade visto por Aristides Pereira Pág. 8

Festa do «Avante!»: só o espaço é novo Pág. 16

Médicos de clínica geral aplicam-se na estatística Pág. 10

Gastão Cruz e Pulido Valente em «A Phala» de Verão Pág. 14

Lotaria Popular
1.º -221 023 2.º -42 837
3.º -427 462 4.º -6 820

Hoje
Suplemento de Economia

Revisão da Lei Eleitoral

Autarcas não querem «maiorias artificiais»

Autarcas do PS, do PCP, do CDS e do PRD pronunciaram-se já contra a constituição de maiorias artificiais nos municípios, na sequência da proposta de alteração da lei eleitoral para as autárquicas, anunciada por Cavaco Silva.

O presidente da Câmara de Évora, diz não à transformação de maiorias relativas em maiorias absolutas, pois considera que

são postos em causa os princípios democráticos. Humberto Sertório afirma que «como o PSD não vai ter a maioria absoluta através do voto, constrói a maioria por via legislativa». O presidente da Câmara da Guarda, fala em «maiorias de secretaria». Para José Luís Seixas, vereador em Lisboa, só a representação proporcional é a expressão directa da democracia. **Pág. 5**

Alemanha: os fantasmas da reunificação

Págs. 2 e 3

roadstar
AUTO-HIFI

Som Digital em altifalantes auto



Representante em Portugal:

SOC. DE REP.
SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto ☎ 9515003 • Lisboa ☎ 77 78 24

Parto da unidade alemã tropeça na lei do aborto

O unificação alemã vai entrar em vigor a 3 de Outubro, mas permanece ainda em aberto a questão de se saber e ela se fará com base num Tratado de Unificação entre a RDA e a RFA, ou através de uma simples lei de transição. A reunião que domingo se realizou entre a coligação no poder, em Bona e a oposição social-democrata (SPD) não permitiu a concretização de um acordo sobre este problema.

O principal ponto de discórdia surgiu com a Lei sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez. A solução de compromisso conseguida na semana passada pelos partidos da coligação (CDU, CSU, e FDP), que prevê a continuação, durante um período de dois anos, das disposições legais existentes entre as duas partes do país - medidas liberais na RDA e restritivas na RFA - não satisfaz ninguém. As igrejas da RFA reagiram contra a possibilidade de a Lei vir a ser extensa à Ale-



Lothar de Maizière e Helmut Kohl: questões civlizacionais dificultam o processo de unificação

manha Ocidental ao mesmo tempo que os social-democratas, juntamente com uma boa parte dos liberais, consideraram absurda a existência de uma medida que

estabelece dois pesos e duas medidas, consoante se vive numa ou noutra rua de Berlim.

Este aspecto, caso não venha a ser rapidamente ul-

trapassado, poderá pôr em risco a adopção pelo Parlamento Oeste-alemão (o Bundstag) do Tratado de Unificação, laboriosamente negociado entre o Governo

de Bona e Berlim. Como todos os textos que implicam uma alteração da Constituição, a Lei sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez terá que passar no Bundstag com a maioria de dois terços, isto é, dizendo de outro modo, terá que obter a aprovação do SPD liderado por Oscar Lafontaine, o que não parece, de todo, provável.

Reunião de peritos

Na RDA, tanto o Governo como a Oposição, incluindo os comunistas de Gregor Gysi, desejam que a unificação seja efectuada na base de um tratado negociado o que permitirá a integração de alguns pontos de vista Leste-alemães e não apenas as posições de Bona.

No caso de se conseguir a unificação à margem do tratado inter-alemão, as leis em vigor na RFA aplicar-se-iam automaticamente e sem condições ao território da ex-RDA. Uma outra solução está ainda prevista, através

da realização da unificação na base de uma simples «lei de transição», que apenas exigiria uma maioria simples no Bundstag. Esta eventualidade não seria «propriamente uma infelicidade», segundo o presidente do SPD da RDA Hans Jochen Vogel. Com efeito, permitiria o voto separado de cada um dos artigos da lei, o que poderia causar alguns desentendimentos no seio da coligação: o FDP deu a liberdade de voto aos seus deputados na questão da lei do aborto, partilhando neste ponto as posições do SPD.

Ainda existem, no entanto algumas possibilidades de se chegar a um consenso sobre o problema. Uma cimeira está prevista para amanhã, precedida de várias reuniões de peritos, destinadas a elaborar uma «solução milagrosa» que não estrague a festa prevista para 4 de Outubro.

Luc Rosenzweig
Exclusivo
«DL»/Le Monde

Na RDA

Delícias do consumo sabem a desemprego

Em Rostock e Schwerin, as duas principais cidades do land de Mecklenburg, província situada na Pomerânia ocidental, a região mais pobre da futura Alemanha unificada, já passou o período de euforia vivido em Novembro, quando a queda do Muro de Berlim trouxe ilusões de bem-estar imediato para a população da RDA. Embora as lojas destas cidades ostentem mercadorias que fazem a inveja dos comerciantes da vizinha Polónia, a situação é grave e, desde a união monetária de 1 de Julho, os preços aumentaram 7,5 por cento ao mês e o desemprego à razão de 1500 pessoas por semana.

São estes números do desemprego que mais pessimismo traz aos responsáveis pelo land. «Aqui em Schwerin já há 10 mil desempregados e o número cresce em 1500 por semana. Além disso, muitas empresas estão a utilizar pessoas a tempo parcial o que não deixa de ser desemprego disfarçado. As pessoas estão bastante desiludidas porque, na RDA, nós não sabíamos o que era o desemprego», diz um funcionário deste distrito.

O responsável pelo SPD em Schwerin, Rüdiger Born, relembra as teses do seu partido sobre a precipitação da unificação alemã: «Há agora quatro por cento de desempregados no país, mas num mês esse número subirá para dez por cento». Born responsabiliza a pressa em fazer a união monetária, não dando tempo às empresas para se organizarem, pela situação caótica na região. «No sector produtivo, 75 por cento das empresas estão próximas da bancarrota, os conglomerados em quebra e as PME's não têm meios de se desenvolver». Tudo isto porque não têm condições de concorrer com as indústrias da RFA que inundam o land com os seus produtos.

Em Rostock, antiga cidade da Liga Hanseática, às margens do mar Báltico, a situação não é melhor. A actividade portuária foi reduzida drasticamente e agora parece insignificante. Para Ingbert Schreiber, director de Relações Públicas do porto, «a razão de ser de Rostock era política. Era a porta da RDA para o exterior. Agora que as fronteiras desapareceram, as fábricas de Leipzig e Dresden preferem exportar através de Hamburgo, em vez de Rostock. As velhas estruturas já não funcionam: recebemos carregamentos de carvão soviético mas os clientes não estão cá para o levar. Tudo tem que ser repensado».

O resultado desta crise é que os seis mil funcionários que trabalhavam em Rostock em 1989 serão reduzidos para apenas dois mil até ao fim deste ano.

Redacção «DL»/Le Monde



Fol preciso que o Muro de Berlim fosse abalxo para que se reconhecesse que tinha servido nestes tempos para o reviver da arte do fresco, por vezes com tal minúcia que, como na foto, trouxe para este lado o que faltava ver do outro. Uma nostalgia do tempo da Guerra Fria? Não. Apenas uma ilustração publicada pela editora Titan num livro sobre «A Arte no Muro de Berlim»

GRANDE ANGULAR



Hitler, Hindenburg e Goering, em 1933. A partir desta altura, a unidade alemã passou pela militarização da Renânia, pelas anexações do Sarre e dos Sudetas, pela união com a Áustria e pela eliminação não de um muro, mas sim de uma passagem: o corredor polaco

O accionista maioritário

No próximo 3 de Outubro a história alemã do pós-guerra terá pela frente uma página em branco para ser escrita. «Reunificação» é uma palavra cómoda e popular mas totalmente inadequada para responder às exigências do rigor histórico. Primeiro, porque a segunda unificação, feita por Bismarck em 1871, não irá ser reeditada - nem geográfica, nem ideológica e muito menos, politicamente. Bismarck fez de muitas «regiões autónomas» o Deutsches Reich, mas esse reich convenceu tanto ou tão pouco os próprios alemães que a famosa república de Weimar - período de desagregação interna - se encarregou por si e sem recurso a potências estrangeiras de lhe passar a certidão de óbito.

Quando em 33 as megalomanias de Hitler falaram em III reich, o Reich do Bismarck já tinha sido sepultado. As enormes crises económicas dos anos 20 levaram os alemães a refugiarem-se cada um na sua capoeira provinciana, borrifando-se para a unidade da nação alemã.

Em segundo lugar, a palavra «reunificação» é imprópria porque muitos dos territórios «unificados» quer pelo Bismarck quer pelo Hitler estão definitivamente fora do mapa que irá ser desenhado no dia 3 de Outubro. E finalmente, porque ninguém, nem na parte ocidental nem na oriental pensa na primitiva ideia do Bismarck.

Neste ponto, a História é muito mais pragmática: por morte natural do comunismo, a RFA herdou a RDA. Mas ainda falta apurar se tal herança é mesmo desejada pelos federais ou se não estará a ser, concomitan-

temente, desejada da boca para fora e repudiada nos sentimentos íntimos. Por um lado, a maioria dos alemães, se observarmos as sondagens à opinião pública, desejam a unificação, mas por outro, herdar uma empresa falida é desejar e repudiá-lo ao mesmo tempo, o famoso *hass-liebe* (ódio-amor) de que falam tantos alemães. É evidente que enquanto o regime comunista se mantinha na plenitude das suas forças, a «unificação» era sempre às de trunfo, o às que cortava todas as vazas políticas dos inimigos. Não poderemos esquecer: os vinte anos - décadas de 60 e de 70 - em que se viveu, internamente, na RFA, a febre escaldante da «reunificação», até existia, a nível oficial um famoso «Curatorium» da «Alemanha Indivisível», serviam apenas para propagandear o anticomunismo. Durante todo esse tempo, a RDA serviu mais para personificar o ódio ao comunismo que para alimentar sentimentos de fraternidade política do mesmo povo. Temos assim, que a nível interno, a página em branco que surgirá na mesa dos cronistas no próximo dia 3 de Outubro vai ser um teste para demonstrar até que ponto a palavra «reunificação» foi mero slogan anticomunista ou respondeu ao nacionalismo saudável de povos que se reencontram, liquidado que foi o imposto devido aos doze anos de nazismo.

A nível externo já temos, hoje, antes do 3 de Outubro, uma RFA que é accionista maioritário da CEE: é o membro que mais paga, o que mais manda e o que mais ganha. Dito por outras palavras, o accionista que mais produz, que mais exporta, que mais dinheiro gera, que mais reservas acumulou nos cofres-fortes. Mas agora, com a herança da RDA, quase tudo vai estar posto à prova: capacidade económica da RFA para reconstruir uma ruína, vontade política de o fazer sabendo-se que isso implicará mais impostos e redução do nível de vida, reflexos no Deutsche Mark, sujeito, agora, a uma forte hipoteca. E finalmente, saber também se os ex-cidadãos da RDA vão colaborar civicamente num período de transição do socialismo para o capitalismo que será necessariamente lento e moroso.

Só quando as respostas forem dadas a todas estas perguntas, saberemos o que será a nova Nação Alemã, arrasada pela guerra, dividida pelos aliados vencedores e reencontrada devido à falência do comunismo. Se o comboio da unificação cumprir o horário previsto e, sem acidentes de percurso, seguir o rumo traçado, teremos no centro e Leste da Europa uma «Renascentia» económica liderada pela divisa germânica. Mas na Europa do Sul, ficarão questões em aberto: que atitude irá assumir o accionista maioritário da CEE em relação a essa parte da «empresa»? A manta chegará para todos: para tapar a cara do centro e Leste, e proteger do frio os joelhos e pés?

Haverá imperialismo económico?

Para responder a estas questões, de momento, só temos um indicador factual: a corrente política da RFA que deseja que a França lidere o processo da unificação

da actual CEE. O ex-chanceler Helmut Schmidt apadrinhou a ideia e ela tem sido inúmeras vezes retomada. E o senhor Jacques Delors tem recebido sempre o incondicional apoio germânico para continuar à frente da «Comissão» da CEE. Para bom entendedor tal significa: a França que faça a política, que a Alemanha já se ocupará das finanças. Certo, porém, que por mais «flores» que o senhor Delors conseguir fazer, as chaves do cofre da CEE ficarão sempre fechadas a sete chaves, no Bundesbank de Frankfurt. A situação decorrente da unificação germânica tem o seu quê de paradoxo: quem pagar a factura inerente à falência do comunismo, passa a mandar nesse novo mundo novo onde a economia de mercado acaba de nascer. Os milhões de mortos do nazismo não poderão alterar esta lei capitalista: quem paga, manda; o accionista maioritário decide o programa dos investimentos e recolherá a maior fatia dos lucros. Na actual crise do Golfo este paradoxo veio mais uma vez à tona de água: segundo a Lei Fundamental, vulgar Constituição, a RFA poderá ter Forças Armadas mas não as poderá utilizar fora do âmbito da NATO. Assim quiseram as potências vencedoras. Mas agora desejam que a RFA envie para o Golfo tropas e canhões - sorry, não pode ser. Por isso, a partir do próximo 3 de Outubro, teremos de saber: quem opta pela economia de mercado terá de se sujeitar à distribuição de dividendos que o accionista maioritário decidirá.

José Sousa Monteiro

COMENTÁRIO

Tentações e fantasmas

A questão da unificação alemã apresenta duas grandes vertentes: a da realidade que irá acontecer no futuro, no interior da Alemanha e no contexto europeu; e a da percepção que suscita, do imaginário, tentações e fantasmas que levanta, entre os europeus, alemães incluídos... Este último aspecto é particularmente fascinante. Os europeus parecem ter receio de si próprios.

Os alemães oscilam entre o entusiasmo e a prudência e, no plano socio-económico, avolumam-se as preocupações dos ocidentais e surgem as primeiras decepções entre os orientais. Os outros europeus parecem sobretudo perplexos e alguns começam a alimentar receios que, bem vistas as coisas, se baseiam em factos do passado. O certo é que não existe grande confiança na capacidade dos organismos comunitários para gerir a nova situação.

A construção europeia, com o seu itinerário estabelecido e programado, viu-se de repente desafiada por uma oportunidade não prevista - ou seja, a do alargamento e aprofundamento da própria ideia de Europa e da sua aplicação. A Europa comunitária, e especialmente a Alemanha, está afinal a braços com uma crise resultante do sucesso, pois que este se tornou altamente sedutor para os países da Europa de Leste.

Até há pouco tempo, a Europa livre e bem sucedida sentia-se definida por contraposição a um «outro», ou seja o comunismo, o que contribuía para lhe conferir uma auto-imagem de identidade ideológica e alguma coesão. Agora, a liberdade de expressão e o bem-estar relativo parecem estar a esvaziar-se do seu potencial ideológico-político. Há já quem diga, sem parecer aperceber-se do absurdo histórico e ético em que incorre, que era preferível a anterior situação, guerra fria incluída...

É neste contexto, ao mesmo tempo aliciente e confuso, que se torna urgente construir o sentido, definir o conteúdo que se quer dar à Europa. As gerações actuais cabe esta enorme responsabilidade. E o futuro da realidade alemã dependerá em grande parte da forma em que for exercitada tal responsabilidade europeia colectiva. Ignorar esta tarefa política só contribuirá para deixar espaço a ideologias regressivas e de refluxo civilizacional: racismo, xenofobia, intolerâncias várias... A Alemanha é um dos palcos principais deste enredo - mas não é o único.

Brevemente terão de ser enfrentados temas altamente incómodos. Eventualmente, o mais perturbador diz respeito à definição da Europa na cena internacional: deverá a Europa, mais ou menos unida, constituir uma «área de potência» própria, com as suas implicações a nível militar, e na qual a Alemanha não poderá deixar de jogar um papel de relevo? Ou deverá a Europa continuar a confiar principalmente no escudo de defesa militar norte-americano, como ficou patenteado na actual crise gerada pelo Iraque?

O papel efectivo que irá ser desempenhado pela Alemanha no futuro contexto europeu dependerá em grande parte da forma que assumir a nova arquitectura de defesa europeia e da eficácia dos mecanismos de controlo mútuo que forem estabelecidos. De contrário, continuaremos a ter a França, a Grã-Bretanha e uma Alemanha reforçada, entre uma América vigilante e um islamismo cada vez mais inquietante.



Maria Carrilho

POLÍTICA

Enquanto se aguardam Miguel Pala e Ana Rodrigues

Mais seis reféns chegaram a casa

«Estou finalmente em casa» afirmou Jorge Gonçalves momentos depois do avião que o transportava de Paris ter aterado no aeroporto da Portela. Acompanhado da família (mulher e três filhos) e de Wilfredo Barreto, que não prestou quaisquer declarações à imprensa, Jorge Gonçalves, o porta-voz do grupo de reféns acabados de chegar do Kuwait descreveu parte do pesadelo que ele e a família tinham vivido.

«Viajámos quatro quilómetros a pé, pelo deserto, com o mínimo de provisões. Para

conseguirmos atravessar a fronteira da Turquia, levámos seis ou sete horas e estamos gratos pelo apoio que nos deram, até ao último momento, os representantes portugueses em Bagdade».

A família Jorge Gonçalves, cuja chegada estava prevista para ao fim da tarde de hoje, conseguiu lugares no mesmo voo da TAP em que Wilfredo Barreto havia já feito a sua reserva, antecipando, por algumas horas, o seu regresso.

Jorge Gonçalves, engenheiro de frio radicado há já alguns anos no Kuwait não

alimenta quaisquer esperanças quanto ao futuro e está disposto a esquecer a «vida estável» do lado de lá do Golfo. «Vou começar de novo, aqui», afirmou.

Também à sua chegada, as autoridades portuguesas não deixaram de estar presentes. Sequeira Nunes, chefe de gabinete do ministro João de Deus Pinheiro e alguns funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros deslocaram-se à Portela para dar as boas vindas aos primeiros reféns vindos do Kuwait após a sua invasão pelo Iraque.

Abordado pela multidão de jornalistas, o chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros garantiu que «estavam a ser tomadas todas as diligências para libertar os restantes portugueses retidos no Kuwait».

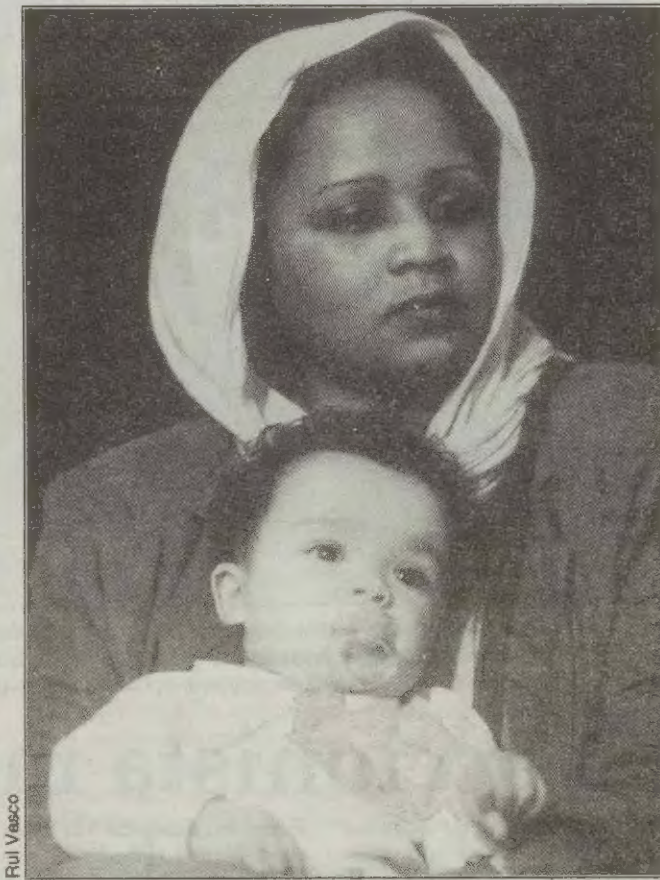
Quanto ao Iraque, são cerca de dez os portugueses já autorizados a abandonar o território devendo a sua saída ser efectuada brevemente, através da fronteira turca.

Miguel Paula e Ana Maria Rodrigues, os dois portugueses que ontem pernoveram em Istambul, partiram já esta manhã rumo a Atenas e deverão chegar ao princípio da noite de hoje. A embaixada portuguesa em Ancara não tem indicações, até ao momento, de que estejam para chegar mais portugueses à Turquia. «De qualquer maneira continuamos em 'stand by'», disse ao DL o encarregado de Negócios da nossa representação diplomática na capital turca.

Os portugueses residentes nos diversos países da Península Arábica têm ocorrido em grande número às respectivas embaixadas para se registarem, disse fonte do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Até ao momento já estão registados mais de 600, dos quais 250 residem nos Emiratos Árabes Unidos.

Força Aérea no Porto Santo

A Força Aérea Portuguesa procedeu ontem à instalação, na ilha de Porto Santo de um destacamento operacional na sequência de uma decisão do



O mais novo dos reféns, de sete meses, ao colo da mãe, minutos depois da chegada a Lisboa

Governo tomada devido à crise no Golfo. O destacamento da FAP é composto por cinco aparelhos A-7 P e um helicóptero «Puma», mobiliza um total de 25 homens, mas segundo o coronel Vítor Silva, responsável pela coordenação da operação, «o seu reforço ao longo da semana vai depender, sobretudo, da evolução da crise no Golfo Pérsico e da posição que o Governo português venha a tomar».

Em princípio, o destacamento ficará «por tempo indeterminado», tudo dependendo do «evoluir da situação», disse coronel Vítor Silva. O Porto Santo é, a partir de ontem, em conjunto com Tancos, Montevale, Montijo e Lajes, uma base operacional ao dispor da Força Aérea.

Entretanto, o embaixador do Iraque em Lisboa recusou-se a receber uma delegação dos trabalhadores Social-Democratas (TSD), alegando «indisponibilidade».



Jorge Gonçalves, acompanhado da mulher e o filho mais novo, abandona o aeroporto da Portela, «escortado» pelo chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros, Sequeira Nunes

BREVES

Melancia em Lisboa

O Governador de Macau chega hoje a Lisboa a fim de se reunir com o Presidente da República e com os ministros Fernando Nogueira, Laborinho Lúcio e João de Deus Pinheiro. Na sua ausência do território o Governador será substituído pelo secretário-adjunto Luís Vasconcelos. Murteira Nabo não poderá continuar a substituir Melancia como havia feito durante o período de férias pois encontra-se em visita oficial aos EUA.

Barracas abaixo

O Governo vai prosseguir com o programa de derrube de construções clandestinas após o final do período de férias, anunciou o secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia. «Por outro lado, não vão ser renovadas determinadas licenças precárias anuais em áreas do domínio público marítimo. Existem muitas barracas em diversas praias e há que acabar com isso», disse ainda o secretário de Estado.

Sargentos em protesto

Os sargentos dos três ramos das Forças Armadas deverão permanecer hoje nas unidades até às 19 horas, se seguirem as indicações da Comissão Nacional da classe, divulgadas ontem em comunicado. Esta medida, tem por objectivo manifestar a solidariedade dos sargentos para com quatro camaradas que foram punidos pelo chefe de Estado-Maior da Armada com três e dois dias de detenção, na sequência da acusação de terem integrado a mesa que presidiu a um almoço realizado pela Associação Nacional de Sargentos, em 31 de Janeiro passado.

PS acusa Governo de «diminuir a imagem de Portugal»

PSD quer Comissões Parlamentares reunidas em permanência nas férias

O PSD vai hoje propor à Comissão Permanente da Assembleia da República que autorize as Comissões Parlamentares de Defesa e de Negócios Estrangeiros a reunir em regime de permanência durante o período de férias parlamentares, por forma a poderem acompanhar com o Governo o evoluir da crise no Golfo. O comunicado do PSD lido ontem por Duarte Lima, após a reunião da Comissão Permanente do partido refere que tal acompanhamento permitirá manter informada, em detalhe, a Assembleia da República.

A Comissão Permanente da Assembleia, que reúne esta tarde, contará com a presença dos ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros. Na conferência de líderes que marcou a reunião de hoje foi defendida também a presença do primeiro-ministro. Prevê-se que nesta reunião o ministro Fernando Nogueira dê conta dos resultados do encontro de peritos militares da UEO que ontem teve lugar em Paris e

que contou com a presença do general Soares Carneiro.

O PSD apoia a actuação do Governo nesta crise do Golfo e condenam a «violação bárbara do direito internacional», por parte do Iraque, ao ter utilizado reféns como moeda de troca. Duarte Lima acusou o PS de «incapacidade de fazer oposição com base em ideias, em políticas ou em propostas concretas».

Acompanhado por Cardoso Ferreira, da Comissão Parlamentar da Defesa e de Pedro Roseta, da Comissão dos Negócios Estrangeiros, Duarte Lima terminou a conferência de imprensa citando um dito popular dirigido ao PS: «os rapazes só atiram pedras às árvores que são frutos».

PS condena actuação do Governo

Na reunião do Secretariado do PS, que ontem decorreu no Porto, Marques da Costa afirmou que a actuação do

Governo fez com que «a imagem de Portugal junto da CEE saísse diminuída» e expôs «de forma inútil e irresponsável, as debilidades de umas Forças Armadas pelas quais o PSD é politicamente responsável há mais de dez anos». Assim, os socialistas propõem que «o Governo apresente, com carácter de urgência, um projecto de reestruturação séria das Forças Armadas, que tenha em conta as novas realidades geopolíticas e geoestratégicas».

As alterações à lei eleitoral para as autárquicas propostas por Cavaco Silva mereceram também a atenção do PS. Os socialistas consideram que «não estão dispostos a discutir a revisão constitucional a prestações». Para Marques da Costa é necessário discutir também a lei das finanças locais e a regionalização. Manuel dos Santos lembrou mesmo que, relativamente à apresentação de candidaturas independentes, «o PS já defendera proposta semelhante, mas que o PSD então rejeitara».

POLÍTICA

A proposta de alteração da Lei Eleitoral das Autarquias, anunciada por Cavaco Silva, provocou reacções de contestação entre a maioria dos autarcas. O DL ouviu alguns. Está em causa a redução do número de mandatos dos presidentes, a transformação de maiorias relativas em absolutas e a candidatura de independentes

Autarcas respondem à proposta de Cavaco

Georges Dargent (PSD), presidente da Câmara de Cascais há dois mandatos «Estrangeiros devem votar»

«Um executivo camarário deve ser como o Governo da Nação, onde há um responsável que deve escolher as pessoas dos diversos pelouros. O executivo camarário deve ser escolhido pelo partido vencedor, para não haver pessoas que ao executar o programa não comunguem dos mesmos objectivos.

Quanto à redução dos mandatos deve ser permitida a candidatura a mais de um mandato, mas havendo uma alternância de pessoas. É bom refrescar os executivos camarários, embora a experiência também seja um valor a ter em conta. Sou favorável à limitação dos mandatos.

Quanto à possibilidade de candidatos independentes apresentarem candidaturas autónomas, é de salientar que há pessoas que não se reconhecem nos partidos e devem ter o direito de também concorrer às eleições.

Pessoalmente defendo que os estrangeiros de países da CEE residentes a partir de um determinado número de anos em Portugal, deviam poder votar nas eleições autárquicas. A partir de 3 anos já conhecem bem os problemas e devem participar nas decisões sobre a região onde residem. O mesmo se deveria aplicar aos residentes noutros países da comunidade.»

Abílio Fernandes (PCP), presidente da Câmara de Évora desde 1976

«Os bloqueios vêm da parte do Governo»

«Foi com grande surpresa que ouvi o primeiro-ministro falar de questões relacionadas com as autárquicas. A três anos e meio das próximas eleições para o poder local e a cerca de 4 anos da revisão constitucional não deixa de ser surpreendente.

Há tantos problemas regionais e tão graves, sentidos inclusive pelo próprio PSD, que é estranho não ter havido qualquer referência às questões concretas. As dificuldades financeiras dos executivos camarários, a definição das

regiões administrativas e o facto de as autarquias estarem a ser cercadas no seu poder, foram assuntos ignorados pelo primeiro-ministro.

Quanto à redução dos mandatos dos presidentes, nós não temos discutido esse problema, apenas o Presidente da República tem um número de mandatos limitado. Não se prevê para já que essas limitações sejam aplicadas às autarquias.

Nesta matéria há grande contestação dentro do próprio PSD, parece-me que é mais um problema interno do partido.

Em relação à participação de listas de independentes, penso que, esse sim, é um tema que merece reflexão aprofundada, apesar de estarmos a grande distância das próximas eleições.

Finalmente, no que respeita à transformação artificial de maiorias relativas em maiorias absolutas, eu digo não. Em Évora, já tivemos maioria relativa e maioria absoluta. Sempre resolvemos os problemas em diálogo com os outros partidos independentemente das divergências. Os bloqueios têm vindo da parte do Governo. Transformar artificialmente uma maioria relativa em maioria absoluta põe em causa os princípios democráticos.»

Humberto Sertório (PRD), membro da Assembleia Municipal de Lisboa «Reivindicamos direitos de autor»

«O PRD foi o primeiro partido a defender publicamente a possibilidade de cidadãos independentes poderem candidatar-se às câmaras municipais. Apresentámos o primeiro projecto nesse sentido em 85/86. Foi chumbado na Assembleia da República por todos os outros partidos. Retomámos o tema nesta sessão legislativa e o projecto foi também chumbado por todos os partidos. Somos também favoráveis, desde sempre, à fixação de um número máximo de mandatos dos presidentes. Admiramos a intervenção do primeiro-

ministro, pois o PSD levantou sempre obstáculos à nossa proposta. Consideramos que as candidaturas independentes são uma resposta ao caciquismo, que existe em muitas câmaras do Norte do país, em especial pequenas autarquias que são a principal fonte empregadora da região.

Quanto à transformação da maioria absoluta de uma maioria relativa, somos contra essa situação, pois consideramos ser uma antecipação cautelosa dos resultados do PSD. Como não vão ter a maioria absoluta através do voto, constroem uma maioria por via legislativa.

Se em política houvesse dinheiro pelos direitos de autor, o PRD, só em indemnizações por apropriação de ideias, tinha um bom desafio financeiro. Isto só revela que o PSD está com pouca criatividade, por isso vai recuperando questões que lhe parecem populares e que, depois do desaire das últimas autárquicas, lhe convêm.

O PRD continuará a bater-se pela participação activa dos cidadãos na vida autárquica. Na próxima sessão legislativa apresentaremos nova proposta nesse sentido, nem que seja necessário reservar um dos poucos agendamentos que temos para o problema.»

Abílio Curto (PS), presidente da Câmara da Guarda desde 1976

«Pode Cavaco Silva pôr uma mordida aos eleitores?»

«O sr. primeiro-ministro à falta de outros pretextos pensou que vinha dar uma grande satisfação à população com uma proposta que nem sequer é dele.

Eu não tenho nada contra a ideia de redução de mandatos. Digo apenas que o primeiro-ministro deve pensar que também ele foi eleito, também ele tem a legitimidade dos votos e, no entanto, quer para si novos mandatos absolutos. Será que Cavaco Silva tem condições morais e políticas para impor uma mordida à vontade dos eleitores?

Numa sociedade democrática não há leis que proíbam o cidadão de livremente exercer a sua vontade. Considero que a intervenção do primeiro-ministro vem na sequência de uma



política de menoridade em relação aos autarcas.

Quanto à proposta de transformar as maiorias relativas em maiorias absolutas, considero que é uma ideia que deforma a legitimidade democrática. É uma maioria de secretaria. Se numa votação um partido obtiver 21 por cento dos votos e os outros 20, 19 e 20 por cento dos votos, o primeiro tem direito a maioria absoluta? Isto é desvirtuar a vontade das populações.

Quanto à candidatura de independentes tenho algumas reservas, o assunto deve ser analisado com cuidado porque o principal objectivo da proposta é diminuir o papel dos partidos na vida política portuguesa.»

José Luís Seixas (CDS), vereador da Câmara de Lisboa desde as últimas eleições

«Um discurso cinzento e neutro»

«O CDS aceita a limitação dos mandatos como princípio, para evitar a excessiva personalização do poder. Mas esta proposta deve ser encarada com muita prudência para não cercar a liberdade dos eleitores escolherem o autarca que melhor defenda a causa pública. Aguardamos que a proposta do primeiro-ministro tome forma e letra para a apreciarmos melhor.

O CDS concorda com a candidatura de cidadãos independentes às câmaras municipais. A proposta não é nova sequer. Quanto à transformação do partido vencedor em partido maioritário, qualquer que seja o sufrágio, dizemos não.

A representação proporcional é a expressão directa da democracia. É importante que as diferentes formas de pensar estejam representadas nos executivos camarários. A experiência revelou-nos que as divergências entre os partidos nunca foram obstáculo para o progresso e desenvolvimento, de que as autarquias foram protagonistas.

Além disso, o reforço dos poderes dos autarcas passa pelo acompanhamento do reforço dos meios financeiros. O primeiro ministro não falou dos problemas reais, como a regionalização. Fez um discurso cinzento, neutro, equivalente à participação no comício de Faro.»



FAÇA CONTAS COM O SEU NOVO COMPUTADOR

E deixe lá as contas para o comprar. Fale connosco. Com a Sofinloc pode escolher - nós financiamos, em leasing. Uma solução tão moderna e eficiente quanto o seu novo computador.

A Sofinloc dá mais vantagens aos profissionais do século XXI - consulte-nos.

SOFINLOC
SOCIEDADE FINANCEIRA
DE LOCAÇÃO, S.A.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: António Ruela Ramos.
Administradores: Maria do Carmo Ruela Ramos, João Manuel Ruela Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director: Mário Mesquita
Directora-adjunta: Diana Andringa

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruela Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção:
Acácio Barnadas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal:
João Paulo de Oliveira

Coordenadores da Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponaz, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Braderode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luisa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Taveiras Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Pass, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: Alexandre Balsemão, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Faliroa e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo, Brito e Pedro Palma

Gratistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Verissimo e Luis Tenreiro

Pageadores:
António Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção:
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade:
Luís Valadas

Gestor de Informática:
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 347467/09 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telef. 3467134. Impressão na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-12 - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320794. Delegação Norte: Rua Monte dos Pícos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

CONSELHOS MODESTOS SOBRE O USO DOS PRONOMES

Graças a este calor estival continuo a folhear revistas em atraso. Pareço aquele meu amigo que só lia os diários passados três meses, para ter - dizia - a necessária distância histórica. Não fez carreira mas ganhou sabedoria.

Já não sei onde (o vento, soprando sobre a areia, levou para longe a folha juntamente com o chapéu de sol) li que os que, como eu, mantêm colunas nos jornais dizem cada vez mais «eu». Estremeci, entomando mesmo a laranja, porque também eu, nesta rubrica, falo sempre na primeira pessoa. Mas faço-o de propósito, visto tratar-se de registos extravagantes que implicam apenas a minha responsabilidade e que se podem considerar, por definição, páginas de diário. Nos meus ensaios académicos digo «nós entendemos que» ou «é preciso lembrar que», e não sei qual destas fórmulas seja a mais humilde.

Recordo-me que, no tempo em que era um jovem estudioso inexperiente, lia Gillo Dorfler e irritava-me que ele escrevesse constantemente «eu» mesmo quando falava de estética, quando eu estava persuadido que, para que os meus modestos pareceres fossem atendíveis e aceitáveis, teria que

escrever «nós pensamos que». Hoje concordo com Gillo. «Eu» é muito mais humilde que «nós» e até mesmo mais humilde que todas aquelas expressões impessoais que pressupõem, como argumentos de valor universal, tudo quanto se diz, enquanto o que se diz provém apenas de uma pessoa incerta.

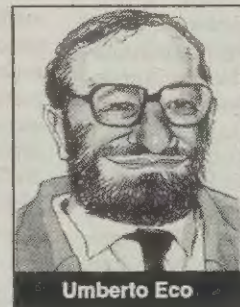
Vamos a ver se nos entendemos. Nunca me passaria pela cabeça, nem mesmo hoje, escrever «eu penso que Leopardi é um grande poeta» (a não ser como forma de ironia, ou para responder a quem tivesse posto em dúvida as suas virtudes). Se escrevo que Leopardi é um grande poeta pressupõe-se que tenho a certeza de estar a exprimir uma opinião incontestável.

Mas dizer «eu penso que Branssens é tão poeta quanto Valéry» é bastante humilde e deixa um caminho aberto a várias explicações; em contrapartida, se alguém escreve «Branssens, poeta tão grande como Valéri, diz...» deve estar consciente de que, usando o modo impessoal, vai fazer deflagrar uma bomba e provocar um pandemónio. O estilo impessoal é apodítico. «O ser é aquilo que se diz em muitos modos». Grande verdade filosófica, embora discutível, com a qual Aristóteles fez a sua entrada milenária na diáspora ontológica. «O mundo é tudo aquilo que acontece». Não vos diz

nada? No entanto, com este estilo impessoal, um pequeno e neurótico maestro austríaco impõe o próprio «Eu» a todo o pensamento moderno. O que teria acontecido se ele tivesse escrito «Eu penso que o mundo é tudo aquilo que acontece»? Em prol da verdade, o Wittgenstein da segunda fase escolhe exactamente este caminho, ou antes, passa sem hesitação para um «tu» afectuoso: «Pensa tu agora neste emprego da linguagem...» (se bem que o recurso ao «tu» seja efectivamente uma estratégia subtil para comprometer o outro e obrigá-lo a aceitar a ideia de que o autor tem o direito de falar também por ele).

Em resumo, existe um «eu» insuportável e um «eu» humilde que deixa ao interlocutor campo suficiente para possíveis divergências. E existe um «nós» submisso e um «nós» que é plural majestático, por meio do qual aquele que escreve pretende falar em nome da comunidade científica, caso contrário seria preferível escrever um soneto.

Em suma, é sempre necessário perceber se, debaixo de um qualquer discurso, existe um imenso orgulho, uma grande humildade ou a declaração que qualquer pensamento é uma tímida tentativa de entrada no absoluto. Os pronomes fora do contexto pouco significam. *Pronomina non sunt numina.*



Umberto Eco

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

Exclusivo (L'Espresso)

A GOLFADA

Há, nesta crise do Golfo, duas crises portuguesas. Uma crise à direita - que é a crise do nosso provincianismo pró-norte-americano.

E uma crise à esquerda - que é a crise do nosso provincianismo pró-mediterrâneo.

Aparentemente, não são muitos os que, na circunstância, pensam de facto português.

Se quiserem, de facto Portugal. Por exemplo, demonstrando posuir uma ideia clara de qual é, no caso, e numa perspectiva historicamente dimensionada, o nosso interesse.

E, por exemplo, dando conteúdo à nossa afirmação de que temos uma ideia clara do que é a Nação Árabe. É que nem boa parte da nossa direita nem boa parte da nossa esquerda. Conseguindo mesmo alguma ideia essa coisa culminantemente lamentável que é potenciar o segundismo britânico relativamente aos EUA com o segundismo português relativamente ao segundismo britânico relativamente aos EUA.

E conseguindo alguma esquerda esse tropo de ingenuidade ideológica que é confundir a ênfase neo-napoleónica da França, o mediterraneísmo do mitterranismo, com a honra e o interesse de uma Europa socializante.

Havendo, ainda, quem se limite a esperar pelas Nações Unidas. Vejamos.

É evidente que Portugal se deve a diversos quadros: ao quadro comunitário europeu, ao quadro do Atlântico Norte, ao quadro das Nações Unidas.

Mas esses quadros, reais que são, respeitáveis que são, não substituem nem o dever da nossa inteligência nem a obrigação do nosso interesse nem, se quiserem, o patriotismo do nosso universalismo, da nossa cultura, do nosso modo de ver e de ler a História.

Esses quadros obrigam-nos, não nos atrelam. São quadros, não são filas indianas.

Não temos que pavlovianamente salivar quando tocam os «Rangers» dos EUA.

Tal como não temos que salivar quando toca o porta-aviões «Clemenceau». A prioridade e o timing para os EUA não são sobretudo os quadros aos quais os EUA se devem, são sobretudo os interesses e as concepções norte-americanas.

O timing e a prioridade para a França não são sobretudo os quadros aos quais a França está obrigada, são sobretudo os interesses e a certa ideia que a França tem do Mundo, isto é, de si mesma no Mundo.

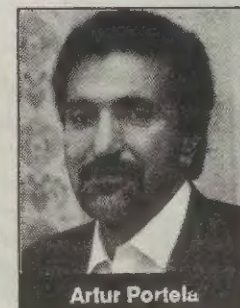
Ou seja, para Portugal, essencialmente não se trata de salivar. Sendo absolutamente dramático que tenhamos como assente, não apenas que se trata, sim, de salivar pavlovianamente, mas que se trata de sermos os primeiros a salivar.

Há que saber, que publicamente

definir, e que politicamente fazer pesar, em especial, junto dos nossos aliados, atóndeo vão as nossas alianças. Ou, o que psicologicamente talvez não seja em rigor o mesmo, até onde não vão as nossas alianças. Em condições e para o que é que elas não podem funcionar. Sendo, para isso, fundamental saber esse óbvio: quais são os interesses de Portugal no Mundo em geral e nas grandes áreas regionais em particular.

Por exemplo, no chamado Mundo Árabe. A dita experiência que Portugal tem de África, tão justa e em tantos casos tão positivamente utilizada pela nossa diplomacia, é verdade que se especializou na África ao sul do Sara. E por óbvios motivos. Mas também é verdade que temos uma relação privilegiada, e histórica, culturalmente, profunda, com o Norte de África, com a Nação Árabe em geral. E provavelmente, mais, digamos, descomplexada do que a França e a própria Espanha.

Com efeito, se somos ponte euro-africana, essa ponte não passa, indiferente, por cima de todo o Norte de África. Ora essa experiência portuguesa, essa nossa abertura, essa nossa facilidade, e vantagem, de relação, não parecemos ter sido, na circunstância desta crise do Golfo, minimamente utilizadas. Nem através de qualquer iniciativa, vamos, intermediária, nem revelada



Artur Portela

Percebe-se que os EUA, sabendo muito bem o que é a Nação Árabe, não saibam, na circunstância, o que é a Nação Árabe. E percebe-se que a França, sabendo muito bem, não apenas o que é a Nação Árabe, mas também o que é a Nação Norte-Americana, faça que não sabe o que é a Nação Árabe. Mas que nós não saibamos, da Nação Árabe, não apenas o que são os Estados Árabes, mas o que são os Povos Árabes, o que é o povo árabe, é que é Portugalmente lamentável.

INTERNACIONAL

COMENTÁRIO

A guerra de sábado

A guerra que muitos esperavam e alguns desejavam para este sábado não foi para o ar.

Até ver, nem Saddam Hussein fez a provocação que a podia ter desencadeado, nem os EUA seguiram o conselho de Israel e de alguma Imprensa para a intervenção unilateral e um ataque directo ao Iraque. É verdade que o clima de pré-ataque da semana passada servia também os objectivos americanos de pressionar o Iraque e levar as Nações Unidas a aceitar o bloqueio. Segundo o que seria um documento de trabalho de uma reunião entre o Presidente Bush e os seus conselheiros, divulgado pelo «The Independent» (em Portugal pelo «Público»), «os media e os israelitas falam de um ataque de surpresa dos EUA, o que serve os nossos objectivos, porque põe Saddam Hussein a tentar adivinhar o momento».

A concentração de forças americanas no Golfo levou alguns a crer que o objectivo dos EUA não podia ser apenas proteger a Arábia Saudita e impedir o bloqueio. Só se explicaria a força destas dimensões, em homens e armamento, para apoiar a operação cirúrgica que preconiza Kissinger ou mesmo para um ataque maciço ao Iraque para acabar com a ditadura de Hussein.

Ora o Pentágono, desde a catástrofe vietnamita, preconiza que qualquer tipo de intervenção no Terceiro Mundo deve ser feita com meios muito superiores aos teoricamente necessários. É a chamada doutrina Weinberger, aplicada em Granada, no Panamá ou no ataque à Líbia. Um conflito militar com o Iraque teria uma dimensão totalmente diferente e na perspectiva dessa doutrina seriam precisos meios muito superiores aos que já estão no Golfo.

O «ataque do sábado», para além da sua incongruência estratégica, não teria correspondido aos objectivos políticos prosseguidos pela actual acção militar do Golfo. Como se viu, os EUA consideraram que não poderiam prosseguir uma acção militar unilateral, militar e politicamente arriscada, que os divorciaria dos diligentes árabes amigos e poria em pé de guerra a opinião árabe; a sua acção foi e é condicionada também pela necessidade de ter em consideração a perspectiva da URSS e da Europa comunitária, e a dinâmica das Nações Unidas. A revalorização do quadro multilateral, com o novo peso e (mais importante) uma demonstração de eficácia real da ONU, tornada possível pelo clima de cooperação Leste-Oeste, é o facto novo desta crise, e aquele com que Saddam Hussein claramente não contou.

Os objectivos das resoluções tomadas pelas Nações Unidas é impor a retirada «imediate e incondicional do Iraque do Kuwait», através de um embargo «comercial, financeiro e militar». Os EUA prosseguem também o objectivo de defesa da Arábia Saudita e a Aliança Atlântica da Turquia. É evidente que a importância particular dada pelas nações industrializadas a esta crise tem a ver com o objectivo de manter «o petróleo a preço razoável». Destes objectivos não faz parte, nem podia fazer, a destruição da máquina militar e industrial do Iraque, o que, aliás, provocaria novos desequilíbrios na região.

A realização dos actuais objectivos não deve fazer esquecer a necessidade de alargar a limitação dos armamentos a regiões como o Médio Oriente, através também de uma auto-limitação das vendas de armamentos, por forma a impedir que países como o Iraque, com armas fornecidas pelo Ocidente e pela União Soviética, possam pretender hegemonizar uma região.

Condenação internacional, embargo, presença militar, têm (devem ter) como objectivo impedir novas agressões e obrigar o Iraque a retirar do Kuwait e deixar partir os estrangeiros. As forças militares não estão no Golfo para dar ao mundo o espectáculo mediático da guerra; mas para obrigar o Iraque a retroceder. A «guerra de sábado», por esta razão e muitas outras, não fazia sentido.



Os chefes dos Estados-Maiores dos países-membros da UEO que ontem fizeram a primeira reunião em 36 anos de existência da organização. O primeiro a partir da esquerda é o representante de Portugal, general Soares Carneiro

UEO decide mandar esquadra para o Golfo

Gorbachev junta-se aos EUA e pede união contra Saddam

Europa, URSS e EUA parecem estar dispostos a não perdoar a Saddam Hussein pela invasão do Kuwait, país que hoje foi declarado a 1ª província iraquiana. A UEO reuniu ontem, pela primeira vez nos 36 anos de história da organização, os chefes dos Estados-Maiores dos países-membros, entre os quais Portugal, decidindo enviar uma esquadra para a região do Golfo Pérsico. Por sua vez, Mikhail Gorbachev, que não tem sido pródigo em de-

clarações sobre a crise no Golfo Pérsico, disse ontem que «os países árabes devem unir-se» contra o Iraque. Já Washington expulsou ontem 36 iraquianos da embaixada do Iraque nos EUA, reduzindo para 19 o número do pessoal da missão. É exactamente o mesmo número de norte-americanos que estão nas embaixadas no Kuwait e em Bagdad.

Os chefes dos Estados-Maiores da UEO consideraram que o estreito de Tiran, à entrada do golfo do porto jordano de Aqaba e o golfo de Oman - a zona de acesso ao golfo Pérsico - serão as áreas visadas pelos navios europeus. Dos nove países que constituem a organização militar europeia, apenas Portugal e o Luxemburgo não possuem vasos de guerra na região. Ficou decidido que os três navios belgas que já estão na zona de operações, vão patrulhar o estreito de Tiran e o golfo de Oman, para assegurar que não serão colocadas minas e retirar as que possam lá estar.

Quanto à expulsão dos diplomatas iraquianos de Washington, a porta-voz do departamento de Estado, Margaret Tutwiler, disse que «é uma resposta às numero-

sas violações do Direito Internacional pelo Iraque, mas sobretudo à ordem de encerramento das embaixadas no Kuwait e à falta de cumprimento das promessas de Bagdad em deixar sair livremente os diplomatas». As autoridades iraquianas impediram a saída, no domingo, de três rapazes que tinham ido visitado os seus pais ao Kuwait.

A expulsão decretada por Washington não inclui o pessoal da embaixada do Iraque nas Nações Unidas. No entanto, os diplomatas iraquianos não poderão deslocar-se a mais de 40 quilómetros de Washington, e de agora em diante, há regulamentos mais rigorosos para a concessão de vistos.

Iniciativas diplomáticas
Esta «retaliação» diplomática demonstra que, por enquanto, a crise não deve entrar no campo militar. A URSS, que tem sido uma das principais defensoras das negociações, voltou ontem a reafirmar a sua esperança numa solução pacífica. Segundo Gorbachev, que falava após um encontro com o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, «as circunstâncias evidenciam



Mais soldados norte-americanos desembarcam no deserto na Arábia Saudita

Redacção «DL»/AFP

Álvaro Vasconcelos

MPLA e UNITA em Lisboa

Silêncio, negocea-se

Praticamente nada transpirou do primeiro dia de negociações entre as delegações do MPLA e da UNITA, que se encontram reunidas no Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM), em Lisboa. As negociações prosseguem até amanhã e só na quinta-feira haverá uma conferência de imprensa na residência do primeiro-ministro, em São Bento, segundo informou a agência Lusa, citando um funcionário do IAEM.

As expectativas estão viradas neste momento para a possibilidade de se registar um volte-face nas posições do

MPLA e da UNITA, no que se refere ao processo de paz no país.

A ausência do vice-ministro angolano da Segurança do Estado, Fernando Piedade, vem confirmar o clima de crispação surgido à volta da terceira ronda de conversações MPLA/UNITA com a decisão do movimento de Jonas Savimbi em manter essencialmente a mesma delegação que esteve presente em Évora e Oeiras, numa altura em que se falava que ambas as partes estariam dispostas a aumentar os níveis das chefias das conversações.

A posição da UNITA está a ser interpretada como uma clara sinal por parte dos rebeldes de que estes não estão dispostos a assinar um cessar-fogo sem que o MPLA reconheça algumas das suas exigências, nomeadamente a existência do movimento de Jonas Savimbi como «força política» e a reforma do próprio regime em vigor no país, antes de qualquer acordo sobre o fim dos confrontos entre as duas partes.

Redacção «DL»/Lusa

Tragédia em Kreka

Salvadores só procuram mais cadáveres

Afastada qualquer esperança de encontrar sobreviventes, continua o árduo trabalho das equipas de salvamento na mina de Kreka, perto de Kuzla, na Jugoslávia para recuperar os corpos de 178 mineiros vítimas de uma explosão de gás ocorrida na noite de sábado para domingo. Nas primeiras 12 horas de escavação as equipas desenterraram 65 corpos e progrediram lentamente para a parte mais profunda da mina onde se deveriam encontrar a maior parte dos mineiros no momento da explosão. Os especialistas não foram ainda capazes de estabelecer com exactidão as causas da explosão, que foi ouvida num raio de 20 quilómetros.

Contudo, os especialistas apontam uma explosão de gás metano e pó de carvão como a causa mais provável do acidente. Por outro lado, e segundo as declarações prestadas em conferência de imprensa pelo inspetor de minas daquela região jugoslava, aquele órgão de controlo já tinha prevenido há dias a direcção da mina da «falta de condições de



Equipas de salvamento em Kreka

segurança» em Kreka, facto que foi imediatamente desmentido pelos responsáveis da mina.

Os 178 mineiros que encontrariam a morte a 200 metros debaixo da terra, na noite de sábado para dom-

ingo, tinham retornado o trabalho na sexta-feira com a promessa do aumento dos salários, após uma greve de 15 dias. Os mineiros, cuja média etária não ultrapassava os 30 anos, deixaram 300 crianças orfãs que, accom-

panhados dos seus parentes e amigos, permaneceram ao pé da vedação em volta da mina durante as operações de recuperação, não se resignando com os resultados da catástrofe.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Em declarações ao DL

Aristides Pereira faz elogio fúnebre de Mário Pinto de Andrade

«O desaparecimento físico de Mário Pinto de Andrade significa, sem qualquer dúvida, a perda de um companheiro da primeira hora de luta em prol da dignificação do povo africano em geral, e das populações das antigas colónias portuguesas em particular», declarou ao DL o Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira.

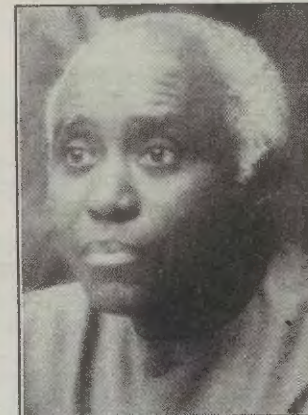
«Ao longo da sua vida como líder político e intelectual de grande talhe, procurou e conseguiu a africanização das mentalidades das jovens nacionalistas, levando à tomada de consciência das nossas particularidades e identidade próprias, vector extremamente importante da

luta de libertação nacional. Teve um papel de grande relevância não só nessa tomada de consciência, mas igualmente no desenrolar do processo de luta então encetado, particularmente quando esteve à frente do MPLA, como seu primeiro Presidente. A morte deste grande nacionalista constitui, igualmente, mais uma importante perda para o património cultural, intelectual e político africano, deixando um vazio que dificilmente será preenchido.

Constitui, também, a perda de um amigo de todos os momentos e que, desde sempre, esteve ao lado dos que buscam a dignidade da

pessoa humana, o desenvolvimento na independência, a equidade e a igualdade de direitos num Mundo onde o egoísmo tem prevalecido sobre a generosidade. Pela forma desinteressada como se entregou ao combate de todos nós, ele deve ser um exemplo para a juventude e as gerações vindouras, devendo a sua memória ser preservada e acarinhada, permanecendo uma referência positiva dos que combatem a miséria e o subdesenvolvimento.

A melhor e a mais justa homenagem que devemos prestar a esta figura ímpar do ideário africano contemporâneo é continuarmos a



Presidente Aristides Pereira lamenta a «perda de um companheiro da primeira hora»

bater-nos pelos mesmos ideais aos quais ele tão indelevelmente esteve ligado, na certeza de que a sua obra permanecerá sempre viva e premente de ensinamentos», afirmou o Presidente Aristides Pereira.

B R E V E S

China quer investimentos de Hong Kong e Macau

O Governo de Pequim aprovou hoje um regulamento com o objectivo de encorajar os investimentos na China, provenientes de cidadãos seus ou estrangeiros, nomeadamente de Hong Kong e Macau. A nova lei, com 22 artigos, divulgada pela agência «Nova China» e citada pela Lusa, estipula que o investimento feito por «chineses ultramarinos e compatriotas de Hong Kong e Macau» será autorizado na forma de criação de empresas com capital próprio a cem por cento, joint-ventures, cooperativas, comércio de compensação (counter-trade), compra de acções e obrigações de empresas, de imobiliário, uso de direito de terrenos do Estado para o desenvolvimento e outras formas que estejam de acordo com a legislação chinesa.

Tropas da CEDEAO cercam Monróvia

A força inter-africana, enviada pela Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) para pôr fim ao conflito na Libéria, tem estado a desenvolver nas últimas horas esforços para tomar o controlo de Monróvia. Simultaneamente, as forças nigerianas que integram aquele contingente estão a movimentar-se para o aeroporto da capital, situado a cerca de quatro quilómetros do palácio presidencial. No momento do desembarque das tropas da CEDEAO, o rebelde chefiado por Charles Taylor atacaram o porto de Monróvia, tendo causado cinco feridos.

Erros técnicos durante o referendo em S. Tomé

O «Grupo de Reflexão», força política de oposição em São Tomé e Príncipe, enviou ontem uma carta à Presidente da Assembleia Nacional Popular, Alda Espírito Santo, exprimindo o desejo que na organização técnica dos próximos actos eleitorais participem igualmente representantes de todas as forças políticas no país. O «Grupo de Reflexão» considera que o referendo constitucional do passado dia 22 Agosto marcou um «momento relevante no processo de mudanças em curso», apesar de se terem verificado «irregularidades várias e de assinalável vulto», sobretudo no que se refere ao procedimentos técnicos da votação.

Piloto chinês foge para a URSS

Um avião MIG-19 da Força aérea chinesa violou o espaço aéreo soviético e aterrou perto de Vladivostok numa cidade situada no Extremo Oriente. O avião, de fabrico chinês, «penetrou em profundidade» o território soviético sem responder aos apelos dos controladores aéreos soviéticos, segundo noticiou ontem o jornal «Izvestia». As forças de defesa anti-aérea «obrigaram o avião a aterrar num aeródromo militar». Segundo o jornal soviético o piloto deseja ir para os Estados Unidos.

Exército canadiano vai intervir contra Mohawks

O primeiro-ministro do Quebec, Robert Bourassa, anunciou que o exército canadiano foi chamado a intervir para desmantelar a barricada levantada pelos índios Mohawks, nos arredores de Montreal. «Há dez dias que estamos em negociações. É demasiado», disse Bourassa. As negociações iniciadas há dez dias em presença de observadores estrangeiros parecem assim ter-se malogrado devido, segundo o primeiro-ministro, à «má fé» dos Mohawks.

Aumenta o consumo de drogas na RDA e na RFA

O número de óbitos devido ao consumo excessivo de droga continua a aumentar na RFA, numa altura que a procura de estupefacientes regista um verdadeiro «boom» na RDA, desde a abertura do Muro de Berlim, segundo afirmou um responsável da polícia criminal oeste-alemã (BKA). Segundo ainda o BKA, 771 pessoas morreram de overdose desde no início do ano na RFA, ou seja mais 200 mortos em relação ao número verificado no ano passado, durante o mesmo período.

QUOTIDIANO

Incêndio no Caldeirão ameaçou populações

O incêndio que lavrou ontem à tarde na Serra do Caldeirão, no sítio do Miradouro, foi dominado na madrugada de hoje e os bombeiros procedem agora a operações de rescaldo. A Estrada Nacional 2, que esteve interrompida, já foi aberta ao trânsito automóvel.

Segundo o comandante dos bombeiros de Loulé, Carlos Leal, «o fogo chegou a colocar em perigo as populações dos montes vizinhos, sobretudo os 50 habitantes do sítio de Cavalos».

As chamas, que queimaram uma vasta área de pinheiros, sobreiros e medronhos, atingiram os postos telefónicos e de electricidade, tornando incommunicáveis as povoações daquela zona.

O comando dos bombeiros vai agora reunir-se para fazer um balanço dos estragos.

A falta de acesso, a sinuosidade do terreno e o mato denso existente dificultaram o trabalho dos bombeiros, que combateram as chamas com



O incêndio na Serra do Caldeirão foi considerado o maior que este ano se registou no Algarve

mangueiras das viaturas estacionadas na estrada e com pulverizadoras manuais.

O incêndio, considerado o maior que este ano se registou no Algarve, foi combatido por seis corporações de bombeiros, envolvendo um total de 14 homens.

As causas que estiveram na origem do sinistro ainda não estão apuradas, mas o comandante dos bombeiros

de Loulé suspeita das queimadas que por esta altura são feitas na região.

Entretanto, na periferia do Parque Natural da Serra da Estrela deflagrou ontem à tarde um incêndio de grandes proporções em áreas florestais e de culturas próximas de Macinhadas mas, segundo informaram hoje os bombeiros da Guarda ao DL, «a situação já está controlada».

Entretanto, o Tribunal de Oliveira do Bairro manteve ontem a detenção de um presumível incendiário, capturado domingo pela GNR, disse uma fonte da corporação.

O detido, de 21 anos, ajudante de motorista, é acusado de deterateado um incêndio que lavrou domingo à tarde na zona de Póvoa de Bustos.

Fonte da GNR referiu que o indivíduo estava a trabalhar há pouco tempo naquela região, frisando que, por isso, era desconhecido da generalidade da população.

Por seu lado, a Inspeção de Tomar da Polícia Judiciária anunciou a detenção, na semana passada, de dois indivíduos do sexo masculino, de 17 e 18 anos, indicados como autores de vários crimes de incêndio. Um deles é referido como responsável pela prática de sete incêndios na comarca de Castelo Branco e o outro como autor de dois fogos na comarca de Ferreira do Zêzere.

Bóias em Esposende sinalizavam droga

Ontem, registaram-se duas apreensões de droga em Portugal. A Guarda Fiscal localizou, em Esposende, 1.273 quilos de haxixe. O produto encontrava-se submerso no mar e sinalizado por bóias de pesca. Segundo aquela instituição, a droga provinha de uma embarcação que ali a terá deixado para ser oportunamente recolhida pelos elementos da rede encarregados da sua distribuição e comercialização.

Por outro lado, na Fronteira do Caia, Elvas, dois homens e uma mulher, todos de nacionalidade portuguesa, foram detidos na posse de 20 quilos de haxixe, no automóvel em que se transportavam de Algeciras.

Entretanto, o diário colombiano «El Tiempo» noticiou que Portugal é um dos quatro países da Europa mais afectados pelo tráfico de cocaína proveniente da Colômbia. Numa reportagem intitulada «Cocaína: A Droga do Ano na Europa», o jornal refere que os traficantes de droga sul-americanos se estão a virar para a Europa, sublinhando que Espanha, Portugal, Itália e Holanda, são os países mais afectados pela nova orientação dos narcotraficantes.

O jornal afirma que os traficantes sul-americanos de cocaína se viraram para a Europa porque os Estados Unidos, tradicionalmente o seu principal mercado, impôs controlos estreitos de movimentação de pessoas e bens.

Paralisação dificulta comunicações aéreas

Os técnicos de informação e comunicações aeronáuticas da ANA estão desde as 12 horas, e durante cinco dias, em greve. A paralisação, cujo início estava previsto para ontem, foi adiada pelo sindicato (Sintica) por vários motivos, entre os quais a situação de crise no Golfo. Esta forma de luta provocará, segundo a estrutura sindical, «restrições de tráfego enormes, principalmente no espaço aéreo português localizado na zona oceânica».



CONCURSO PÚBLICO P/ PUBLICIDADE SONORA, FIXA E REVISTA PROMOCIONAL DO CARNAVAL DE TORRES VEDRAS - 1991

A Comissão do Carnaval de Torres/91, aceita propostas para contrato de concessão em exclusivo desta publicidade até ao próximo dia 14 de Setembro.

As empresas interessadas, para eventuais esclarecimentos, poderão consultar o respectivo regulamento através dos Serviços de Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Torres Vedras na Av.ª 5 de Outubro - Tel. 061/2 30 94.

Torres Vedras, 26 de Agosto 1990

MAIS DOIS MEMBROS DO CLUBE DOS MILIONÁRIOS DO TOTOLOTO

88.600.000\$00

JOSÉ FRANCISCO MALAQUIAS ESTORIL



Este é o número da fortuna que mudou a vida de José Francisco Malaquias. 40 anos, chefe de mesa num restaurante do Estoril e um dos dois totalistas do Concurso do TOTOLOTO desta semana. Casado, sem filhos e natural de Póvoa, distrito de Évora, o novo milionário reside na Amoreira (Estoril). Joga regularmente no TOTOLOTO, desde o primeiro dia, apostando no facto de que, talvez um dia, chegasse a sua vez. Com os cerca de 90 mil contos, José Malaquias tenciona comprar casa e carro, como já há muito ambicionava e ajudar a família. Mudar de vida profissional também faz parte dos seus planos e "depois logo se verá". Por agora fica a certeza de que muitos dos seus sonhos se vão realizar. O Boletim da Sorte foi entregue na Tabacaria Alvarado, também na Amoreira, cujo proprietário, João Oleirinha, não esconde a alegria de "já ter dado sorte a 14 milionários".

88.600.000\$00

MARIA JOSÉ OLIVEIRA PINTO AVEIRO

Maria José Oliveira Pinto, 61 anos, casada, é a outra totalista deste Concurso. Doméstica, mãe de 4 filhos, a nova milionária e o marido, reformado da Marinha Mercante, apostam sempre juntos e em força, no TOTOLOTO. Para poderem realizar todos os seus sonhos, desta vez acertaram em cheio.

JOSÉ FRANCISCO MALAQUIAS e MARIA JOSÉ OLIVEIRA PINTO são os novos Membros do Clube dos Milionários do TOTOLOTO. Você pode muito bem ser o próximo.



É Fácil. É Barato. Dá Milhões

Portugueses preferem laranjadas e colas

Os sumos de laranja e as colas são os refrigerantes preferidos pelos portugueses, que têm um dos mais baixos consumos per capita deste tipo de bebidas de toda a Europa comunitária.

Segundo dados fornecidos pela Associação Nacional dos Industriais de Refrigerantes e Sumos de Frutos, os sumos de laranja, com 55,5 milhões de litros e as colas, com 34,4 milhões, ocupam cerca de metade da produção global do semestre, que foi de 165,8 milhões de litros.

No que respeita ao posicionamento de Portugal no mercado de bebidas, em comparação com os restantes países da CEE, em 1988 registou-se o segundo mais baixo consumo por habitante, com apenas 29,9 litros. Só a França consumiu menos: 28 litros.

No topo oposto, encontra-se a Alemanha (84,4 litros), a Bélgica/Luxemburgo (71,5), a Espanha (62,5) e a Holanda (61,9).

Também acima do patamar dos 50 litros estão as Ilhas Britânicas (59 para o Reino Unido e 55,7 para a Irlanda), ficando igualmente à frente de Portugal a Grécia (41 litros), a Dinamarca (40,9 litros) e a Itália (30 litros).

Em Portugal, o total de vendas do primeiro semestre de 1990 ultrapassou em 5,5 por cento o montante do período homólogo do ano anterior. A maior parte é constituída por bebidas refrigerantes de sumos (86,3 milhões) e refrigerantes de extratos, com colas, limão, tónicas e ginger-ale (67,7 milhões). Os refrigerantes aromatizados de laranja e limão só venderam 11,3 milhões de litros, os de soda mil litros e os adicionados de bebidas alcoólicas 635 mil.

O tipo de embalagem mais usado pelas empresas a operar em Portugal é ainda o vidro retornável, apesar do nítido avanço registado por outros produtos.

Cerca de 115,5 milhões de garrafas de vidro retornável foram utilizadas no semestre (69,6 por cento do total), o que representa um retrocesso face aos seis primeiros meses de 1989, quando se gastaram 117,7 milhões de embalagens daquele tipo, então 74,9 por cento do total.

O plástico e o vidro não retornável estão a ocupar a quota perdida pelas embalagens de vidro retornável. Em 1988, as embalagens de plástico ocupavam 10,1 por cento do total, em 1989, 14,2 por cento e no primeiro semestre desde ano alcançavam já 17 por cento, o que permite antever o aumento da quota para os próximos tempos.

Médicos de clínica geral aplicam-se na estatística

Com o projecto da Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários a quantificação das doenças pode ser feita a nível nacional com maior precisão

O projecto Médicos-Sentinel, uma iniciativa da Direcção-Geral dos Cuidados de Saúde Primários, foi criado com o objectivo de ser «um instrumento de medida de saúde, constituído por uma rede de médicos de clínica geral distribuídos pelos 18 distritos do País e que, voluntariamente, se dispõem a prestar informações sobre os seus utentes», explicou ao DL Marinho Falcão, médico da Divisão de Epidemiologia desta Direcção-Geral.

Até agora, as estatísticas sobre as diversas doenças de que somos vítimas nem sempre são precisas e esclarecedoras no fornecimento de dados concretos sobre a situação sanitária portuguesa. Segundo Marinho Falcão, «este projecto pode não ser perfeito, mas é a forma mais exacta que encontramos de podermos controlar e estudar as doenças dos utentes».

Os benefícios que a população terá com este sistema resumem-se «a uma informação mais completa das doenças, informação essa que permite, por outro lado, aos médicos, dedicarem-se a estudos dos mais aprofundados e a investigações», salientou Marinho Falcão.

«Quanto a nós, os médicos de clínica geral são os que têm o maior número de população a seu cargo. Se um determinado número de médicos de um distrito enviar à Direcção-Geral, regularmente (pensamos que possa ser todas as semanas), informações dos doentes com gripe, por exemplo, se juntarmos informações de todo o País, conseguimos estimar um número mais próximo da realidade. Será mais fácil dizermos se existe um surto de gripe ou não. Esta situação aplica-se a qualquer outra doença», acrescentou Marinho Falcão.



O controlo do número de doenças é particularmente deficiente em Portugal

O projecto Médicos-Sentinel iniciou-se em 1988, «com trabalhos preparatórios. Na altura houve conhecimento de que a Associação Portuguesa de Médicos de Clínica Geral (APMCG) planeava lançar uma rede de médicos de clínica geral, no âmbito do projecto Eurosentinel da Comunidade Económica Europeia. Este projecto da CEE engloba os países europeus e apesar de ser diferente, a sua filosofia é a mesma que aplicámos em Portugal», salientou Marinho Falcão.

Os Médicos-Sentinel contam neste momento com cerca de 170 profissionais de saúde. «Pelas nossas contas, em Janeiro de 1991 atingiremos os 200/300 médicos, o que significa uma cobertura

de todo o País. Neste momento faltam-nos os contactos com clínicos gerais dos distritos de Lisboa, Porto, Viseu, Castelo Branco e Faro», disse Marinho Falcão.

Um dos factores que impede uma estimativa mais precisa dos números da saúde «é a falta de hábito dos portugueses em consultarem o médico regularmente e recorrerem muitas vezes a terapias tradicionais. Não existindo uma relação assídua entre o doente e o médico torna-se difícil controlar o número de doenças, as suas origens, o seu desenvolvimento».

G.O.

Museus gratuitos no Dia do Turismo

No âmbito das comemorações do Dia Europeu do Turismo, que se assinala a 15 de Setembro, vão ser proporcionadas, em Lisboa, entradas gratuitas em todos os museus do Instituto Português do Património Cultural e museus municipais. A Comissão Executiva Portuguesa do Ano Europeu do Turismo participa no grupo de entidades que garantem também a entrada livre dos interessados no Padrão dos Descobrimentos, Estufa Fria, Museu da Marinha, Planetário, Museu da Electricidade, Museu da Água e Aqueduto das Águas Livres.

A iniciativa combina-se com as comemorações do Dia Mundial do Turismo (27 de Setembro), envolvendo, segundo uma fonte oficial, um «vasto programa de animação» para o período que medeia entre as duas datas. Participam, ainda, nesta organização, a Câmara Municipal de Lisboa e diversas entidades nacionais, regionais e locais, públicas e privadas.

Ainda no que respeita a 15 de Setembro, o relvado fronteiriço à Torre de Belém será palco de exibição da Banda de Alcácer do Sal, concentração de cicloturistas, lançamento de balões, enquanto no Tejo desfilarão embarcações tradicionais.

No dia 19, será inaugurada a exposição «O turismo pelos jovens», no Padrão dos Descobrimentos, organizada pelo Comité Português de «A Europa na escola - Jornada europeia das escolas» e Centro de Educação Europeia.

A banda de música dos Ferrovários e os ranchos folclóricos de Belas, casa do Povo do Pego (Santarém), Azeitoneiros (Alvorninha) e Praias do Sado actuarão no dia 22, em frente à Torre de Belém.

No dia 27, a entrada nos museus da cidade será de novo gratuita, havendo lançamento de fogo de artifício na Praça do Comércio. A presidente da Comissão Executiva Portuguesa do Ano Europeu do Turismo, Maria José Valleria, afirmou que «o objectivo dessas iniciativas é sensibilizar a opinião pública para a importância crescente do turismo, não só como actividade económica mas também como meio de aproximação dos povos».

Fragata «D. Fernando» vai integrar museu

Consumida por um incêndio em 1963, a última nau da carreira das Índias é objecto de um projecto de recuperação

Considerada durante muitos anos um ex-libris do Tejo, a fragata «D. Fernando», cujos restos apodrecem no Mar da Palha, vai ser objecto de uma campanha para a sua recuperação. O projecto visa a reconstrução do veleiro, de forma a integrá-lo num museu dedicado às nossas tradições marítimas e aos Descobrimentos.

A iniciativa anunciada pelo chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Andrade e Silva, inscreve-se na tendência que se tem afirmado um pouco por todo o Mundo de recuperação de navios antigos, como os casos do «Wasa», na Suécia, o «Cutty Sark», a «Victory» e a «Mary Rose», na Inglaterra e a «Constitution», nos Estados Unidos. A «D. Fernando», se for salva, será um dos navios mais antigos a serem recuperados. Para tal, no entanto, será necessário mobilizar muitos esforços e avultadas verbas. Se não forem os portugueses a fazê-lo, o caso poderá repetir o destino seguido pelas escunas «Cazela» e «Argos», actualmente em portos dos Estados Unidos, visitadas diariamente por milhares de interessados.

O navio que se pretende recuperar foi a última fragata à vela da Marinha Portuguesa e também a última nau da carreira da Índia. Construída nos estaleiros de Damão, no então Estado Português da Índia, foi lançada à água em 1843.

As suas qualidades náuticas e de habitabilidade foram objecto de alacorada polémica, mas a maioria dos especialistas teceram elogios à facilidade de manobra e ao desafogo

das instalações, aspecto este de muita importância numa época em que se faziam viagens sem escala, de três meses. A fragata tem 48,7 metros de comprimento e 19,4 metros de altura do respectivo centro vélico acima da flutuação.

Durante os 33 anos em que navegou, a «D. Fernando» provou ser um navio resistente, tendo efectuado numerosas viagens à Índia, a Moçambique e a Angola, transportando unidades militares do Exército e da Marinha e também colonos e degredados, estes últimos normalmente acompanhados de famílias.

Diversas personalidades viajaram na fragata, entre as quais a princesa Maria Amélia, filha da imperatriz do Brasil e enteada do rei D. Pedro IV, que de Lisboa seguiu para o Funchal na esperança de recuperar a sua abalada saúde, o sertanejo Silva Porto, que após a travessia do continente africano viajou por mar, em 1855, entre Moçambique e Benguela (Angola).

De 1924 a 1938 acolheu a Brigada e a Escola de Artilharia Naval. Nos dois anos seguintes, a fragata foi o navio chefe das Forças Navais no Tejo. Em 1946, tornou-se na sede da Obra Social da Fragata D. Fernando, onde rapazes de famílias economicamente débeis receberam instrução geral e de marinharia, o que aconteceu até à sua destruição parcial, em 1963.

Para a recuperação do destroço que hoje

Chamas propagaram-se com rapidez espantosa

A 3 de Abril de 1963, a fragata «D. Fernando», ancorada no Tejo, frente ao Arsenal do Alfeite, foi devorada pelas chamas. O violento incêndio, detectado às 17 horas, teve origem «numa pequena explosão provocada por um maçarico com o qual se procedia ao corte de uma canalização de bordo» — conforme relatava o DL, na segunda edição desse dia.

Segundo a reportagem do DL, «as chamas propagaram-se com uma rapidez espantosa através das centenárias madeiras do navio, na tolda e nas coberturas».

Apesar do esforço desenvolvido pelos bombeiros, todo o trabalho foi inglório, pois já nada havia a fazer.

«A proa via-se apenas a carranca toda branca, representando o busto do rei D. Fernando. O fogo respeitara a efígie do patrono da última nau da Índia. Os mastaréus pendiam como membros decepados e fumegantes. O convés era uma imagem triste de um campo de batalha enegrecido, destruído. Todo o madeiramento fumegava e, de onde em onde, nasciam sempre, como que por encanto, mais chamas que os jorros das mangueiras do

barco da marinha ia tentando apagar» — lia-se ainda no DL.

«Muito perto sentia-se, perfeitamente, o calor latente que irradiava do casco do velho veleiro, que perdia os contornos precisos de um barco, mais parecendo um montão de preciosas madeiras queimadas. De quando a quando aluía uma tábua e tombava na água».

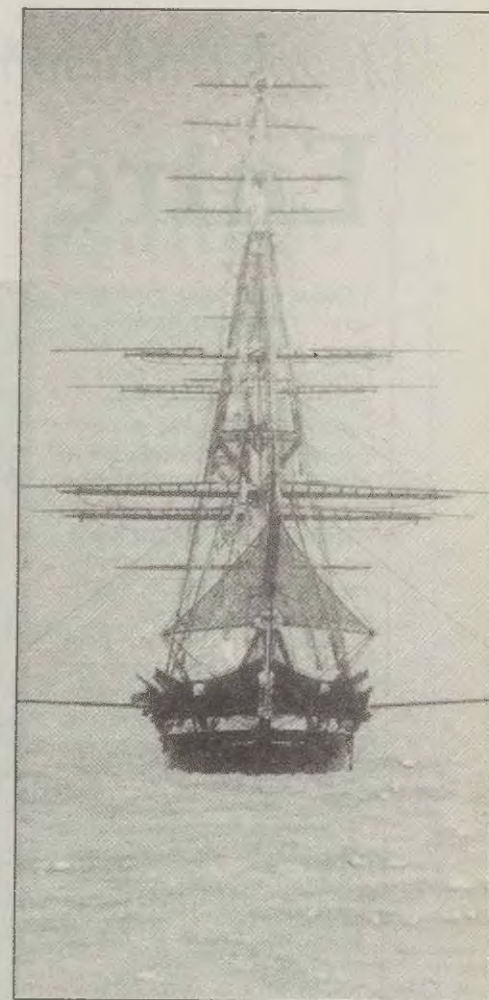
Na madrugada do dia seguinte, a fragata «D. Fernando» foi rebocada para o Mar da Palha, onde encalhou e «finalmente morreu».

As 15 horas do dia 4, um rebocador do Ministério da Marinha, equipado com mangueiras e auxiliado por outro barco, aproximou-se da proa da fragata para arrancar a carranca de D. Fernando, «que se apresentava já então escurecida pelo fumo, mas ainda intacta».

As vítimas da tragédia foram em número relativamente limitado: dez alunos da «D. Fernando», que sofreram ferimentos e queimaduras, «pelo que foram conduzidos a diversos estabelecimentos hospitalares», registando melhoras posteriormente.



Da fragata «D. Fernando», hoje, pouco mais resta do que o casco



São necessários muitos esforços e avultadas verbas para devolver à «D. Fernando» o seu aspecto original

jecto visa proporcionar o conhecimento de um testemunho histórico às actuais e futuras gerações. Na intenção dos homens da Armada, a fragata ficaria atracada no porto de Lisboa, na zona histórica da cidade (possivelmente Belém), como elemento dum museu que «se pretende criar e desenvolver».

30 OUTUBRO 90 ASSEMBLEIA GERAL PARA ALTERAÇÃO DOS ESTATUTOS CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 1.º e 6.º do Regulamento da Assembleia Geral, anexo I aos Estatutos do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores, convoco a Assembleia Geral para reunir repartida por locais de trabalho, cuja relação será divulgada oportunamente, bem como na Sede e Delegações Distritais do Sindicato no dia 30 de Outubro de 1990 em sessões cujo horário será determinado caso a caso entre as 9 e as 19 horas com o seguinte objectivo:

— Alterar os Estatutos do Sindicato.
De acordo com o estipulado no Artigo 9.º do mesmo Regulamento, torna-se público que se encontra à disposição dos sócios a proposta apresentada pela Direcção para a alteração estatutária.

Lisboa, 28 de Agosto de 1990.

A Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Maria Raquel da Mota Marques Pinheiro Matos

sindicato dos trabalhadores da função pública do sul e açores

COTAÇÕES Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45890	51890
ALEMANHA FED. (marcos)	87835	88555
ÁUSTRIA (schilling)	12840	12860
BÉLGICA (franco)	45068	48318
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	119805	121555
..... (notas de 5 e 1000)	119855	122805
DINAMARCA (coron)	22880	23520
ESPAÑA	15375	15495
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	135825	135875
..... (notas de 5 e 1000)	135875	135925
FINLÂNDIA (marica)	37800	37800
FRANÇA (franco)	26805	26875
HOLANDA (florim)	77855	78665
IRLÂNDIA (libra)	236805	240805
ITALIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (itene)	\$892	\$947
NORUEGA (coron)	22855	22805
REINO UNIDO (libra)	264805	268855
SUÉCIA (coron)	23865	24815
SUÍÇA (franco)	106825	107875
VENEZUELA (bolívar)	25621	35421

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

ALBERTO DA COSTA E SILVA O TECELÃO DE VERSOS..



RENÉ CHAR
EM NOME
DO SILÊNCIO



MARIA JOÃO PIRES:
AO SOM DE SCHUBERT



ACARTE 90:
OS ENCONTROS
MARCADOS

Jogos tradicionais

Entre a ressurreição e a morte definitiva

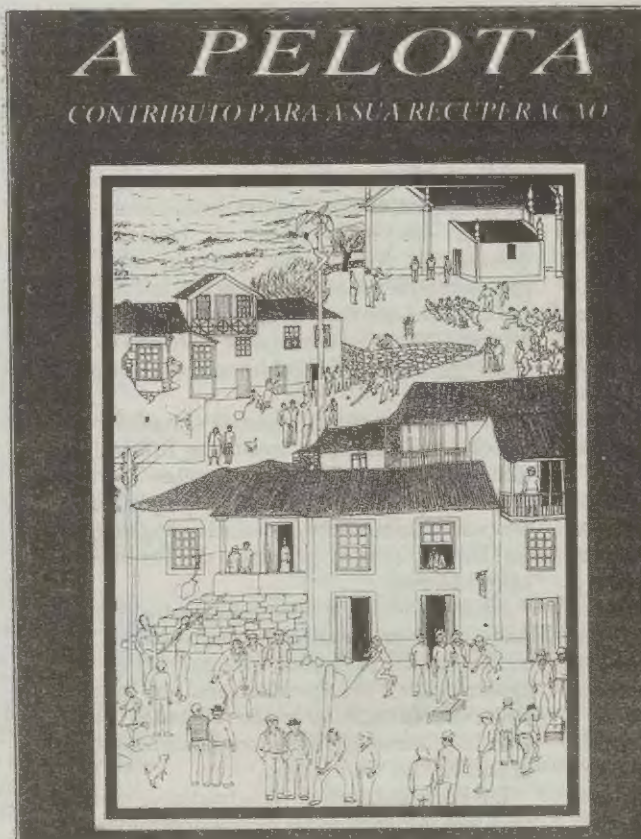
O que é um jogo, para que serve? Tradicionalmente, o jogo tem duas ou três funções: a iniciação para a garotada, a introdução a situações que terão de enfrentar no resto da vida; para os mais velhos uma forma de exercício de manutenção, de diversão pura. Mas os jogos podem, também, mimar formas de religiosidade, incipientes criações teatrais.

Os jogos tradicionais portugueses encontram-se, hoje, numa situação dupla: em risco de se perderem, em vias de recuperação, o que pode parecer paradoxal, mas é autêntico.

Cameira Serra, presidente da direcção da Associação Distrital de Jogos Tradicionais da Guarda (ADJTL) fazia, recentemente, o ponto da situação ao escrever:

«As formas comunitárias de trabalho, as danças, as canções populares, os jogos foram influenciados por novos modelos, impostos sobretudo pela televisão.»

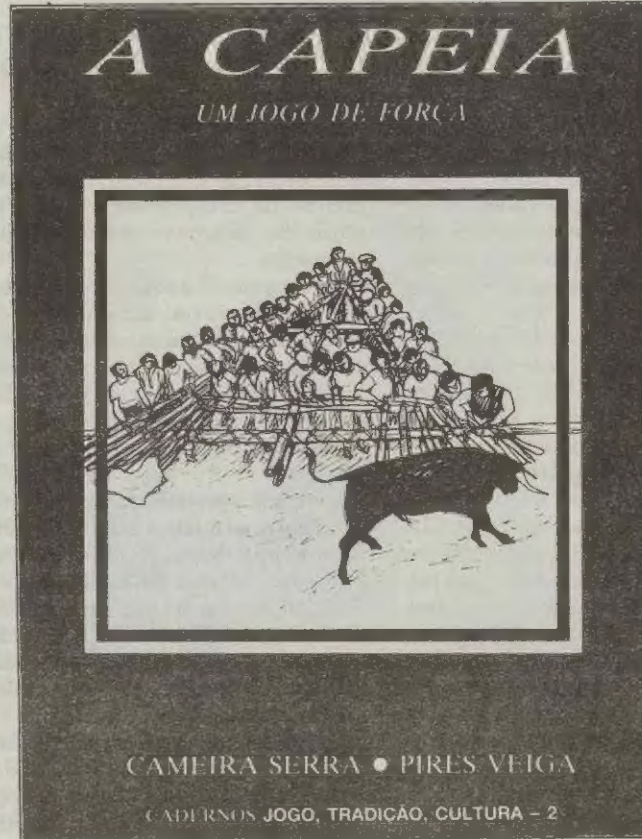
Acrecentará: «Os antigos jogos foram-se transformando. Já não ocorrem durante o trabalho agrícola ou nos seus intervalos. Não têm hoje como cenário o velho largo da aldeia, agora alcatroado e pejado de automóveis, e muito menos o adro da igreja. Muitas vezes,



nem ao domingo acontecem, pois, actualmente, considera-se disparate grande «perder tempo» com semelhantes velharias, passatempos (ultra)passados e fúteis, próprios apenas para as crianças os praticarem e os velhos os recordarem...»

Dirá, ainda: «Muitos dos

jogos tradicionais ainda praticados pelos adultos estão a perder a peculiaridade e vão-se normalizando em parte, permitindo a realização de convívios e torneios entre comunidades distantes. Esta degeneração, porém, permite a sobrevivência e revivência dos



jogos». E não é difícil, nem raro, encontrar nos subúrbios das grandes cidades, ao lado de hortas improvisadas num pequeno terreno à espera de urbanização legal ou ilegal, os velhos e os jovens que não desistem de uma memória ancestral.

Os jogos tradicionais resistem dificilmente aos novos jogos, que o não chegam a ser. O que os jornais, a rádio e a televisão divulgam não são jogos, nem são desporto. São competição, a alto custo e a alto risco. Não se joga, ou joga-se num espectáculo, como quem especula sobre

títulos de crédito, na bolsa ou num bilhete de lotaria...

O que hoje se procura é algo de completamente diferente. Não o grande espectáculo que reúne 60 ou 80 mil pessoas ociosas num estádio, acreditando que são amantes do desporto porque são capazes de aplaudir as vedetas pagas a peso de ouro.

Em 1976 nasceu na Guarda a Associação Distrital de Jogos Tradicionais e Lazer (ADJTL), pioneira na recolha e divulgação das actividades lúdicas populares. Três anos mais tarde constituiu-se como clube, hoje já ascendido ao estatuto de colectividade de utilidade pública.

Um longo trabalho que se iniciou com deslocações pelas aldeias, para procurar encontrar o jogo no seu estado puro.

E, subitamente, renasceu um pouco por todo o país o interesse pelos jogos tradicionais. A Beira Interior deu o exemplo, mas este começa a repercutir-se por toda a parte. Uma explicação poderá ser o aumento do número de velhos. A gerontologia reconhece a importância do movimento e da recreação para os idosos. Uma ciência, ainda jovem e a dar os primeiros passos, que

não poderá descurar ou menosprezar as vantagens dos jogos tradicionais, tão adequados às necessidades e interesses psicológicos, sociais e motores dos idosos.

Mas há outras razões, conjugadas num novo interesse pelo mundo rural, pela ecologia, pela salvaguarda de um passado que começa a tornar-se mítico, a fazer um desesperado apelo a muita gente. Enquanto, por outro lado, outros se vão esquecendo desse passado útil que nos formou a todos. Para impedir que isso aconteça, a UNESCO e o Conselho da Europa lançaram várias acções por forma a reabilitar os jogos tradicionais, ofuscados pelos desportos institucionalizados pelos

meios de informação. O Conselho da Europa explica o seu interesse, apoiando-se em teorias do grande historiador holandês Huizinga, um dos mais importantes analistas do fenómeno, segundo as quais «as estruturas lúdicas presentemente votadas a uma letargia profunda, travam o progresso da nossa sociedade e separam o homem do sentido mítico da vida, para o tornarem cada vez mais uma máquina».

Em Portugal, já no princípio do século o grande etnólogo e pedagogo Adolfo Coelho recomendava aos pais e professores os méritos dos jogos infantis, na esteira de pensadores e pedagogos como Rabelais, ou Montaigne, Comenius, Locke,

Rousseau, Pestalozzi, Claparde, Walton e Chateau.

O aumento dos tempos livres

O súbito despertar do interesse pelos jogos tradicionais não pode, todavia, explicar-se apenas pelo renovado gosto pelo património cultural. No século XX nasceu o problema cultural do lazer, no qual os reformados são apenas uma pequena parcela. O jogo tradicional pode ser uma resposta em termos futuros ao crescente aumento dos tempos livres.

Ou, então, seguindo a linha de pensamento de Alvin Toffler, «a entrada na terceira vaga traz consigo a desmassificação, uma maior diversidade, e uma grande necessidade de simplifi-

cação que se pode encontrar nos jogos tradicionais por oposição aos chamados desportos de maior divulgação nos meios de comunicação social.»

Um forte impulso social e de divulgação poderá recuperar actividades lúdicas ainda não de todo perdidas: a malha, o jogo do gaio, o jogo do pau, os jogos de força do distrito da Guarda, o magusto da velha em Aldeia Viçosa, o beto, a capeia raiana, a pelota, as matraces de Riba Coa, tantos outros que nos marcaram a infância e a juventude, que nos poderão marcar para todo o sempre, como exemplos lúdicos, iniciáticos, como uma maneira muito pessoal de estar neste mundo.

Roby Amorim

Jogos sem resultado?

«O homem enquanto homem só se realiza plenamente quando joga»

Shiller.

Parece não haver grande controvérsia em estabelecer que o *Homo Ludens* terá precedido o *Homo Faber*. Quer dizer, antes de ter trabalhado, o homem terá praticado jogos. E, a acreditar nas previsões de Toffler em que o homem do futuro, trabalhará cada vez menos e brincar-se-á cada vez mais, (isto, obviamente, se Saddam Hussein deixar), é, desde já, oportuno pensar nos modos que a gente tem de jogar.

Sem ser uma peculiaridade do ser humano, pois está provado que os animais, principalmente os mamíferos, fazem, com diversos fins, vários jogos, a actividade lúdica é, sem dúvida, uma das manifestações mais interessantes e importantes da vida e da organização sociais.

Elemento determinante para conhecer o indivíduo e o grupo social a que ele pertence, o jogo tem sido um preferencial objecto de investigação por parte de estudiosos das mais diversas disciplinas.

Diferentes dimensões podem ser observadas na actividade lúdica: exercício de desenvolvimento e destreza sensorio-motora, de imaginação e inteligência; rito de iniciação e de socialização; forma de treino e educação; virtualização de defesa ou sedução; estratégia social de interiorização de normas e valores; emulação de agressividade, competição, força, luta, guerra.

Os jogos populares sempre foram vistos como um reservatório da arte e engenho de um povo para divertir, ensinar, e comunicar. O jogo, como instrumento e técnica de circulação de cultura, valores, normas, ritos e mitos, pode igualmente ser visto, e estudado, como um medium comunicativo entre as comunidades, de alta valia.

Simbologia e jogo fazem em regra uma grande e indissociável parêntese. O jogo como meio de comunicação de um povo é um tema apaixonante. Todas as formas humanas, como diria Julia Kristeva, estão carregadas de significado. Os jogos populares não são apenas simples divertimento. A jogar se ensina, a jogar se aprende. No jogo está muito do sentido da vida de um povo.

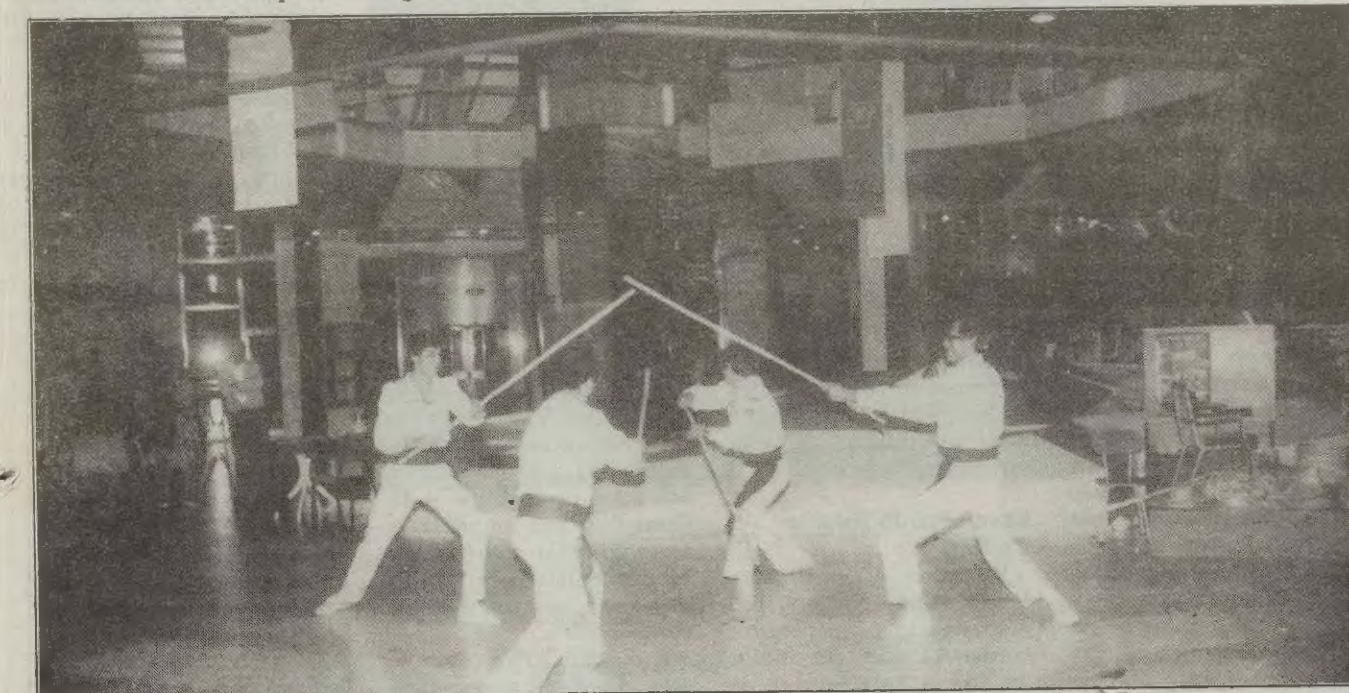
Os jogos tradicionais ou populares portugueses são parte integrante do nosso património cultural. Como tal precisam de ser inventariados, interpretados, lembrados, porventura, reconstituídos. No seu conteúdo substantivo, na sua forma, estrutura ou conjunto de regras, na sua técnica. É necessário continuar a obra de um Jorge Dias, de um Veiga de Oliveira ou de outros etnólogos e antropólogos. Porém,

é preciso não exagerar, e não esquecer, que eles funcionam e valem nas condições e contexto sociológico em que se desenrolam. Em cada época, cada povo, cada geração tem os seus jogos. E por isso é que esses jogos valem o que valem.

A meu aviso, os jogos do «pau», da «pelá», ou da «boiada», valem para estudar, explicar e compreender Portugal e os portugueses. Mas

não estou a ver que tenha sentido pôr os portugueses a praticar esses jogos. A não ser aqueles - e ainda são muitos com certeza - aqueles portugueses que vivem nesse contexto. O drama porém será outro. O que será mais importante fazer-lhes: tirá-los desse contexto, proporcionando-lhes outra vida, outras condições, ou pô-los a jogar «à marra»?

J. M. Paquet de Oliveira



vulgado e ensinado o jogo do pau no distrito da Guarda, através das três escolas que possui nesta cidade, em Seia e em Gouveia.

No Encontro Nacional do Jogo do Pau participaram jogadores das regiões da Guarda, Minho, Ribatejo e Estremadura, que demonstraram as técnicas das escolas de origem e realizaram sessões de animação nas feiras e romarias da zona.

Relação com as estruturas tradicionais

De acordo com Veiga de Oliveira, o «jogo-combate», característico do Norte de Portugal, relaciona-se com as estruturas tradicionais da vida e da sociedade campestre e corresponde ao período clássico e heróico desse tipo de vida, em que as comunidades viviam fechadas nos seus valores próprios (...) e o policiamento dos costumes era pouco operante.

Um pau de marmeleiro, carvalho, castanho, ou mesmo junco ou de lóvão, «elemento normal da indumentária do homem do campo», como apoio e como companhia transformou-se, com o rodar dos tempos, «num meio preventivo e de defesa contra perigos reais ou potenciais», podendo ser-

vir, tanto causas integradoras como causas desintegradoras.

O jogo do pau e o «complexo religioso» em que se integra parece resultar de profundas tendências do homem, em que a agressividade não se dissocia de um ludismo basililar, considero o mesmo etnólogo.

Presentemente, esta arte marcial está longe desses tempos de glória, quando os homens lutavam apenas com as armas que tinham à mão, fossem elas paus, pedras, alfaia agrícolas ou outras.

O «jogo-combate» desapareceu das «Terras do Demo» mas, como eco dessa gesta bárbara e forte de um Portugal que já morreu, de que fala Aquilino, renasce hoje como desporto nas mesmas terras, para homens e mulheres de diferentes proveniências.

As armas que o povo fez e que a natureza lhe proporcionou foram perdendo a sua «capacidade de serviço», primeiro com a proliferação das armas brancas e, mais tarde, com o aparecimento das armas de fogo.

Além do jogo do pau, vamos encontrar vestígios dessa maneira de o povo se armar, onde as coisas todas

começaram por brincadeiras de miúdos, como é o caso da funda do pastor, a mesma com que David matou o gigante Golias, no Médio Oriente, disse Louza Henriques.

O imaginário popular está povoado de episódios mais ou menos lendários, cenas heróicas de homens e mulheres a lutar sozinhos contra exércitos inteiros, contra grupos mais numerosos ou adversários mais fortes.

Ao longo da história, particularmente em épocas de crise, tais imagens têm servido de alimento precioso à consciência nacional e ao sentimento patriótico.

Uma padaria portuguesa, de Aljubarrota, teria desbaratado com a sua pá, durante a crise de 1383-1385, sete castelhanos que se tinham refugiado no forno de cozer o pão e a célebre Maria da Fonte, essa mulher lá do Minho que da foice fez espada, em plena época liberal, constitui o tema de um hino, ainda hoje entoado com igual fervor por monárquicos e radicais de esquerda.

Desde o século XIX que o jogo do pau, a que chamam «esgrima nacional» é praticado no Sul - Lisboa e Ribatejo, fundamentalmente - num estilo mais aberto e

dentro de um espírito lúdico-desportivo.

Como variante deste jogo-desporto, aponta-se o fandango de varapaus, dança popular da Lezíria em que dois campinos se defrontam, simulando um combate de bravura ao ritmo da música.

O próprio rei D. Carlos foi um grande jogador de pau, tendo tido por mestre João Maria de Oliveira, «o Saloio», nascido na capital em 1805, e apontado como tendo sido o fundador da «escola de Lisboa».

«Esta esgrima, que sobrevive ainda no Oriente e quase desapareceu no Ocidente, recebeu em Portugal, características do modo de ser português, especialmente do Homem do Norte e do Centro, até Galiza», acentua Louza Henriques.

Instituições como a Associação de Jogos Tradicionais da Guarda mergulham agora na alma de uma «Nação valente» e fazem da tradição popular portuguesa, mesmo quando no passado ela foi sinónimo de alguma violência, um instrumento necessário na formação das camadas jovens que já demonstraram o seu interesse por artes marciais de outras paragens.

José Domingos/Lusa

Arma do povo com grandes tradições

Jogo do pau regressa como desporto

Um simples pau foi, durante séculos, a arma de glória dos que não eram armados cavaleiros. O camponês criou e aperfeiçoou a sua própria esgrima - o jogo do pau -, que renasce hoje como desporto para ganhar e perder.

Actualmente, em Portugal, o jogo do pau está a ser recuperado por algumas instituições culturais, nomeadamente a Associação dos Jogos Tradicionais da Guarda, que organizou entre 10 e 20 de Agosto, em Figueira de Castelo Rodrigo, o Encontro Nacional do Jogo do Pau.

Desde tempos remotos, que na maior parte dos países da Europa, incluindo Portugal, e mesmo no Extremo Oriente, como Índia, China, Japão, Tailândia, Vietname e Afeganistão, o uso das armas brancas era interdito às classes populares.

O etnólogo Louza Henriques, referindo-se ao caso português, afirma que «só o

filho de algo, só o donatário ou o senhorio podia usar armas, fossem elas espadas, floretes ou outras de lâmina».

«O povo desenvolveu uma arma muito simples: um pau, com o qual era capaz de fazer uma esgrima tão bem elaborada, que duvidou que alguém com espada lhe conseguisse chegar ao pélo», acrescenta.

Também no Oriente era vedado o uso do sabre aos plebeus, esclareceu um especialista de artes marciais, natural de Macau.

Pedro Choi entende que a criação de alternativas de defesa pelo homem rural, quer na China quer no Japão, se deveu sempre a um permanente conflito de interesses económicos-sociais.

Assim, por exemplo, o «nunchaku», conhecido em Portugal pela designação de «matracas», não é mais do que a adaptação de uma alfaia agrícola, o manguel do

arroz, muito utilizado na antiga China.

«Os lavradores chineses, frequentemente atacados e assaltados por malfetores bem armados de sabre e faca, viam os seus haveres desaparecer irremediavelmente, devido à precariedade das defesas de que dispunham, explica aquele instrutor de «Karaté».

«À semelhança do «kunchaku», o pau chinês, nasceu como arma auxiliar da luta com as pernas, excitando ainda o pau japonês, o «boken» que, sendo inicialmente um mero substituto dos sabres dos samurais, do qual herdou a forma, veio a tornar-se uma arma de impacto tão eficaz como aquele», diz Pedro Choi.

Por outro lado, segundo Louza Henriques, o jogo do pau português também não era uma coisa ingénua, com quem malha numa eira. Era uma arte elaborada, com passos, estilos, paradas de

defesa e de ataque.

Inventariar os jogadores

Na sua opinião, nunca foram devidamente estudados nem inventariados os jogadores do pau, que deixaram a sua nomeada quase desportiva, como se fala hoje de um futebolista ou de um bom corredor.

Por seu turno, o investigador Ernesto Veiga de Oliveira, no livro «Festividades Cíclicas em Portugal», lembra que a tradição oral e novelística regional «estão cheias de gestas destas proezas homéricas e de figuras de jogadores de pau famosos, ora de uma ferocidade assassina, ora paladinos de uma nobreza de sentimentos igual à sua bravura».

Em «Novelas do Minho, Camilo Castelo Branco faz referência a um «homem valente como as armas», o João Couto, da Samardã que, por volta de 1820, jogava de

tal jeito que em romaria onde fosse, «as baionetas dos soldados voavam das espinhargas».

João do Couto, que matara dois homens a pau e faca, «saltava por cima de um homem e ficava em guarda com o pau atravessado», sendo costume gabar-se de «ter espalhado com a ponta do pau romarias em peso».

Ao narrar a história da figura do «Malhadinho», Aquilino Ribeiro descreve o seu jogo cerrado e curto» contra o fanfarrão de Santa Eulália, e não deixa de sublinhar a arte do mestre que o ensinou, o Chico Pedreiro, de Ermesinde, que seria capaz de parar com o pau as pedradas que dois homens lhe atiravam.

Para Veiga de Oliveira, o desaparecimento do jogo do pau representa não só a perda de uma técnica de combate «extremamente original e adequada», mas ainda o que resta desse

«clima heróico e másculo, que ele ajudara a modelar, numa sociedade já totalmente domesticada».

Mas os actuais jogadores, que aprendem em estabelecimentos muito semelhantes, as escolas de «karaté» que proliferam no país, já não são apenas homens. Há também mulheres interessadas na prática da modalidade, e raramente são pessoas do campo a querer redescobrir a valentia de seus avós.

Um dirigente da Associação de Jogos Tradicionais da Guarda, praticante do jogo do pau, Pires Veiga, disse que dos 60 praticantes distribuídos pelas três escolas da região, provenientes de profissões diversas, muitos são mulheres e a maioria deles tem idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.

Aquela associação, em conjunto com o grupo «Amigos do Jogo», tem di-

A.M.A.

Auto Monumental do Arquivo

Auoi

VW

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA

B R E V E S

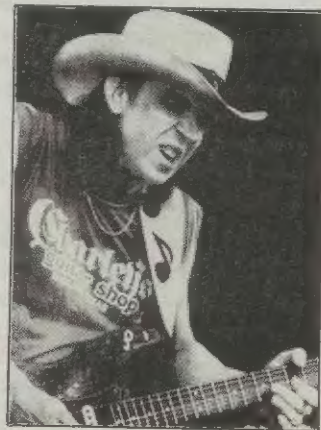
Santareno morreu há 10 anos

O dramaturgo Bernardo Santareno morreu hoje 10 anos — lembra a Lusa — que acrescenta que a sua obra pouco foi representada por companhias profissionais, após a sua morte. Isto — diz — apesar de alguns considerarem o maior dramaturgo português depois dos anos 50. Segundo dados da Sociedade Portuguesa de Autores, na última década, apenas cinco companhias representaram Santareno, «sendo a maioria amadoras».

Stevie Ray Vaughan morre em acidente de helicóptero

O guitarrista norte-americano Stevie Ray Vaughan morreu ontem, num desastre de helicóptero, perto de East Troy (Wisconsin). Com o guitarrista morreram quatro outras pessoas, entre as quais membros da banda de Eric Clapton. Clapton não se encontrava entre os passageiros do voo. Stevie Ray Vaughan obteve um «grammy», a mais alta recompensa para a canção e a música nos Estados Unidos.

Stevie Ray Vaughan nasceu em 1956, em Dallas, em Texas, e chamou a atenção sobre si quando David Bowie o recrutou para o seu álbum «Let's dance». Antes, porém, em 1981, Stevie aproximara-se dos Rolling Stones e em 1983 editara o seu primeiro álbum («Texas Flood»). Com esta primeira obra impõe um estilo que deve muito a Hendrix, do qual ele retomará a canção fétiche «Voodoo chile».



SOCIEDADE: «IDEIAR-INDÚSTRIA DE ESTAMPARIA, IMAGINAÇÃO E ARTIGOS DE RECLAME, LIMITADA»
Por escritura de 22 de Dezembro de 1989, lavrada a folhas 41 v.º a 44 v.º, do livro 46-D, do Cartório Notarial de Alagôis, foi constituída entre LUIS MANUEL DE MENEZES PEREIRA e MARIA MANUEL SANTOS PINTO SAYANDA DE MENEZES PEREIRA a sociedade acima referida, cujos estatutos são os seguintes:

1. A sociedade adopta a denominação «IDEIAR-INDÚSTRIA DE ESTAMPARIA, IMAGINAÇÃO E ARTIGOS DE RECLAME LD.ª» e tem a sua sede na Rua de São Sebastião da Pedreira, número duzentos e seis, em Lisboa, freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa.

2. Sem dependência de deliberação dos sócios, pode a gerência deslocar a sede social dentro do mesmo concelho ou concelho limítrofe, bem como criar sucursais, delegações e outras formas de representação no País e no estrangeiro.

3. A sociedade tem por objecto a indústria e comércio de artigos de reclame e de plásticos, importação e exportação.

4. O capital social é de QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de duas quotas iguais de duzentos mil escudos cada uma, pertencendo uma a cada sócio.

5. A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo de ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

6. A sociedade obriga-se com a assinatura de um só gerente.

7. É vedado aos gerentes o uso da denominação social em actos e documentos estranhos aos negócios da sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações e outros semelhantes, sob pena da responsabilidade ser individual e não social.

8. Apenas é livre a cessão de quotas entre sócios.

9. A cessão a não-sócios depende do consentimento da sociedade, à qual em primeiro lugar e aos restantes sócios em segundo é ainda reservado o direito de preferência nas cessões onerosas.

10. Verificando-se que foi efectuada uma cessão de quotas sem prévio consentimento da sociedade, esta fica com o direito de amortizar a referida quota cedida, apenas pelo seu valor nominal se outro inferior não resultar do balanço contabilístico efectuado para o efeito, porque, neste caso, será por este último que se efectuará o pagamento.

11. A sociedade poderá ainda amortizar as quotas de qualquer sócio pelo valor que lhes for atribuído em balanço especialmente elaborado para o efeito, salvo nos casos em que a lei disponha imperativamente de modo diverso, nos seguintes casos:

a) Arresto, arrolamento ou penhora da quota;

b) Inexistência ou falência do sócio titular;

c) Venda ou adjudicação judicial.

12. O pagamento da amortização será efectuado em três prestações anuais, e a quota amortizada poderá figurar no balanço como tal e, posteriormente, por deliberação dos sócios, em sua substituição poderão ser criadas uma ou várias quotas destinadas a ser alienadas a um, a alguns sócios ou a terceiros.

13. As assembleias gerais serão convocadas por qualquer dos gerentes e deverão ser feitas por meio de carta registada, com aviso de recepção, com antecedência mínima de quinze dias.

14. Para todas as questões que possam emergir deste pacto social, compete o foro da comarca de Lisboa.

A presente certidão tem 3 folhas.

Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, em 18 de Abril de 1990.

A 1.ª Adjunta,

Leonor Maria Guimarães de Sá

Gastão e Vasco polémicos em «A Phala» de Verão

A gratuita e sobretudo gratificante revistinha da Assírio & Alvim, «A Phala», acaba de publicar mais um número, o 19, com o anúncio de novidades, cinco perguntas (e outras tantas respostas) a Gastão Cruz e Vasco Pulido Valente e a continuada crença de Manuel Hermínio Monteiro no Livro.

Diz o director de «A Phala» que «um bom livro suporta muito mais a erosão do tempo do que um castelo ou um palácio». Por isso, o livro «matém claro o seu percurso triunfante desdenhando os profetas da desgraça». E conclui MHM, ao jeito de poeta que se ignora: «O livro é a janela da especial observação das paisagens da vida (...). Quando mais tarde se relê, (...) constatamos surpresas que à narrativa e ao tempo que lhe são intrínsecos se agregou outro tempo, lugares, sensações. Esta osmose produzida durante a primeira leitura entrou na nossa vida».



Sylvia Plath

dias. É que — diz GC — «a área referente à poesia portuguesa contemporânea é, por exemplo, no mais divulgado dos nossos manuais de história da literatura, o de A.J. Saraiva e Oscar Lopes, um modelo de falta de critério, de desinformação, de confusão».

Vasco Pulido Valente e a SEC

Polémico é igualmente Vasco Pulido Valente. Em resposta a uma das perguntas de «A Phala», diz o autor de «As Avestas» sobre as relações da Cultura com o Poder.

«O Estado devia ocupar-se do património (da cultura 'feita') e não se intrometer na cultura que se faz. Ou seja, não devia haver um Ministério ou uma Secretaria de Estado da Cultura. A única solução razoável seria que o Estado administrasse o património

através de um Instituto verdadeiramente autónomo, e que os artistas e os intelectuais se administrassem a si próprios através de um Conselho Nacional das Artes, também autónomo. As responsabilidades e as contas ficariam à vista e a crítica aos actos do Instituto e do Conselho, não implicando oposição ao Governo (matéria sempre delicada em Portugal), tornar-se-ia mais livre e consequente».

E conclui VPV, como se sabe, ele próprio ex-secretário de Estado da Cultura:

«Era a isto que eu queria chegar, quando resolvi sair da SEC. Infelizmente, as coisas não correram como eu esperava».

Sylvia Plath e «As Túlipas»

«Deixa a vida correr, um velho cargueiro com trinta

anos / agarrando-se obstinadamente ao meu nome e endereço» — assim se autorretratava Sylvia Plath no poema «As Túlipas». Um poema que ela, em 1961, numa carta dirigida à mãe, dizia não saber quando o «The New Yorker» lho publicaria.

Esta carta (em tradução de António Costa) surge agora em «A Phala», numa chamada de atenção para a antologia de poemas de Sylvia Plath recém editada pela Assírio & Alvim, sob o título «Pela Água» (edição bilingue, com versão portuguesa da responsabilidade de Maria de Lourdes Guimarães).

«As Túlipas» — o tal poema a que Sylvia aludia, faltavam catorze meses para se suicidar, com 30 anos de idade — surge na antologia. Recordem-se dele estes versos: «Mais do que tudo o vermelho intenso das túlipas fere-me / (...) / As túlipas deviam estar atrás das grades como animais perigosos; / abrem-se como a boca de um felino africano, / e é ao meu coração que estou atenta: ele abre e fecha / o seu vaso de florescências vermelhas pelo puro amor que me tem».

Herberto e Bénard

É já que se fala de poemas, diga-se que «Poesia Toda», de Herberto Helder, vai sair, ainda em 1990, na Assírio & Alvim. É uma boa notícia, só comparável a estouta que «A Phala» confirma e o DL já dera há um mês: João Bénard da Costa vai publicar um livro com textos de cinema. Ele tem centenas, os que vão aparecer na Assírio & Alvim são os publicados em «O Independente» sob o título «Os meus filmes da vida / Os filmes da minha vida».

Que a edição seja ilustrada (tal qual os textos na sua versão primeira) é o que se deseja.

R. da S.

Exposição de Jorge Martins em Faro

Inaugura-se no próximo dia 5, na galeria municipal de Faro, uma exposição de pintura de Jorge Martins. Trata-se da primeira exposição do pintor desde a sua participação na Trienal de Desenho, organizada em Barcelona pela Fundação Juan Miró. Jorge Martins, de 50 anos de idade, vive actualmente em Lisboa e em Paris, cidade para onde partiu em 1961.

No pequeno catálogo sobre a exposição de Faro reproduzem-se dois excelentes textos sobre a pintura de Jorge Martins, subscritos por José Gil e Filomena Molder.

Afirma José Gil: «Jorge Martins dá um lugar privilegiado à sombra. A tal ponto que se tem a impressão, às vezes, que não é nem a luz nem a matéria nem o movimento que essencialmente o preocupam. O que é a sombra? Um instrumento que se analisa, sem dúvida: certos desenhos parecem radioscopias da matéria. Mas um instrumento que se anali-

za a ele mesmo. A sombra não só decompõe a luz — como, com humor, um desenho, a preto e branco, do espectro luminoso no-lo sugere — mas, sobretudo, a obscuridade. A modulação da luz, a sua intensidade e dispersão, o movimento e o repouso, a textura da matéria, o liso e o rugoso, o volume, a velocidade da incandescência, são obtidos por jogos de sombras».

A sombra existe em si, é um revelador, um filtro. Não é a luz incidindo sobre um corpo opaco que produz a sombra, mas a textura do corpo, a sua densidade que nela se desvendam».

Acerca de Jorge Martins, Maria Filomena Molder escreveu:

Ao recusar o ornamento, ao evitar a fórmula decorativa, o pintor não recusa uma coisa qualquer, porque a fórmula decorativa não investe apenas a ocidental ajuste do pequeno gosto com a informação dominante. O decorativo, como diria Matisse, é uma qualidade essencial, o ornamento é a figura do particu-

lar orientada numa ordem, quer a do universo, quer a da cidade, sua reprodução simbólica (em grego, aliás, a mesma palavra, kosmos, significava universo, ordem e ornamento). O ornamento é sustentado numa relação distinta do cima e do baixo, do superior e do inferior. Assim, o ornamento é o efeito da criação e do seu espírito providencial: tudo está em seu lugar e tudo está em função de outros lugares e é exactamente esse espírito providencial que o pintor excede. A desistência daquela qualidade essencial determinou o artista a voltar o olhar para o muito antigo, apagando as direcções, esquecendo-se dos mapas, queimando memórias e espalhando as suas cinzas, um movimento para o irrepresentável, sem retrospectiva, sem perspectiva. É esse o seu lugar».

A exposição estará patente ao público de 5 a 30 de Setembro, na Galeria Municipal de Arte, de segunda a domingo, das 9 às 19 horas.

VIDEO CATÁLOGO

Instantes de ilusão

Os duros não dançam. É uma questão de temperamento. Mas há muitos anos, no país das fadas, havia uma linda princesa que tudo dava para se transformar na melhor bailarina do reino do senhor seu pai. Consta que lhe arranjaram uns sapatos vermelhos de efeitos garantidos. O feitiço virou-se contra o feiteiro ou contra aquela que o tentou: a princesa nunca mais teve sossego, nem pôde parar de rodopiar pista fora. Quem muito quer...

Os tempos são outros, mas a verdade é que tais histórias, rematadas pela magia, continuam a surtir certo efeito. O cinema aproveitou-se do facto. Filmou histórias de encantar, protagonizadas por meninas de alma inocente e por homens dados ao cavalheirismo, cujo idílio era quase sempre acompanhado por inspiradíssimos temas de amor. Assim nasceu todo um género cinematográfico — o musical —, que conheceu os seus momentos altos graças ao talento de homens e mulheres como Astaire, Kelly, Ginger Rogers, Cyd Charisse e, «last but not the least», antes pelo contrário, Mestre Vicente Minnelli.

Nos Estados Unidos, há todo um conjunto de obras dos anos 30 a 60 que estão representados no mercado videográfico em regime de venda directa. Em Portugal, o panorama é bastante mais pobre.

No pequeno conjunto de musicais clássicos editados em vídeo entre nós, contam-se, porém, algumas pérolas da cinematografia mundial. Não basta. Não só porque faltam muitas outras, mas também porque as existentes só estão disponíveis nos videoclubes.



representados no mercado videográfico em regime de venda directa. Em Portugal, o panorama é bastante mais pobre.

No pequeno conjunto de musicais clássicos editados em vídeo entre nós, contam-se, porém, algumas pérolas da cinematografia mundial. Não basta. Não só porque faltam muitas outras, mas também porque as existentes só estão disponíveis nos videoclubes.

Nos Estados Unidos, há todo um conjunto de obras dos anos 30 a 60 que estão

representados no mercado videográfico em regime de venda directa. Em Portugal, o panorama é bastante mais pobre.

No pequeno conjunto de musicais clássicos editados em vídeo entre nós, contam-se, porém, algumas pérolas da cinematografia mundial. Não basta. Não só porque faltam muitas outras, mas também porque as existentes só estão disponíveis nos videoclubes.

«Dançando nas Nuvens», «On the Town» e, acima de todos, o único dos três que está editado em vídeo: «Serenata à Chuva», filmado em 1952. Desde então, só lhe chamaram coisas bonitas: o maior cult movie da história do género musical, obra prima imprescindível, etc., etc., etc. Mais elucidativa do que qualquer adjectivo será, no entanto, a memória que toda a gente, sem excepção, guarda de momentos-chave, como aquele em que Gene Kelly dança à chuva, sob o olhar circunspecto de um agente de autoridade que nunca tal vira em dias da sua vida.

Ao formidável golpe de asa que é um musical deste calibre, estava subjacente, porém, uma sólida pre paração. Como de costume, a poderosa Metro pouco deixava para o acaso decidir. Assim, ao apadrinhar a rodagem de um filme vagamente passado na década de 20, produtores e realizadores não se contentaram em transformar Cyd Charisse numa «flapper» de boquirolha, vestido aberto e cabelo cortado à moda de Louise Brooks.

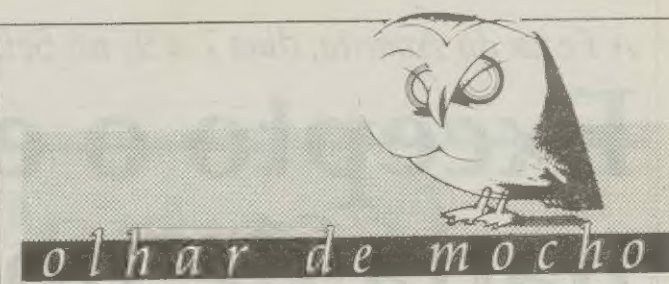
As canções que constam da banda sonora de «Serenata à Chuva» datam também elas dos últimos anos dessa década lendária, quando o musical ainda era uma criança. O resultado é aquilo de que todos se lembram: breves instantes de ilusão, iluminando para sempre o écran da nossa vida.

Maria João Martins

Como não serve de nada protestar, ninguém protesta e todos refletem. Não serve de nada mas sempre alivia a bilis do fígado e acalma os nervos. Mas não fica bem à RTP fazer descaradamente propaganda dos protestantes e do negócio do protesto sabendo que a alma portuguesa é refilona. Com a alma portuguesa não se brinca, nem nas férias de Agosto: a refilar é que a gente se entende.



José Sousa Montelero



olhar de mocho

Protestantes

Por vezes ficamos com a sensação de que estão a chuchar connosco. Jornal de Domingo, Agosto, dia 26: sem se saber a que propósito, sem qualquer relação com os temas quentes do dia, Golfo, futebol e mais desportos, surge no ecrã a cara simpática da locutora, e sem aviso prévio de que se estaria a inaugurar a secção satírica do boletim informativo, vem um sermão a recordar as homilias das missas dominicais: os portugueses protestam pouco, há poucos protestantes entre nós, não existem hábitos arreigados de protestar. Protesta-se pouco, não se protesta. Para dar força à sátira tivemos até imagens de umas rouletes espalhadas pela cidade para que os cidadãos possam exercer o direito de protestar.

Já é conhecida a religião do protesto — os protestantes. Mas que o protesto também seja indústria, ainda não estava claro. Protestar como e para quê?

Exemplo número um: fornecimento de água canalizada, depois de pagas todas as taxas de colocação do respectivo ramal, do contador e de liquidar inúmeras facturas com metros cúbicos de ar em vez de água. Protestos aos serviços responsáveis. Cartas, telefonemas (cada metro cúbico de água, quando a temos, custa o preço da água mais o dos selos e telefones), recados a jornalistas para que ajudem no protesto. Serve para alguma coisa? Algum português já conseguiu ter água em casa por ter protestado?

Exemplo número dois: meados de Agosto. Amigos que fizeram férias nos Açores têm chegada marcada para a Portela às quatro e vinte da tarde. Tentativas de telefonar para os serviços do aeroporto — ANA e voos domésticos da TAP — para confirmar a hora de chegada do avião: ninguém sabe nada, ninguém pode dar informações concretas. Viagem de carro até Lisboa com chegada sincronizada com a do avião dos Açores. Das quatro horas, passa-se para as seis, destas para as nove e meia, daqui para as onze e a aeronave só poisa à meia-noite e meia. Quase dois contos para pagar o estacionamento nas barbas do aeroporto. Protestar junto de quem e para quê? Alguém não escuta? Alguém nos devolve o «cacau» inutilmente gasto? Os serviços de informação funcionam?

Exemplo número três: buracos na estrada. De uma vez foi-se uma jante, da outra uma panela do escape. Protestar junto de quem? protestar para quê? Haverá, acaso, alguma tradição de jurisprudência no país que obrigue os responsáveis pelos buracos nas estradas a pagar pelos danos sofridos pelo utente? Poluidor, pagador, diz solenemente o Macário. E quando o Estado é o poluidor por não cumprir a sua obrigação de construir estradas como mandam as normas, estradas que não ficam logo poluídas de buracos devido ao desleixo dos que adjudicam as empreitadas, também paga o que deve?

Como não serve de nada protestar, ninguém protesta e todos refletem. Não serve de nada mas sempre alivia a bilis do fígado e acalma os nervos. Mas não fica bem à RTP fazer descaradamente propaganda dos protestantes e do negócio do protesto sabendo que a alma portuguesa é refilona. Com a alma portuguesa não se brinca, nem nas férias de Agosto: a refilar é que a gente se entende.

M. J. M.

A Festa do Avante, dias 7 a 9, no Seixal

Excepto o espaço nada de novo

A «Festa do Avante» vai realizar-se pela décima quarta vez nos dias 7, 8 e 9 de Setembro. Com o público há muito conquistado, as iniciativas que pouco acrescentam ao que já fora feito, mas com um espaço novo que, ao contrário dos anteriores, será definitivo - a Quinta da Atalaia no Seixal. Era uma necessidade, segundo nos referiu Joaquim Judas, do Comité Central do PCP, a quem o DL procurou para saber o que realmente vai acontecer.

- Quais serão as novidades desta décima quarta edição da Festa do Avante? Já sei que têm um espaço vosso: a Quinta da Atalaia no Seixal...
- Era uma necessidade. Em 14 anos de festa, já passámos por uma série de sítios (da FIL para o Jamor, do Jamor para o Alto da Ajuda, dali para Loures). Acabamos sempre por ser impedidos de ficar.

- Foi um grande investimento?
- Sim, até porque para melhorarmos a festa, teríamos

de iniciar um trabalho de raiz que só assim se torna possível.
- Mas quanto é que custou?
- Estamos a realizar uma campanha de fundos, cuja meta são 150 mil contos. Já ultrapassámos metade. Por isso, pedimos a compreensão das pessoas para o facto de nem todas as áreas serem de acesso ao público. Algumas delas são muito íngremes ou de vegetação delicada. Convém, por isso, o acesso reservado.

- A Festa em si fica cara...
- Muito cara, mas é claro que nós fazemos tudo para que ela se pague, através dos preços das entradas, dos bares, das várias iniciativas.

Os espectáculos
- Fale-me agora em termos de espectáculos. Como é que vai ser?

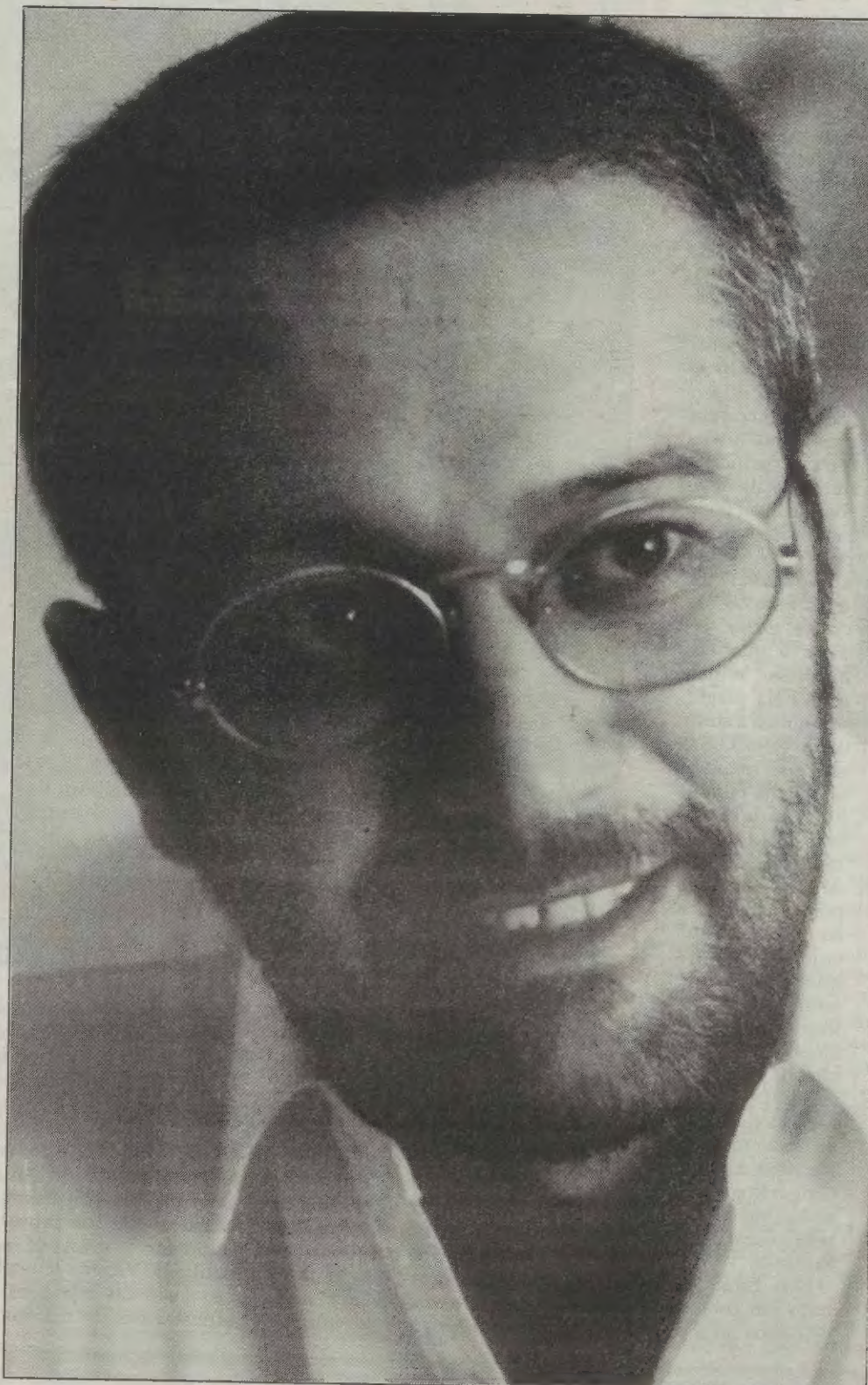
- Ainda é um pouco cedo mas, de qualquer forma, continuamos na linha do que se viu e ouviu nas festas anteriores. Teremos uma P.A. com cerca de 70 mil watts e uma maior instalação de luzes.

não podia deixar de ser, destacaremos ainda a música africana com o Paulino Vieira. São músicos que talvez não constem dos *tops*, mas que, para nós, são uma garantia de qualidade.

- E música portuguesa?
- Apresentaremos um leque muito variado: desde o Fernando Tordo aos Telectu, constituído pelo Vítor Ruas e pelo Lima Barreto, passando pelo Paulo de Carvalho, Júlio Pereira e Rádio Macau, todos eles com inéditos.
- Para além da música, estão representados outros espectáculos?

- Teremos o Avanteatro, com uma peça representada por um grupo de Timor Leste, o Teatro Infantil de Lisboa e o Mário Viegas com o regresso do Bucha e Estica.

- Ainda em relação à música, que tal são as condições sonoras disponíveis nesta Festa?
- Há uma melhoria. A instalação é diferente da anterior. Temos uma P.A. com cerca de 70 mil watts e uma maior instalação de luzes.



Joaquim Judas, do comité central do PCP: «a meta da campanha de fundos são 150 mil contos...já ultrapassámos metade»

- Costumam haver exposições, constituídas por obras de jovens artistas.
- Sim, haverá o «Tomar a Iniciativa» que este ano será consagrado à fotografia e ao Tejo Haverá, por outro lado, a Inforfesta, em que a história da luta do partido está disponível por meios informáticos e uma exposição relativa à evolução da informática no mundo.

O debate político na Festa do Avante

- A Festa do Avante não costuma descurar a mensagem política. Como é que vai ser este ano?

- Haverá um Fórum, uma zona de debates no pavilhão central, consagrado ao ideal comunista e à situação real do país. Apresentaremos 270 peças do Museu do Partido e

na Cidade Internacional teremos os chamados momentos de solidariedade.

- Em que consistem esses momentos?
- Podem tomar formas várias, intervenções com grupos e pessoas conhecedoras das regiões com que nos solidarizaremos.

- Quando é que haverá cinema, na Festa?

- Teremos vídeo, mas não estão ainda reunidas todas as condições para se ver cinema, tal como não estão para se ouvir música clássica.

- E o vídeo, o que é que se vai ver e para quê?

- Será utilizado como suporte documental, na área da Inforfesta e também na divulgação da mensagem política junto dos visitantes. É de referir, por outro lado, que a arquitectura da Festa

incluía reproduções da nossa arquitectura mais típica.

- Por exemplo...
- Uma mostra de cantaria, recantos de Lisboa antiga, calçada à portuguesa, essas coisas...

As grandes novidades acontecem, no entanto, no sector desportivo.

- Sim?

- Pela primeira vez, devido às condições do terreno, teremos os desportos náuticos (a canoagem e vela), para além do tiro ao alvo com dardo. Já temos 686 inscrições para a Corrida da Festa.

- Diga-me lá, o que lhe parece este programa?

- Variado e atractivo para uma juventude que nunca deixou de aderir à Festa do Avante.

M. J. M.

DESPORTO

Rosa volta a perfumar Portugal

Elsa Amaral segue em frente

Elsa Amaral qualificou-se para as meias-finais de 800 metros dos europeus de atletismo, em Split, ao correr a distância em 2.01,21 minutos, novo recorde nacional. Este atleta do FC Porto, retirou 47 centésimos ao anterior máximo português, obtendo o quinto lugar na primeira das três séries da eliminatória inicial, ganha por Sigrun Wodars, da RDA, com 2.00,31 minutos.

Na segunda série triunfou Tuderita Chidu, da Roménia, com 2.01,62, e a terceira foi ganha por Christine Wachtel, da RDA, com o tempo de 2.00,82 minutos.

Passaram às meias-finais, a disputar hoje, as quatro primeiras de cada série e as quatro restantes atletas mais rápidas.

1.ª série: 1.ª, Sigrun Wodars (RDA), 2.00,31; 2.ª, Lyubov Gurina (URSS), 2.00,47; 3.ª, Ella Kovacs (Rom.), 2.00,54; 4.ª, Ellen van Langen (Hol.), 2.00,69; 5.ª, Elsa Amaral (Por.), 2.01,21 (qualificada); 6.ª, Aurica Miltrea (Rom.), 2.01,44.

Rosa Mota fez sofrer os portugueses na sua despedida do Campeonato da Europa de Atletismo, em Split, mas conquistou a sua terceira vitória consecutiva naquele que foi o mais difícil triunfo da sua carreira.

Na primeira jornada dos europeus, os portugueses festejaram a terceira vitória de Rosa Mota e o recorde nacional de Elsa Amaral nos 800 metros com a qualificação para a meia-final quase foi esquecido.

Entre os 16 portugueses, metade da comitiva, que competiram ontem, muitas foram as decepções, mas elas foram contrabalançadas com o sofrimento que redundou numa alegria diferente após Rosa Mota ter cortado a meta.

Foi a primeira vez que Rosa Mota ganhou uma maratona com uma vantagem tão pequena — cinco segundos — frente à soviética Valentina Yegorova, uma atleta que no início deste ano já recebera várias prendas da tricampeã da Europa. Isso aconteceu em Osaka, no Japão, onde Rosa Mota contribuiu para a felicidade da soviética ao ter-lhe dado um saco e um boneco para o filho da maratonista soviética, que lançou os olhos a um presente que Rosa Mota tinha em mãos. Ao aperceber-se da alegria de Yegorova, Rosa acedeu em a tornar feliz.

Ontem, no entanto, Yegorova quase retribuiu esse presente de maneira diferente, causando um grande susto à campeã olímpica e mundial.

Rosa Mota chegou mesmo a admitir que poderia ter perdido a corrida, mas, uma vez mais, foi José Pedrosa quem anteviu a perseguição da soviética e aconselhou Rosa Mota a não se incomodar. Mas, apesar dos conselhos, José Pedrosa era um homem preocupado: correu muitas vezes ao lado da atleta ao longo do percurso, ultrapassou barreiras intransponíveis, sofreu como nunca, porque Rosa Mota com os seus olhares para trás conseguiu ainda enervar mais as pessoas.

Elsa e os outros

Foi a maratona do sofrimento numa tripla vitória que tem um sabor diferente de todos os outros títulos. Esta foi a maratona da despedida de Rosa Mota em campeonatos da Europa, que dedicou o triunfo a «todos os portugueses e, em especial, a José Regalo», que a acompanhava no estágio efectuado na Suíça e Holanda, no último mês.

Se Rosa Mota sofreu, mas ganhou, Conceição Ferreira, sofreu, mas desistiu, aos 20 quilómetros, queixando-se da chamada «dor de burro», que atribuiu às elevadas temperaturas e humidade que se fizeram sentir em Split durante a maratona.

Quem surpreendeu nesta corrida foi Manuela Machado, que terminou em 10.º lugar, entre 21 atletas.

Enquanto Rosa Mota esperava pela subida ao pódio, Ezequiel Canário e António Pinto lutavam contra um pe-

lotão cheio de aspirações, mas Canário fez uma clara demonstração que não é um «caso perdido», obtendo o 7.º lugar na final dos 10 000 metros, enquanto António Pinto, já longe da sua melhor forma, foi 14.º, batendo outros atletas que chegaram a Split com mais fortes aspirações.

A festa dos portugueses estendeu-se ainda a Elsa Amaral, a primeira atleta a bater um recorde nacional em Split.

De resto, as desilusões marcaram o resto do dia: Pedro Rodrigues, nos 400 metros barreiras, Pedro Agostinho, Luís Barroso, Pedro Curvelo e Lucrécia Jardim foram eliminados nos 100 metros, Ana Oliveira no comprimento e Teresa Machado no peso não se qualificaram.

Bronze para Maria

Ainda quanto à prova da maratona feminina, refira-se que na 3.ª posição, classificou-se a portuguesa naturalizada francesa Maria Rebelo-Lelut com o tempo de 2.33,51. Quanto às restantes do «grupo dos dez» a ordem de chegada foi a seguinte: 4.ª, Emma Scaunich (ITA), 2.37,19; 5.ª, Judit Foldingne (HUN), 2.37,46; 6.ª, Françoise Bonnet (FRA), 2.37,55; 7.ª, Syssel Grottenberg (NOR), 2.39,04; 8.ª, Sylviane Gefray (FRA), 2.39,21; 9.ª, Ritva Lemettinen (FIN), 2.39,42; 10.ª, Manuela Machado (Portugal), 2.39,49.



Ontem como em Atenas e Estugarda Rosa continua a «florir»

Ontem: os vencedores e os nossos

Das provas ontem realizadas (maratona feminina à parte) registamos os vencedores e o comportamento dos portugueses. Foi assim:

800m — série 1: 1.ª, Sigrun Wodars (RDA), 2.00,31 minutos; 2.ª, Lyubov Gurina (URSS), 2.00,47m; ... 5.ª, Elsa Amaral, 2.01,21m; **3000m** — série 1: 1.ª, Helena Romanova (URSS), 8.52,92 minutos; 2.ª, Lyubov Kremlyova (URSS), 8.53,81m; ... 9.ª, Fernanda Ribeiro, 9.11,39m; 10.ª, Alice Silva, 9.16,75m; **série 2:** 1.ª, Yvonne Murray (Grã-Bretanha), 8.57,25 minutos; 2.ª, Margareta Keszek (Roménia), 8.57,42m; ... 10.ª, Aurora Cunha, 9.06,88; **100m** — série 1: 1.º, Daniel Sangouma (França), 10,21 segundos; 2.º, John Regis (Grã-Bretanha), 10,39s; ... 7.º, Luís Barroso, 10,61s; **série 2:** 1.º, Max Moriniere (França), 10,19 segundos; 2.º, Vladimir Krylov (URSS), 10,27s; ... 8.º, Pedro Curvelo, 10,67s; **série 3:** 1.º, Bruno Marie-Rose (França), 10,37 segundos; 2.º, Pavel Galkin (URSS), 10,46s; ... 5.º, Pedro Agostinho, 10,65; **100m** — série 3: 1.ª, Silke Moeller (RDA), 11,46 segundos; 2.ª, Sisko Hanhijoki (Finlândia), 11,51s; ... 6.ª, Lucrécia Jardim, 11,73s; **lançamento do peso** — final: 1.ª, Astrid Kumbermuss (RDA), 20,38 metros; 2.ª, Natalya Lisovskaya (URSS), 20,06m; 3.ª, Katrin Neimke (RDA), 19,96m; ... 13.ª, Teresa Machado, 14,34m; **400m/b** — série 4: 1.º, Sven Nylander (Suécia), 50,28 segundos; 2.º, José Alonso (Espanha), 50,36s; ... 7.º, Pedro Rodrigues, 52,03s; **salto em comprimento** — série 1: 1.ª, Heike Drechsler (RDA), 6,92 metros; 2.ª, Marieta Ilcu (Roménia), 6,82m; ... 7.ª, Ana Oliveira, 6,23m; **10 000 metros:** 1.º, Salvatore Antibo (Itália), 27,41,27; ... 7.º, Ezequiel Canário, 28,11,95; ... 14.º, António Pinto, 28,26,68.

Perante estes resultados apenas Elsa Amaral (nova recordista nacional dos 800 metros) segue em frente disputando hoje as meias-finais.

Programa do dia

Eis o programa das provas desta tarde:
16.00h: partida dos 20km marcha; **16.10h:** meias-finais dos 100m fem.; **16.20h:** meias-finais dos 100m masc.; **16.30h:** meias-finais dos 400m masc.; **16.55h:** meias-finais dos 800m fem.; **17.10h:** final do salto em comprimento fem.; **17.10h:** final do lançamento do dardo masc.; **17.20h:** chegada dos 20km marcha; **17.35h:** eliminatórias dos 3000m obstáculos; **18.10h:** final dos 100m fem.; **18.20h:** final dos 100m masc.; **18.30h:** meias-finais dos 800m masc.; **18.40h:** 400m do decatlo; **19.00h:** meias-finais dos 400m fem.; **19.20h:** meias-finais dos 400m bar. masc.



O beijo em nome de todos nós

PR e Governo enviam mensagem

O Presidente da República, Mário Soares, enviou a seguinte mensagem a Rosa Mota:

«No momento em que tão brilhantemente acaba de conquistar a sua terceira medalha de ouro da Maratona do Campeonato da Europa, quero felicitá-la com emoção,

manifestando-lhe, uma vez mais, o orgulho que esta vitória representa para Portugal».

Fazendo igualmente referência «a toda a equipa que contribuiu para mais este êxito que tanto honra Portugal» o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, expressou, igualmente, a sua satisfação pelo triunfo

da nossa Rosinha:

«A conquista, pela terceira vez, do título máximo da Maratona no Campeonato Europeu de Atletismo é, sem dúvida, o fruto do trabalho que tem vindo a desenvolver, animado sempre pela sua força de vontade em vencer, em ser a melhor entre as melhores».

MONUMENTAL DO CAMPO PEQUENO
Propriedade Casa Pia Empresa S.A.T.LDA

QUINTA-FEIRA, 30 DE AGOSTO DE 1990, ÀS 22 H
2.ª GRANDE CORRIDA Diário de Notícias
UM CARTEL MONSTRO COM O TRIO DA VERDADE

A ARTE
J. TELLES

O VALOR
SALGUEIRO SALVADOR

A RAÇA

QUEM TRIUNFARÁ?!

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM E ALCOCHETE
6 IMponentes TOIROS 6

DA PRESTIGIADA GANADARIA S. MARCOS

UMA CORRIDA COM O PRESTÍGIO
o jornal de quem decide

Diário de Notícias

ABRILHANTARÁ A FAMOSA BANDA DE MÚSICA DE ALCOCHETE

DIVISA: BRANCO

BILHETES A VENDA A.B.E.P. — PRAÇA DOS RESTAURADORES
TELEF.: 347 58 23/24 — PRAÇA DE TOIROS, LARGO DO CAMPO PEQUENO
TELEF.: 793 66 01

DESPORTO

Ténis: Open dos Estados Unidos

Cabeças ainda não rolam

A jugoslava Monica Seles necessitou de apenas 44 minutos para «cilindrar» a búlgara Elena Pampoulova, por 6-0 e 6-0, na primeira ronda «open» dos Estados Unidos, quarta prova do «grand slam».

Seles, de apenas 16 anos e já número dois do «ranking» mundial — apenas com a alemã federal Steffi Graf pela frente — não sentiu problemas na qualificação para a segunda ronda do torneio, que decorre em Flushing Meadows.

Justificando a enorme superioridade da jovem tenista jugoslava (3.º cabeça-de-série do «open») refira-se que Seles venceu 53 pontos ao longo do encontro, enquanto a sua oponente apenas conquistou 23 pontos, e apenas seis no segundo «set».

Seles é justamente considerada uma das favoritas para a vitória final na competição feminina da prova ao lado das



Monica Seles: tudo fácil na jornada de abertura

cotadas Steffi Graf, campeã em título, e a norte-americana de ascendência checoslovaca Martina Navratilova, número três mundial.

Na edição de 1989 da última prova do «grand slam», Seles foi eliminada pela norte-americana Chris Evert, fortemente apoiada pelo seu públi-

co, naquela que foi a última vitória da extensa carreira de 19 anos da tenista dos EUA. Wilander eliminado

O «dia mais longo» na história do «Open» de Ténis dos Estados Unidos, com 13 horas de jogos e trovoadas, terminou já ao princípio da madrugada de hoje com Brad Gilbert

a derrotar o sueco Mats Wilander, campeão de 1988.

Apenas algumas centenas de corajosos e sonolentos adeptos, numa bancada com capacidade para 21 863 espectadores, assistiram ao final da jornada inaugural do «Open», com Brad Gilbert (oitavo cabeça-de-série) a derrotar Wilander por 6-4, 3-6, 6-3 e 7-5, numa partida que durou três horas e terminou já depois da meia-noite.

Wilander, que ocupa a 59.ª posição do «ranking» e teve uma época de frustração nos «courts», não era este ano cabeça-de-série. Foi a sua derrota mais rápida nas nove edições do «Open» em que já participou.

O alemão-federal Boris Becker, segundo cabeça-de-série, sentiu apenas alguma dificuldade no primeiro «set», mas acabou por vencer com facilidade o espanhol Juan Aguilera, por 7-5, 6-3 e 6-2.

Desporto: o preço do ouro

Não é novidade para ninguém que o preço dos metais preciosos mantém, em todo o mundo, uma tendência para a subida. O simbólico «ouro» desportivo não escapa a esta tendência, pelo contrário. O crescente valor das vitórias desportivas, no caso soviético, não contempla os seus protagonistas: os atletas. Este facto está na origem de um crescente mal-estar entre os desportistas e entidades oficiais. Um conflito de interesses que se acentua exigindo solução.

O desporto é um dos domínios mais sedutores para a publicidade, donde os importantes prémios de participação e classificação que elevam já para milhões as receitas das «vedetas» do desporto.

Na União Soviética, pelo contrário, o rendimento do trabalho desportivo altamente profissionalizado pouco se alterou durante vários anos. Os atletas soviéticos conquistam o direito a 10, 20 ou 30 mil dólares pelo seu sucesso numa qualquer prova. Porém não recebem mais que 800, ou seja 500 rublos convertíveis.

Só em casos excepcionais, como campeonatos do mundo, Jogos Olímpicos ou torneios importantes, e na sequência de decisões governamentais, têm o direito a recompensas mais generosas.

Durante longos anos calados perante a situação, o protesto dos atletas irrompeu aos ouvidos do público. Não «de súbito», mas quando se criaram condições de abertura na sociedade, permitindo-lhes exprimir, sem receios, a sua vontade e concretizá-la, reclamando que o seu trabalho e talento seja retribuído de

acordo com as normas em vigor no resto do mundo.

Certos «ases» do xadrez e do ténis recusaram-se, a entregar os seus prémios em divisas ao Comité de Estado dos Desportos, limitando-se a donativos de beneficência, de acordo com a sua própria consciência.

Este «motim» produziu-se porque não existe uma norma única e imperativa, válido para todos os cidadãos do país, desportistas incluídos.

Muito recentemente, Alexei Tchijov, campeão do mundo de Damas, pegou nos 70 mil florins que ganhou pela sua vitória face ao holandês T. Sijbrands e depositou-os na sua conta bancária, não entregando ao Comité do Desporto mais que uma pequena parte, após ter gasto uma parte do prémio na compra de seringas descartáveis.

Alexandre Beskrovini, treinador, marido de Galina Tchistiakova, recordista do mundo do salto em comprimento, relata que esta foi convidada a participar num torneio comercial, não recebendo mais que a ridícula soma de 5 a 25 dólares por dia. Mesmo tendo recebido 2 mil dólares pela vitória, esta soma é ridícula em relação ao que recebem os desportistas estrangeiros, declara.

Bestkrovni, rejeitando o recurso ao mercado negro, em que mil dólares equivaleriam a 10 mil rublos, declara que mil dólares são mil rublos, e que no estrangeiro não pagam em rublos, mas em dólares, sendo humilhante a figura de parentes pobres, sempre a contar o dinheiro de bolso, que são obrigados a fazer.

É compreensível que os

desportistas soviéticos desejem situar-se nos padrões mundiais, mas sendo a URSS um país pobre, e necessitando o desporto soviético de divisas, para assegurar a «reprodução» de campeões, a inexistência da norma imperativa ameaça ser destrutiva.

O Comité de desporto tem capacidade para aplicar sanções aos que persistirem na participação autónoma em provas no estrangeiro, estabelecendo acordos directos com os organizadores.

O Comité tem o poder de se dirigir, através das federações desportivas da URSS, às federações internacionais respectivas para que estas interditem a participação desses atletas em torneios.

Ter-Ovannessian, treinador principal da equipa de atletismo da URSS, declara que «é a mim e à federação soviética de atletismo, e não aos atletas, que a federação internacional escutará. E os organizadores dos torneios comerciais compreendem, também eles, que não é conveniente, por causa de alguns bons atletas, estragar as relações com as autoridades desportivas soviéticas».

«Atletas gananciosos»

Até agora não foram aplicadas medidas severas, não se colocando a questão de desqualificar os «individualistas». A acção tem sido de persuasão, apelando ao dever patriótico, à fidelidade à bandeira, à compreensão para com as dificuldades que o país atravessa, mas sem qualquer resultado, uma vez que a pedagogia desportiva perdeu a arte de comunicar com os jovens.

As relações entre o Estado e os desportistas deve repousar sobre uma sólida base económica, ou, pelo menos, em normas financeiras claras. O problema é que elas não existem. O atleta pode transferir para o Estado tudo quanto ganha, mas não lhe está assegurado que alguma vez venha a beneficiar desse «pecúlio», uma vez que não existe uma lei geral que regule os ganhos em divisas. Se bem que o trabalho legislativo nesta matéria esteja a decorrer, de momento, a base jurídica das relações só dá os primeiros passos.

Lamentavelmente, o desporto de alto nível, até há pouco adorado pela população soviética, é agora alvo de controvérsia. As notícias frequentemente surgidas na imprensa sobre os contratos e aspectos económicos do fenómeno desportivo levaram a que muita gente acuse os atletas de se terem tomado demasiado «gananciosos», só tendo divisas na cabeça».

Depois de longo tempo afastados das noções universais de riqueza, da dimensão material do bem-estar, os soviéticos acabaram quase por encerrar a riqueza como o maior dos males do imperialismo.

Entretanto, a necessidade de uma vida digna desse nome, impõe que ainda por muito tempo se procurem as vias que permitam conciliar o romantismo do desporto com as possibilidades que ele proporciona de assegurar uma vida decente, tendo consciência que essa possibilidade só se apresenta a um pequeno número de «grandes talentos», cujas qualidades merecem ser recompensadas.

DESPORTO

Rui Barros «guardado» para o futuro

Samuel e Magalhães fora da selecção

Rui Barros, Jaime Magalhães e Samuel foram dispensados da selecção portuguesa de futebol e não alinham amanhã no encontro particular com a RFA, a disputar no Estádio da Luz.

Após a sessão de treino realizada na tarde de ontem no Estádio Nacional, Artur Jorge confirmou as dispensas do médio portista Jaime Magalhães e do defesa benfiquista Samuel, ambos por lesão, e adiantou ter abdicado dos serviços do médio de ataque dos franceses do Mónaco «para o ter mais vezes no futuro».

«Foi entendido que, nesta altura, seria mais conveniente não utilizar Rui Barros, com a possibilidade de o ter mais vezes no futuro» — disse Artur Jorge.

O médico das selecções portuguesas, Camacho Vieira, afirmou que Jaime Magalhães está impossibilitado de participar no jogo com os actuais campeões mundiais «por, provavelmente, ter sofrido uma rotura num músculo da coxa direita».

Segundo aquele clínico, Samuel, que foi submetido a testes físicos também se queixa de dores nos músculos da coxa direita, sendo dispensado «como medida de precaução e

falcadas e todos os treinadores vão alinhar com os futebolistas que pensam serem os melhores».

O treino de ontem terminou com uma «peladinha» em meio campo, na qual já não alinhou o «central» sportinguista Venâncio e Artur Jorge mostrou-se preocupado em que os futebolistas «joguem fácil» e não percam a bola nas zonas mais recuadas do terreno.

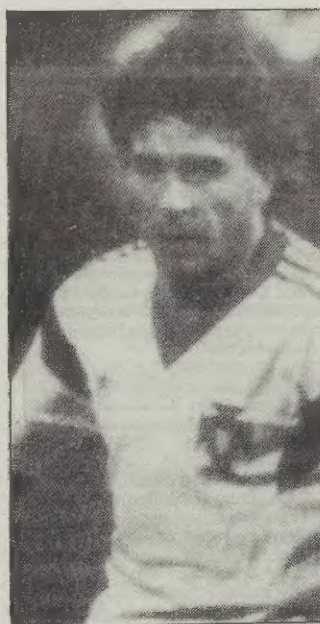
Na «peladinha», as duas equipas alinharam do seguinte modo:

Azuis: Silvino, Jorge Ferreira, Galo, Veloso, Semedo, Vítor Paneira, Gonçalves, Rui Águas e Toni (técnico-adjunto).

Côr-de-laranja: Vítor Baía, Sobrinho, Hernâni, Fonseca, José Carlos, Oceano, Soeiro, Cadete e Pacheco.

Vogts: «Não há problemas»

«Penso que temos uma equipa muito forte e não haverá problemas com a ausência das três futebolistas lesionados, pois temos jovens muito bons» — disse Vogts à chegada a Lisboa, onde vai estar-se no comando técnico do «onze» campeão mundial



Rui Barros desconvocado



Samuel e Magalhães: dispensados por lesão



Austria: Austria de Viena mantém o comando

O Austria de Viena mantém o comando do campeonato austríaco ao vencer fora o Vorwarts, na 7.ª jornada, encontrando-se apenas com a vantagem de um único ponto sobre o Sturm Graz, que obteve a goleada da ronda, e o Austria de Salzburgo.

Resultados: Sturm Graz - Alpine Donawitz, 6-1; Wiener Sportclub - SC Krems, 2-0; Rapid Vienna - Austria Salzburgo, 2-4; VSE St. Poelten - Viena, 2-5; Vorwarts Steyr - Austria Viena, 0-2; Admira Wacker - FC Tyrol, 0-2.

Classificação: 1.º, Austria Viena, 11 pontos; 2.ºs, Sturm Graz e Austria Salzburgo, 10.

Holanda: Boa estreia do campeão Ajax

O Ajax, campeão holandês, estreou-se com uma vitória no campeonato, impondo um resultado de 3-1 ao Willem II Tilburg, em jogo disputado em Amsterdão.

Resultados da 1.ª jornada: Sparta Rotterdam - Vitesse Arnhem, 1-1; Dentaag - Fortuna Sittard, 0-0; Waalwijk - Groningen, 1-1; Heerenveen - Volendam, 1-3; Maastricht - Nec Nijmegen, 1-2; Roda - Twente, 1-2; Ajax - Willem II Tilburg, 3-1.

Suíça: Neuchatel perde

O Neuchatel Xamax, adversário do Estrela da Amadora na Taça das Taças, perdeu por 1-0 no terreno do Lausana, que assim se isolou no topo da tabela do campeonato suíço, beneficiando ainda do empate do Grashopper, que ocupa a segunda posição.

Resultados: Grasshoppers - Aarau, 0-0; Lugano - Sion, 0-0; Lausana - Neuchatel Xamax, 1-0; Lucerna - St. Gallen, 3-1; Wettingen - Zúri, 2-2.

Violência na RFA

A Polícia de Frankfurt deteve 87 pessoas durante os graves distúrbios ocorridos entre adeptos do Eintracht local e o Fortuna de Dusseldorf, após o encontro, em que adeptos do vitorioso Eintracht hostilizaram os apoiantes adversários nas artérias em redor do estádio.

Alguns polícias foram atacados com garrafas de cerveja, e pedras pelos adeptos locais, que se confrontaram com os seus rivais, tendo os agentes recorrido à força para pôr termo aos distúrbios.

Todos os adeptos de ambas as equipas foram postos em liberdade após algumas horas na esquadra, à excepção de um, que foi intimado a comparecer em tribunal.

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP, pretende admitir para os seus quadros:

MOTORISTAS MARÍTIMOS

CONDIÇÕES EXIGIDAS:

Idade: 21 anos como mínimo.
Habilitações literárias: 6.º ano de escolaridade, como condição prioritária.
Cédula Marítima de Motorista Prático de 1.ª ou 2.ª classe.
Situação militar regularizada.

OFERECE-SE:

Estabilidade de emprego.
Regalias de transportes em Caminho de Ferro.
Regalias Sociais em vigor na Empresa.

Os interessados deverão contactar directamente ou por escrito, o Serviço de Recrutamento — Calçada do Duque, n.º 20 — 1294 Lisboa Codex, até 06/09/90, imprerivelmente.

Caminhos de Ferro Portugueses



Elencos em desfile na passada semana registámos nestas colunas o plantel do FC Porto, Penafiel, Sporting e Vitória de Guimarães. Hoje cabe a vez ao Belenenses e ao Desportivo de Chaves. Outros se seguirão.

por ser provável que se apresentasse limitado no encontro.

Camacho Vieira referiu que os restantes jogadores «não apresentam lesões preocupantes», acrescentando que apenas o médio portista André não integrou o treino «por sofrer de uma dor no pé direito, provocada por contusão traumática por um 'piton'».

Artur Jorge afirmou, no entanto, não pretender convocar nenhum jogador para ocupar os lugares de Samuel, Jaime Magalhães e Rui Barros, considerando que «está tudo bem» no estágio de preparação da selecção portuguesa para o jogo com a RFA.

Referindo-se ao facto de Klaus Augenthaler, Thomas Haessler, Pierre Littbarski e Olaf Thon não jogarem em Lisboa pelo «onze» alemão-federal, o técnico português frisou: «Não há equipas des-



PALAVRA PUXA PALAVRA

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cod. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Freguesia _____ Concelho _____

Tem Televisão? _____ Nº Licença _____

Telefone Nº _____

CONCURSO RTP

Importante: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo traçado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Palavra Puxa Palavra, Apartado 4289 - 1507 Lisboa Codex.

Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre LISBOA (ROSSIO) E CACÉM, os dias 27, 28, 29, 30 e 31 de Agosto, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO)-CACÉM

Comboios com partida de Lisboa (Rossio) às 10.52h, 11.28h e 11.40h.

CACÉM-LISBOA (ROSSIO)

Comboios com partida do Cacém às: 9.55h, 10.11h e 10.27h.

Nos dias 1 e 2 de Setembro vão ser suprimidos, entre LISBOA (ROSSIO) E SINTRA, os seguintes comboios:

LISBOA (ROSSIO)-SINTRA

Comboio com partida de Lisboa (Rossio) às: 9.40h, 10.13h, 10.45h, 11.01h, 11.17h, 14.12h, 14.44h e 15.16h.

SINTRA-LISBOA (ROSSIO)

Comboios com partida de Sintra às: 9.35h, 10.23h, 10.39h, 11.11h, 14.07h, 14.39h e 15.11h.

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro Portugueses

I Série N.º 198
Dia 28 de Agosto

DIÁRIO DA REPÚBLICA

Ministério da Agricultura,
Pescas e Alimentação

Portaria n.º 746/90:
Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade da Barroca», situada na freguesia de Cabelas, concelho de Montemor-o-Novo.

Portaria n.º 747/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Almargem» e outras, situadas na freguesia de Mértola.

Portaria n.º 748/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Jardim» e outras, situadas na freguesia de Alagoa, concelho de Portalegre, e «Herdade do Tapadão do Alentejo e Tapadão da Relva» e outras, situadas na freguesia de São João Baptista, concelho de Castelo de Vide.

Portaria n.º 749/90:
Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade das Alcarças», situada na freguesia de São Marcos do Campo, concelho de Reguengos de Monsaraz.

Portaria n.º 750/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade dos Ruivos» e outras, situadas na freguesia de Couço, concelho de Coruche, «Ruivos (Lobeira)» e «Ruivos (Parrerinha)», situadas na freguesia de concelho de Nora.

Portaria n.º 751/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Pedregão» e outras, situadas na freguesia de Lavre, e «Herdade do Barrocal das Freiras», situada na freguesia de Nossa Senhora do Bispo, concelho de Montemor-o-Novo.

Portaria n.º 752/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade de Laranjo», «Caço Norte» e «Pau d'Olio», situadas na freguesia de Santana do Mato, e «Monte da Barca» e «Omnias», situadas na freguesia de Coruche, concelho de Coruche, revoga a Portaria n.º 192/89, de 8 de Agosto.

Portaria n.º 753/90:
Sujeita ao regime cinegético especial a propriedade denominada «Herdade do Catapereiro (parcelas n.ºs 16, 17 e 18)», situada na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Portaria n.º 754/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade dos Mourões e Malos» e «Herdade da Rebola», situadas na freguesia de Mosteiros, concelho de Arronches.

Portaria n.º 755/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Barrosinha e Anexas», situadas na freguesia de Santiago, concelho de Alcácer do Sal.

Portaria n.º 756/90:
Sujeita ao regime cinegético especial vários prédios rústicos situados nas freguesias de Azóia de Cima e Tremês, concelho de Santarém.

Portaria n.º 757/90:
Regula o exercício venatório nas zonas de caça nacional dos perímetros florestais da Contenda e da Tapada Nacional de Mafra e estabelece as taxas devidas pela prática da caça.

Portaria n.º 758/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdades de Portugal, Cavaleiros, Maltezinho e Maltum de Cima», situadas na freguesia de Montargil, concelho de Ponte de Sor.

Portaria n.º 759/90:
Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados nas freguesias de Achete, Alcanhões, Póvoa de Santarém, São Vicente do Paul e Vale Figueira, concelho de Santarém.

Ministério das Obras Públicas
Transportes e Comunicações

Portaria n.º 760/90:
Permite a execução de trabalhos do âmbito das subcategorias 8.ª a 18.ª da categoria de obras particulares sem autorização da CAEOPP até ao limite de 5000 contos.

Região Autónoma da Madeira

Assembleia Legislativa Regional

Decreto Legislativo Regional n.º 21/90/M:
Estabelece as regras de instalação e exploração de jogo, fora do casino, na Região Autónoma da Madeira.

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 18/90/M:
Altera os n.ºs 2 e 3 do artigo 61.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 23/89/M, de 9 de Novembro, que aprova a organização da Secretaria Regional do Turismo, Cultura e Emigração.

AGENDA

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã. Vento fraco soprando moderado de Noroeste na faixa costeira ocidental para a tarde. Nebulosa e nevoeiro matinal.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros, na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado nas regiões do Norte e Beira-Litoral, onde se prevêem períodos de chuva fraca. Vento fraco soprando moderado de Noroeste a sul do Cabo Carvoeiro durante a tarde. Nebulosa ou nevoeiro matinal. Pequena descida da temperatura máxima.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado de Noroeste, soprando por vezes forte no litoral oeste durante a tarde. Nebulosa ou nevoeiro matinal na faixa costeira ocidental.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Nordeste moderado, por vezes forte.

AÇORES

Todos os grupos: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Sudeste rodando para Oeste no fim do dia. Períodos de chuva fraca passando a aguaceiros.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Sueste fraco a moderado no Grupo Ocidental e fraco de Leste nos restantes grupos.

Depois de amanhã
Períodos de céu muito nublado. Vento de Sueste fraco ou moderado.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA

GRUPO OCIDENTAL

GRUPO CENTRAL

GRUPO ORIENTAL

FUNCHAL

ANGRA DO HEROÍSMO

PONTA DELGADA

HORTA

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

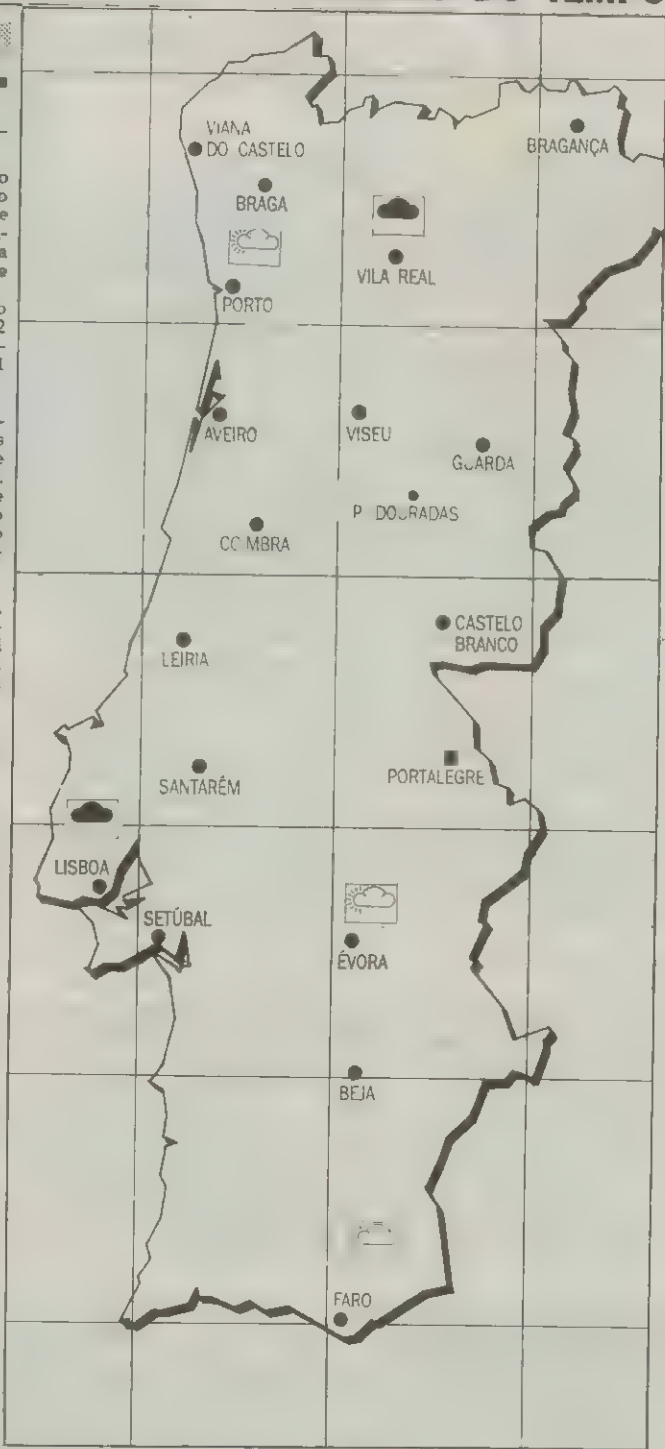
M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

M. S. J. S.

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Mín.	Máx.	As 6 h.
Bragança.....	17	18	Encoberto
V. Castelo.....	15	15	Nevoeiro
Vila Real.....	19	19	M. nub.
Porto.....	15	16	Nevoeiro
P. Douro.....	-	-	-
Coimbra.....	16	16	Nevoeiro
C. Carvoeiro.....	18	18	Encoberto
C. Branco.....	21	22	M. nub.
Portalegre.....	22	22	M. nub.
Lisboa.....	19	19	M. nub.
Évora.....	21	22	M. nub.
Beja.....	19	19	M. nub.
Sines.....	-	-	-
Faro.....	20	21	P. nub.
Sagres.....	19	19	M. nub.
P. Delgada.....	22	22	Encoberto
Horta.....	21	22	Encoberto
Funchal.....	21	21	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 31; Porto, 24; Faro, 36; P. Delgada, 25; Funchal, 22.

EUROPA

	Mín.	Máx.	As 6 h.
Madrid.....	16	16	P. nub.
Londres.....	16	16	Bruva
Paris.....	17	17	M. nub.
Bruzelas.....	15	15	Nevoeiro
Amsterdão.....	13	14	Nevoeiro
Ginebra.....	15	16	Nebulosa
Roma.....	17	19	M. nub.
Oslo.....	13	15	Chuva
Copenhaga.....	14	16	P. nub.
Estocolmo.....	14	15	M. nub.
Berlim.....	13	15	M. nub.
Viena.....	14	16	Lampo
Varsóvia.....	7	12	P. nub.
Atenas.....	23	24	P. nub.
Moscovo.....	6	10	P. nub.

MUNDO

	Mín.	Máx.	As 13 h.
Buenos Aires.....	15	26	Lampo
Cariacas.....	18	28	Nublado
Hong Kong.....	22	32	Nublado
Joanesburgo.....	8	25	Lampo
Los Angeles.....	15	24	Lampo
Montreal.....	17	27	Lampo
Nova Deli.....	27	35	Nublado
Nova Iorque.....	21	31	Nublado
Rio de Janeiro.....	14	28	Lampo
São Francisco.....	16	24	Lampo
São Paulo.....	15	21	Nublado
Tóquio.....	24	31	Nublado



MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
08.50	2,9m	02.00 1,5m
21.22	2,7m	14.35 1,6m

Amanhã	01.06	03.06	17.06
23.00	2,6m	16.05	1,7m

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Guerra, Rua Andrade, 32-36, T. 8145513; Av. Roma (Bairro São Miguel): São Miguel, Praça Francisco Morais, 1, T. 771469; Baixa: Oliveira, Rua da Prata, 240, T. 878415; Belém - Altinho: Gomes Suc, Rua da Junqueira, 326-328, T. 3638193; Encarnação: Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, T. 311216; Estados Unidos: Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A; T. 890465; Lapa: Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, T. 661734; Lumiar: Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, T. 7590942; Luz - 2.ª Circular: J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, T. 7260969; Madre de Deus: Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, T. 382470; Picheleira: Mariz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, Maf, T. 880703; São Sebastião: Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, T. 547213; Camaxide: Central Camaxide, Av. Portugal, 16-B, T. 4184913; Odiveiras: Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, T. 9815446; Pontinha: Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A, 993912; Portela: Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, T. 9431423.

OUTRA

BANDA

Almada: Pragal, R. Dirk Pragal, 58, T. 2767126; Perim: Cova da Piedade: Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, T. 2750337; Perim: Monte de Caparica: Guerreiro, Lote 31, Ij. Moim da Caparica, 19h; Costa da Caparica: Higiência, Av. da República, 23-T. 290020; 19h; Laranjeiras: Oliveira Sérgio, R. dos Álamos, 2-A, T. 2296464; 22h; Sesimbra: Lopes, R. Cândido Reis, 21, T. 2233028. 19h; Lavradio: Parreira, R. D. Silva

REFORÇO

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, T. 863940; Alto Santo Amaro: Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, T. 3634721; Alvalade: Sanex, Av. da Igreja, 31-C, T. 897505; Arco

AGENDA

Cego: Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, T. 770324; Arroios - Chile: Brasil, Rua Alves Torgo, 29-33, T. 546843; Benfica - Portas Benficas: Benfica, Estrada Benfica, 678-E, T. 702532; Campo de Ourique: Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, T. 681726; Chelas - Zona N2: Almeida Vaz, Rua Pardo Monteiro, Lote 248-Loja 92, T. 8595673; Marquês Pombal: Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, T. 545048; Penha de França: Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, T. 8142518; Santos: Marcos Nascimento, Calçada Marquês Abrantes, 36-A, T. 664238; Buraca - Amadora: Gaspar Pote, Rua das Gaíças, Lote 16 (Bairro Zambujal), T. 902221; Olivais: Basto: Nova Rua Açores, 11-A, T. 9810305.

OUTRA

BANDA

LINHA

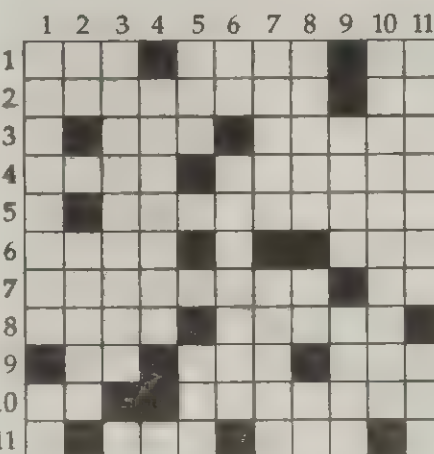
DE SINTRA

Amadora: S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5. Reboleira, T. 4938703; Perim: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, lote 116. T. 4949050. Até às 22h; Damia: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D. T. 971023. Até às 22h; Queluz: Vasconcelos, Est. Part. Henriq. Pousão, T. 4372639. Perim: Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42. T. 4356487. Até às 22h. Cacém: Rico, L. Adriano S. Gil. Aigualva. T. 4312833.

MÉDICO
DE
URGÊNCIA

795 06 80/9

PALAVRAS CRUZADAS



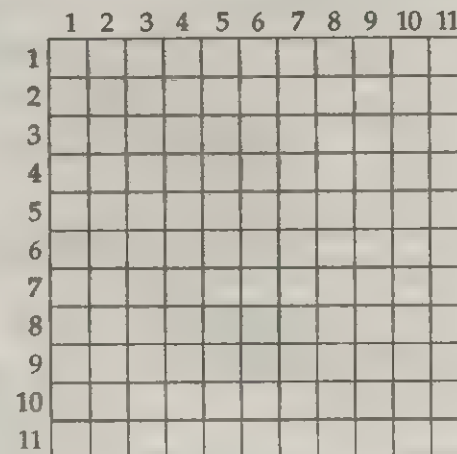
PROBLEMA N.º 17990

HORIZONTAIS:

1 - Agasalho em forma de rolo, que as mulheres usam à volta do pescoço. Móvel sobre o qual se come 'Basta'!
2 - Crieio (s.g.) Tempo do verbo ir
3 - Despertar.
4 - Uniuco.
5 - Ruim. Pedir.
6 - Espera resposta. Carboas.
7 - Cidade da Polónia junta.
8 - Cozmeceira de asas. Provoca pessoal. Era Cristã.
9 - Imperador de Roma conhecido pela sua crueldade. Numeral cardinal.
10 - Carta muito extensa.
11 - Sequimios copamente a opinião de Membro de ave temperada.

VERTICAIS:

1 - Ilhas do Oceano Atlântico a NE das Antilhas, pertencentes à Inglaterra. Colhe (s.g.)
2 - Crieio (s.g.) Tempo do verbo ir
3 - Medos.
4 - Esquejo.
5 - Piliapil. Aráetio (s.g.)
6 - Pau-fierro. O lado do vento. Tido (s.g.)
7 - Autores Titulo de dignidade eclesiástica logo abaixo do bopo ou arcebispo e que preside ao cabido.
8 - Diz em voz baixa, ou por entre os dentes.
9 - Vendas sem dinheiro. Aupara.
10 - Ratava. Calr à cama.
11 - Adicionam juízo



PROBLEMA N.º 16800

HORIZONTAIS:

1 - Cidade da Turquia oriental. Cidade da República Federal da Alemanha.
2 - Siliences Lago.
3 - Medos.
4 - Esquejo.
5 - Piliapil. Aráetio (s.g.)
6 - Pau-fierro. O lado do vento. Tido (s.g.)
7 - Autores Titulo de dignidade eclesiástica logo abaixo do bopo ou arcebispo e que preside ao cabido.
8 - Diz em voz baixa, ou por entre os dentes.
9 - Vendas sem dinheiro. Aupara.
10 - Ratava. Calr à cama.
11 - Adicionam juízo

VERTICAIS:

1 - Parte setentrional da Grã-Bretanha, separada da Inglaterra pelos montes Cheviot. França (s.g.)
2 - Barragões. Farvos.
3 - Cidade da República Democrática Alemã. Rio dos Estados Unidos.
4 - Cidade do SO da Nigéria. Tostam.
5 - Marchal alemão, comandante do quartel-general de Hitler em 1939.
6 - Hábito. Cobriam de lodo.
7 - Letra grega. Antes de Cristo.
8 - Acobarias.
9 - Tremor de terra. Amio.
10 - Manganésio (s.g.) Grandes.
11 - Auxílio. Anel.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 17 989

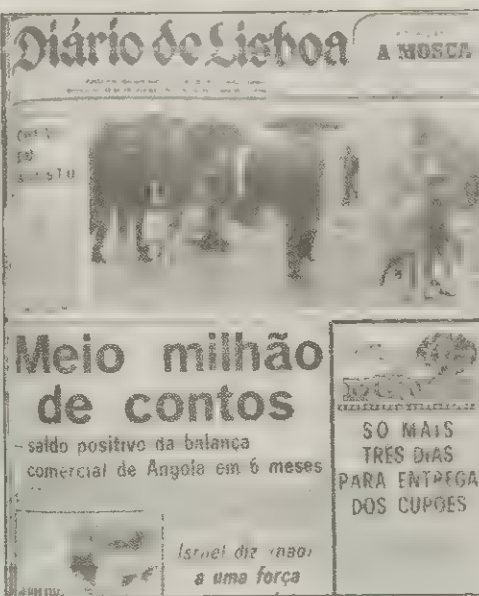
HORIZONTAIS: 1 - A. PALAVRA. 2 - Voara. Iara. 3 - Res. Sinal. 4 - Sota. Sivas. 5 - Adir. Ita. 6 - El Ala. Não. 7 - Honestas. 8 - Rua. Nu. Oeso. 9 - Aar. Icar. Al. 10 - Arrima. Ir. 11 - Meio. Siso. VERTICAIS: 1 - Avisas. PRATA. 2 - O. Ode. Ua. 3 - Partilharam. 4 - Areat. Re. 5 - Lás. Anutra. 6 - SILÊNCIO. 7 - Visitas. Am. 8 - Raiva. Toras. 9 - Arna. Nas. 10 - Aas. Assais. 11 - É. Bo. OIRO.

SOLUÇÃO DO
PROBLEMA N.º 16 799

HORIZONTAIS: 1 - Pequim. Péra. 2 - Atum. Acaras. 3 - Laia. Corres. 4 - Pu. Aoro. 5 - Noémia. 6 - Circo. Aviso. 7 - Ira. Revirar. 8 - Ao. Canal. -Ua. 9 - Sua. Hill. 10 - Clío. Oc. 11 - Trair. Ais. VERTICAIS: 1 - Palência. Pt. 2 - Eta. Oiros. Quimera. Uçá. 4 - Uma. MC. Cali. 5 - Piora. Ir. 6 - Macuá. Ineco. 7 - Co. Ava. 8 - Penavilho. 9 - Erro. Ir. Iça. 10 - Raer. Saul. 11 - Asso. Oral.

PROVÉRBO:
A PALAVRA,
É PRATA;
O SILÊNCIO,
É OIRO.

HÁ 20 ANOS

Angola: saldo positivo de meio
milhão de contos em seis meses

A balança comercial de Angola registou, no primeiro semestre deste ano, um saldo positivo de mais de meio milhão de contos, segundo informação da Agência Lusitânia que cita estatísticas divulgadas pelo Centro de Informação e Turismo daquela província. Por sua vez, notícias vindas de Lourenço Marques revelam que, nos cinco primeiros meses do ano, a balança de pagamentos de Moçambique registou um saldo negativo de mais de 790 mil contos.

Israel diz «não» a uma força
russo-americana

O vice-presidente do Conselho, Yigal Alon, falando ontem à noite, em Telavive, rejeitou a «ideia» lançada pelos conselheiros da Casa Branca para a criação de uma força comum americano-soviética com a missão de velar pelo respeito do acordo que venha a ser concluído entre os árabes e Israel.

Chuva
em Agosto

Lisboa acordou hoje em pleno Inverno. Inverno aparente, claro, porque a chuva de Agosto é pouca e breve. (...) Praticamente (pelo menos nos últimos 30 anos) só o Algarve se pode gabar de não ter tido chuva no Verão.

EFEMÉRIDES

1828

• Nasce o escritor russo Leão Tolstói, autor, entre outras obras, de «Anna Karenina» e «Guerra e Paz».

1859

• É obtida a primeira extração mundial de petróleo em Titus Ville, Estados Unidos.

1936

• Num comício no Campo Pequeno, de apoio ao regime salazarista, o major Botelho Moniz, director do Rádio Clube Português, pede ao Governo a criação de uma «legião cívica», que foi o embrião da futura Legião Portuguesa.

1968

• Incursão israelita sobre o aeroporto de Beirute.

1973

• Índia e Paquistão assinam um acordo destinado a resolver a maioria dos problemas causados pela guerra de 1971.

1984

• O Governo autoriza o «chase Manhattan» e o «Manufacturers Hannover» a instalarem-se em Portugal, sendo os dois primeiros bancos estrangeiros a receberem tal autorização.
• A comunidade asiática da África do Sul vota, pela primeira vez na história daquele país, em eleições nacionais para uma das três câmaras do Parlamento, reservadas, respectivamente, a brancos, mestiços e asiáticos. A grande maioria do 410 mil eleitores asiáticos boicotou o acto eleitoral.
• O general Mohammed Naguib, 83 anos, primeiro Presidente do Egipto após o derrube da monarquia, em 1952, morre no Cairo.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shopping Center de Lisboa - T. 691275
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 13.00, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM
BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. João Dinis, 10-A - T. 763819
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

BERNA
Av. Marques de Tomar, 10 - T. 776098
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer - T. 372358
Encerrado

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
PATRULHA DA SELVA
Filme de David A. Prior
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 532553
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
RUAS SELVAGENS
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
Encerrado para férias

ESTÚDIO SHEZA

Encerrado para férias

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO PARA RICOS E POBRES
Hard-core - 1.º escalão (pomo)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 545085
(Encerrado para férias até dia 3 de Setembro)

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE
CRUZADA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 505 - T. 7145088
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1

JULES E JIM

Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
MASSACRE AO PÓR DO SOL
Filme de Brian Koppelman
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

FÚRIA SILÊNCIOSA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Dado - Alcantara - T. 3631162
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

NEGÓCIO DE FAMÍLIA



«Gremlins II - A Nova geração», um filme de Joe Dante

Filme de Sidney Lumet
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Fend - T. 338743
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. das Condes, 4 - T. 326283
ANJO NEGRO
Filme de Craig R. Bayley
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua das Condes, 13 - T. 325309
QUARTOS ESPECIAIS PARA AMIGOS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alameda
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.45

PLAZA 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.30 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St. António - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Urna, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOTAS SÃO MAIS BELAS
QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrzej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

FLUPINAS REVOLUÇÃO SANGRENTA
Filme de Lino de Brocca

M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

NA CORDA BAMBÁ
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República, 1 - T. 700715
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
LOUCA ACADEMIA DE SKI
Filme de Richard Cornell
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
LAMBADA - FOGO NO TETO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3458446
(Encerrado para férias)

ALMADA

Academia
ALMADENSE

ALMADENSE

T. 2752127
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

AMADORA

Centro Comercial Babilónia
T. 4924871
48 HORAS - PARTE II
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BABILÓNIA

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905011
Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

COSTA

Sala 2
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

DE CAPARICA

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2905360
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CAPARICA OCEANO

T. 2905360
O PESCADOR

O PESCADOR

T. 2905360
CASCAIS

CASCAIS

T. 2455553
CARCAVELOS

CARCAVELOS

T. 2455553
ATLÂNTIDA CINE

ATLÂNTIDA CINE

T. 2455553
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO

TEATROS

LISBOA

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom., às 20.30 e 22.45.
Domingos e Férias, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

MONTE ESTORIL

TEC
Av. Fausto de Azeiteiro - T. 2670820
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
REI LEAR
De William Shakespeare. Encenação
de Carlos Avilez

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa
14.00: O Unho e a Seda; 15.00: Praça
dos Sonos; 17.00: Antena 1 - Regiões;
17.15: Porto d'Albergio.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Seta
More; 19.20: Musical; 20.00: No
Estúdio e no Estúdio; 20.15: Música;
20.30: A Voz da Solidariedade; 21.00:
Diálogo; 21.30: Imaginário. Notícias
de hora a hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo
15.00: Música na Tarde - programa
dedicado ao maestro Karl Böhm;
17.00: Horizontes; 17.30: Quarteto de
cordas em fa maior op. 18 n.º 1 de
Beethoven pelo Quarteto Meios; 18.15:
Concerto de Música Antiga. Obras de
Dante Lobo e Filipe Magalhães;
19.00: Integrals - A Integral das Trés
para piano, violino e violoncelo de
Beethoven; 19.20: Album Musical.
Obras de Debussy, Liszt, Verdi, Rodrigo
e Verdelot; 20.10: Album Musical
(cont.); 20.45: Esta Madrugada na
Antena 2; 21.00: Do Broadway ao
West End - O Musical; 22.00: Concerto
barroco - dedicado a suíte barroca;
23.00: Euroclash; 00.50: Obras do 1.º
melodre da séc. XX: Charles Ives; 02.00:
Música na Madrugada. Notícias de
hora a hora.

NOVA OZEIRAS

CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
GREMINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OZEIRAS

ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas
T. 4439759
Sala 1
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 15.15 e 21.45

PARA IRIS COM AMOR

M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM
15.00: Hora da Música; 16.00: Banda
da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30:
Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem
Continua; 20.00: Jornal das Vinte (Inf.
Religião); 20.15: Bola Branca; 20.30:
Conversa de Amigos; 21.00:
Sequência; 22.00: Espectáculos; 22.30:
Bola Branca; 23.30: Suplemento
Especial do 88C; 23.55: Meditação.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM

Estéreo
15.00: Fórmula Três; 18.00: Idealista;
19.00: Afrodita; 20.00: Serra de
Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

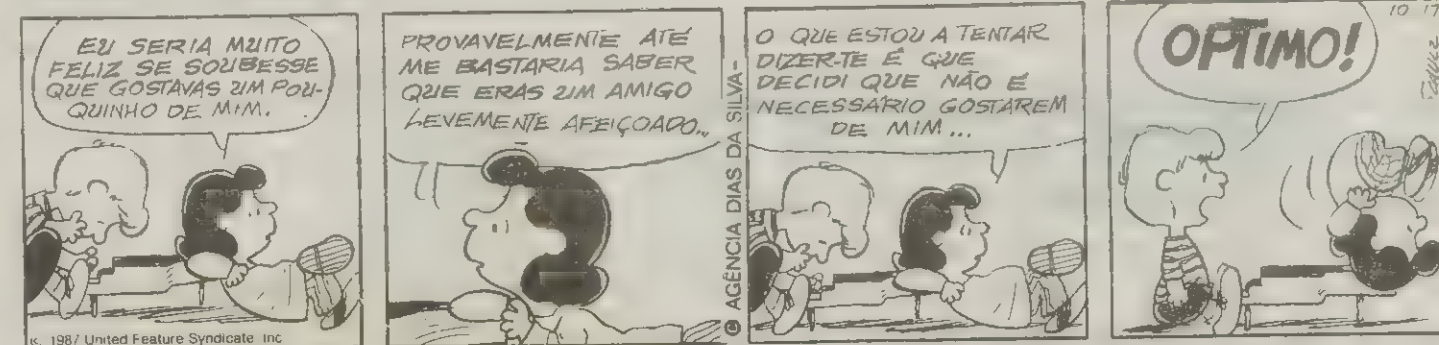
VOZ DO ALENTEJO

15.00: Boa Tarde, Alentejo; 18.00: Bola
Branca; 18.30: Transmissão do Terço;
19.00: Colas e Lolás.

VOZ DO ALTO TÂMEGA

15.00: Tardes do Tâmega; 18.00: Bola
Branca; 18.30: Seta Contra; 20.00:
Diálogo; 20.30: Transmissão do Terço;
21.00: Lisboa à Noite.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.15 - DAMON AND DEBBIE
Esta mini-série de três episódios, localiza-
da em Liverpool, conta a história da
relação entre Damon Grant e a sua
namorada, os problemas com que
deparam ao enfrentar a realidade do dia
a dia, a doença, a forte oposição do pai
de Debbie e o descontentamento de
Damon por viver do subsídio de desem-
prego. A única solução que o jovem casal
encontra é fugir de casa...

17.10 - O MUNDO ANIMAL
43º Episódio
17.30 - BRINCA BRINCANDO
Com «Bill - O Ama Seca», «Ferdie» e «Os
Biscoitinhos».

18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO





«O Governo funciona em ritmo e em função das eleições, está atacado de 'inaugurite aguda'»

Luís Sá, «Público», 27.08.90

A PERGUNTA DO DIA



João Mesquita
presidente
do Sindicato
dos Jornalistas

Em que ponto se encontram as negociações entre a Administração de «O Primeiro de Janeiro» e os 12 jornalistas despedidos?

«No sábado houve uma reunião entre o presidente do Conselho de Administração do jornal e o Sindicato dos Jornalistas, onde se manteve o total desacordo dado que a administração mantém uma atitude chantagista. Depois de ter elaborado uma lista negra, de se propôr pagar apenas 30 por cento das indemnizações e de ter proibido os jornalistas despedidos de entrarem no jornal, propõe agora o alargamento das indemnizações para 50 por cento, apresentando como contrapartida o encerramento do jornal. O SJ está consciente das dificuldades financeiras da empresa mas acha que elas não podem ser resolvidas à custa dos jornalistas. Temos indícios muito claros de que o jornal tem tido uma gestão ruinosa - nomeadamente através do desvio de publicidade devido ao aumento exorbitante das tabelas e do pagamento de multas à Sonae por não ter sido resolvido a tempo o problema da transferência das instalações - e, portanto, vamos pedir que seja feita uma averiguação às contas. Entretanto, os jornalistas continuarão a não aceitar as chantagens da Administração.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

A situação no Golfo

Campeões do mundo de futebol apadrinham estreia de Artur Jorge na Selecção

«Uma Europa possível», por André Fontaine

ENTREVISTA

Ricardo Pais, director do Teatro Nacional D. Maria II, trabalhou durante um ano para tentar transformar a velha estrutura num lugar ágil. Hoje, com a reabertura à porta, teme ter sido demasiado optimista e aguarda que o tempo lhe dê a resposta

«É preciso abalar a paz podre»

D.L. - O Nacional vai reabrir, em Setembro com uma peça sua. Quer falar-nos um pouco dela?

R.P. - Chama-se «Minetti», (Retrato do Artista Quando Velho). É de Thomas Bernhard, que faleceu o ano passado, deixando uma obra controversa e fascinante. É, aliás, a estreia entre nós do dramaturgo austríaco.

Cinco actores e oito figurantes dão vida a uma noite de mascarada, num hotel de Ostende, na Passagem do Ano. Um velho actor (Minetti - Rui de Carvalho), rompe um exercício de 32 anos da profissão e vem ao hotel a um encontro com o director de um teatro que o fará regressar à cena em «Lear» de Shakespeare. O actor agita ininterruptamente um discurso quase enlouquecido em que se cruzam a paixão por uma verdadeira Arte Teatral. O ódio ao entretenimento fácil e à bocalidade, o sentido superior de uma missão e a profunda solidão do falhado. O director não vem e Minetti consuma o seu planeado suicídio em frente ao mar no meio de um temporal e de um nevoeiro dignos das piores noites de Shakespeare!

É um momento muito próprio este em que abrimos (vamos abrindo) o nosso Teatro em Obras, jogando num texto que é ele próprio a Linguagem Teatral - «em Obras»! A criação de um espectáculo que, primeiro do que tudo fala da nossa condição de gente de Teatro e dá a um grande actor e a todo o elenco a oportunidade de questionar a verdade do «Brilho» ou do «Sucesso»!

A tradução é de João Barrento. O cenário é de um jovem arquitecto do Porto, Nuno Lacerda Lopes, que aqui faz um *début* muito interessante. Os figurinos da consagrada Vera Castro e a Luz de Paulo Graça, que é agora o responsável luminotécnico do D. Maria.

D.L. - Fazer um teatro inovador numa companhia com uma estrutura pesada e um pouco envelhecida, como parece ser o caso do Nacional, não se apresenta como uma tarefa fácil...

R.P. - O peso da estruturação não tem que justificar o sentido, a qualidade do trabalho. Trabalhámos um ano para tentar fazer do D. Maria II um lugar ágil quanto basta para que a Companhia e os criadores convidados possam trabalhar «sem desculpas»! Talvez tenhamos sido demasiado optimistas. O tempo dirá.

D.L. - Entre os projectos que tem para o

Nacional, conta-se algum na área da co-produções, algo que não teve muito êxito no passado?

R.P. - Há um, na área das co-produções, com o teatro de S. Carlos. É o «Amor de Perdição», composto por António Emiliiano com libreto de António S. Ribeiro (sobre a obra de Camilo), e que faremos com actores e músicos na Sala Garrett, em 1991.

D.L. - O que pensa das novas condições para a atribuição de subsídios às companhias de teatro?

R.P. - Não conheço ainda o texto do regulamento. É ao teatro subsidiado (subsidiável!) que compete reagir. A posição do Teatro Nacional só tem que expressar-se em debate alargado.

D.L. - Habitualmente, a grande queixa das companhias é a falta

de dinheiro. Acha que o dinheiro seria a cura para todos os males de que padece o teatro, ou serão necessárias outras coisas?

R.P. - São necessárias outras coisas - infra-estruturas, equipamentos, formação, publicações, pontos de encontro de diálogo do Teatro nosso e do de outros. É preciso abalar a paz podre e a meia dúzia de mitos ensinados em que se baseia todo o discurso tanto do lado oficial como, sobretudo o outro!! Mas para tudo é preciso dinheiro e ou o Estado assume este desafio em toda a linha como fez Espanha (para nossa sitemática «vergonha») ou não vale a pena falarmos mais nisso!

D.L. - Antes de vir para Lisboa esteve cerca de seis anos em Viseu, onde desenvolveu um projecto cultural designado «Área Urbana». Como se encontra, neste momento, esse projecto?

R.P. - Está parado o que é grave porque representou uma fórmula única de colaboração Estado/Autarquia no desenvolvimento cultural local. Ficaram sementes, um estilo de actuação, equipamentos, uma associação, alguns projectos - a reconstrução do Teatro Viriato, por exemplo. Não está tudo perdido. Mas eu desespero às vezes!

D.L. - Sente saudades de Viseu?

R.P. - Da família, da nossa casa, de muitos amigos e principalmente de uma cidade pequena onde a mesquinhez, a indiscrição, a especulação e a intromissão na vida alheia são incipientes quando comparada com Lisboa!

D. S.

C R Ó N I C A

Lucília enamorada

Vasco M. A. olhou para o pulso: o comboio, sem dúvida, vinha atrasado. Quase dez minutos. E logo naquele dia... «Bem - pensou -, talvez ela espere por mim. Talvez não se importe de chegar mais tarde ao emprego...»

- Isto hoje há novidade, não lhe parece...? - perguntou-lhe um dos passageiros que, como ele, todos os dias ali aguardava o comboio destinado ao Rossio.

- Sim, parece que sim... - disse Vasco, acendendo um cigarro, os olhos contornando o Castelo dos Mouros, um tanto vago, o pensamento a quilómetros de distância.

E o outro:

- Esta Sintra, francamente, de quando em quando, lá tem este problema com os comboios...

Alguém, neste meio tempo, informara-se na bilheteira - e tal como se viesse com uma boa nova nos lábios, ia dizendo, em passos largos, junto de cada grupo à espera de transporte:

- Uma hora! Só daqui a uma hora é que haverá comboio! Vou até ao café... Tomar uma bica e dar uma olhadela pela «Bola». Ver, enfim, como vai o campeonato...

Vasco, já com o encontro perdido, deixou o apeadeiro da Portela, encolhendo os ombros, e voltou lentamente para casa. Ligou para o emprego, que iria mais tarde, o comboio trazia um largo atraso. Porquê...? Inventou: tratava-se de uma avaria, das já habituais, enfim... Depois, decorrido que foi um tempo, ligou para o emprego de Lucília.

- Ainda não chegou... - disseram-lhe de lá.

- Ainda não chegou...?

- Não! Ainda não chegou... - e desligaram secamente.

«Não me digam que ainda está à minha espera. Já lá vai quase uma hora...» - admirou-se Vasco, um outro cigarro na boca, batendo de mansinho à porta do quarto dos pais.

- Então ainda cá estás, meu rapaz...? - Era a voz do «seu velhote». - Acordaste tarde ou quê...? Podes abrir a porta. A tua mãe anda lá pela cozinha...

Vasco aproximou-se do pai, deu-lhe um piparote pela testa, disse:

- Seu reformação feliz!

- Ora, ora...

Súbito, o telefone. E Vasco, o cigarro no cinzeiro, a voz baixa, discreto:

- Sim...?

- Lucília! Daqui Lucília! Soube que não tinhas comboio, informei-me aqui no Rossio, uma dessas contínuas avarias de sempre... Agora já tudo circula em ambas as direcções! E daí, sabes, tive cá uma ideia... É que está um dia tão espantoso, uma manhã tão, tão, tão...

- Diz lá! - pediu Vasco.

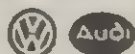
- Ai digo, digo! Falto ao emprego - e vou aí ter contigo!

Pedro Alvim



A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa

TERÇA-FEIRA, 28 AGOSTO 1990

Portugal quer ser ponte na cooperação entre as duas regiões do globo, mas a verdade é que é diminuto o comércio que tem com os países da América do Sul e Central

América Latina: CEE quer liderar modernização

A Europa comunitária defende que deve liderar o processo de modernização das economias dos países da América Latina, pois possui já uma longa experiência acumulada nessa matéria. Portugal, por sua vez, considera-se, tal como disse ao «DL» o secretário de Estado do Comércio Externo, Neto da Silva, uma ponte na cooperação entre estas duas regiões do globo, por razões históricas e culturais.

Brasil e Argentina são os dois países latino-americanos cujas relações comerciais com Portugal são mais significativas, mas no geral estas trocas são diminutas, necessitando do empurrão da CEE. O maior bolo parte, todavia, dos países industrializados da Europa, sendo a ajuda à América Latina efectuada a todos os níveis, desde o monetário e o de equipamentos à formação e ao desenvolvimento técnico e científico.

Para além dos incentivos comerciais em que se salientam o apoio à agricultura, às pequenas e médias empresas, cooperativas, sector de saúde e de recursos humanos e aos esquemas regionais de integração, a CEE desenvolve um intensivo diálogo a nível político na América Central através do Grupo Contadora, desde 1984, tendo a ajuda subido, em 1988, para 300 milhões de Ecus.



América Latina: uma crise, mas fortes potencialidades económicas

Paralelamente, a Comunidade tem efectuado um diálogo a nível ministerial com o Grupo do Rio, representante de 80 por cento da população latino-americana, de que fazem parte a Argentina, Brasil, Colômbia, Peru, Uruguai e Venezuela.

A resolução de muitos dos problemas daquela

zona do globo e a sua cada vez maior aproximação com a Europa depende em grande parte da democratização dos países da América Latina, muitos deles governados por ditaduras condenadas pela CEE.

Págs. 4, 5 e 6

Já nem o dólar nos vale nos tempos de crise

O dólar, grande «chapéu de chuva» dos tempos de crise, está em baixa perante as principais moedas mundiais em resultado do diferendo que se desenrola no Médio Oriente.

Embora os economistas norte-americanos ainda confiem que a sua moeda pode voltar brevemente a ser um «valor refúgio» para os

investidores internacionais, a verdade é que, entretanto, as preferências estão a ir para o ouro, o franco suíço, o marco alemão, a libra esterlina e o petróleo.

A situação de instabilidade que se vive na economia mundial atirou o dólar para níveis sem precedentes perante o marco e para um

dos mais baixos face à libra esterlina. Até o iene sobe, dia a dia, em relação ao dólar.

Trata-se de um resultado da fraqueza da economia norte-americana, mas também do novo realinhamento do mundo, com a aproximação do Ocidente com o Leste que determinou o fim da «guerra fria».

Pág. 7

Pressão dos impostos agravou-se em Portugal

Foi em 1988 que a pressão fiscal foi mais forte em Portugal durante a década de 80. Os contribuintes portugueses são mais tributados no consumo do que nos outros impostos.

Estas são duas das conclusões de um estudo publicado pela OCDE, no qual é analisado o comportamento fiscal dos seus 24 países membros. Nele se revela que em grande parte dos países, incluindo Portugal, tem-se verificado uma maior incidência da fiscalidade em resultado de reformas fiscais recentes.

Com uma pressão fiscal de 24,6 por cento em 1988, Portugal ainda está abaixo da média da OCDE (38,4 por cento), bem como dos países membros da Comunidade Económica Europeia (39,9 por cento), taxas estas que igualmente são as mais elevadas da década.

Pág. 8

De donas de casa a donas de empresas

Pág. 2

Alemanha do Leste vive grave crise económica

Pág. 3

O diferendo técnica-democracia - O comentário de Geraldo Dias

Pág. 3

URSS: cooperativas ganham mas não podem gastar

Pág. 7

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS

PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Bolsas portuguesas estão a recuperar

O comportamento das 30 ações mais líquidas do mercado tiveram ontem uma recuperação espectacular, tendo em conta as fortes e sistemáticas penalizações que ocorreram na semana passada.

Os observadores consideram que a recuperação ontem sentida ficou a dever-se ao baixo preço a que as referidas ações tinham chegado e ao facto de não se ter desencadeado durante o fim-de-semana, ao contrário do que se temia, a guerra no Golfo.

Esta pausa foi aproveitada por investidores particulares para efectuarem bons negócios de forma a recompor as suas carteiras.

No dia de ontem, na Bolsa de Lisboa, apenas as ações da Madeirense Tabacos tiveram uma baixa ligeira (0,8 por cento), enquanto que 66,6 por cento do papel subiu, em alguns casos de forma significativa.

Estão neste último caso as ações da Corticeira Amorim (15 por cento), Lusotur (11,6 por cento), Hanover Nominativas (9,4 por cento), CISF (9 por cento) e Citibank Portador (8,8 por cento).

Também na Bolsa do Porto o comportamento foi positivo, com as ações nominativas do BPI a apresentarem o maior índice de liquidez das últimas 12 sessões, seguidas das da Tertir, Foncar, Credit Lyonnais (Portador) e CIN.

Tranquilidade prepara privatização

Para cumprimento de formalidades relacionadas com a segunda fase da privatização da companhia de seguros Tranquilidade, a cotação das suas 1,715 milhões de ações está suspensa até ao final da semana.

Segundo a resolução do Conselho de Ministros, do passado dia 24, a privatização dos 51 por cento ainda em posse do Estado terá lugar no dia 9 de Outubro.

A suspensão das cotações tem por objectivo permitir aos accionistas o avertamento das ações, bem como a comunicação à seguradora de qualquer alteração que tenha ocorrido nos boletins de subscrição das ações adquiridas na oferta pública de venda (OPV), de 4 de Dezembro último.

As condições de alienação das 2,55 milhões de ações que vão ser privatizadas são definidas pela resolução

referida.

Assim, os trabalhadores da companhia poderão comprar até 200 ações, ao preço de 6800 escudos.

Aos pequenos subscritores e emigrantes, por sua vez, está reservado um número de ações, num máximo individual de 200, que, acrescido aos títulos reservados aos trabalhadores, perfaz um montante global de 510 mil ações, correspondentes a 20 por cento do total alienado. Estes compradores comprarão os seus "papéis" ao preço de sete mil escudos.

Aos actuais titulares é reservado um total de 980 mil ações, correspondentes a 40 por cento do total detido por estes accionistas, durante um período de oito dias a seguir à publicação da resolução.

As ações remanescentes serão alienadas em OPV ao preço base de 7600 escudos.

Lusa

O combustível para aviões aumentou 85 por cento no mercado livre em menos de um mês e leva a temer que os resultados financeiros sejam afectados

Transportadores aéreos receiam crise do Golfo

As companhias aéreas receiam que a subida dos combustíveis afecte os seus resultados financeiros, tal como sucedeu aquando dos choques petrolíferos anteriores. Para já, elas foram mais atingidas pela subida dos preços do petróleo do que os particulares.

O querosene, com efeito, passou em menos de um mês de 180 dólares a tonelada para cerca de 332 dólares, o que representa uma subida de 85 por cento no mercado livre, ao passo que a gasolina super, por exemplo em França, só aumentou 15 por cento, apesar de o dólar ter desido cerca de quatro por cento neste período.

Esta disparidade tem a ver com a importância das taxas sobre a super (75 por cento por litro, em França), as quais mantiveram-se estáveis, com excepção do IVA, o que permitiu um certo amortecimento da subida dos preços.

Com uma reunião da IATA a decorrer até à próxima quinta-feira, as companhias de aviação só deverão tomar contacto com o choque petrolífero na sua dimensão total nos próximos dias ou semanas, já que as previsões dos preços dos contratos que as vinculam às companhias petrolíferas são mensais.

A quota de carburante nas despesas de exploração evo-

luir nos últimos anos para cerca de 15 por cento. As companhias arriscam-se a que esta quota alcance cerca de 25 por cento, valor registado no rescaldo do segundo choque petrolífero, em 1978 e anos subsequentes.

Ao mesmo tempo, é certo que as tarifas aéreas não poderão aumentar de forma proporcional, sob pena de as empresas sofrerem grandes perdas de clientela.

Os charters, segundo um operador petrolífero, arriscam-se a estar entre os maiores perdedores.

As subidas das tarifas anunciadas pela British Airways, Swissair e por companhias norte-americanas

atingem os cinco e os sete por cento. Muitas empresas temem uma profunda degradação dos resultados financeiros, lembrando que a ligeira subida dos preços do carburante em 1989 já havia reduzido os lucros.

Para as 21 companhias europeias, o lucro global desceu de 37 por cento face a 1988, apesar do tráfego ter aumentado sete por cento.

Esta baixa, de 450 milhões de dólares nos lucros de 1,135 mil milhões, foi oficialmente atribuída ao aumento do preço do carburante.

«DL»/Lusa



Aviação comercial teme choque petrolífero

De donas de casa a donas de empresas

O papel que impõem à mulher na sociedade tem travado a entrada destas na vida activa. No entanto, hoje em dia a intervenção da mulher na economia é um fenómeno europeu, apesar de ser mais frequente encontrar uma mulher a presidir a um conselho de administração de uma empresa para além dos Pirenéus.

De facto, verifica-se em grande parte dos países europeus que a mulher tentou romper com as barreiras culturais e financeiras que a separam tradicionalmente do mundo empresarial e entrarem em força nos sectores produtivos dos seus países.

A mulher assaltou a actividade económica da sociedade, superou as barreiras que impediam o seu sucesso nos sectores produtivos da economia e instalou-se com firmeza à frente das suas próprias empresas.

Exemplo disto é a situação recente na vizinha Espanha, onde a sua população empresarial feminina ultrapassa os 24 por cento. Em cada cinco empresários espanhóis há uma mulher.

Apesar deste números significativos, a introdução neste mercado não é fácil. As mulheres enfrentam uma série de problemas, entre os quais a angústia ao iniciar os seus negócios, a conciliação entre a tarefa empresarial e os trabalhos domésticos e as dificuldades de gestão no «mundo dos homens».

Preparam-se como empresárias, assumem os riscos como qualquer investidor, mas não podem negar a sua condição feminina.

Existe um duplo risco para estas mulheres que se iniciam nesta actividade: o de o negócio em si e o risco de entrar num mundo que tem sido tradicionalmente exclusivo dos homens.

Por outro lado, a sua maneira de estar no negócio é diferente da do seu concorrente masculino: ela inicia a sua actividade empresarial em busca da realização profissional e por ter o desejo de se tornar independente.

Assim, para além de ter que romper as barreiras sociais para constituir a sua própria empresa, ela também tem de presente que o factor «inovação» é o elemento mais importante para conseguir introduzir-se com êxito na vida económica do país. É por isso que o universo onde elas mais se têm implantado é o dos serviços, onde se pode ser mais criativo.

Apesar de toda esta iniciativa própria, a sociedade viu necessidade de fomentar o emprego

feminino e ajudar as mulheres a criarem as suas próprias unidades empresariais, com o fim de possibilitar maior presença do elemento feminino nos sectores produtivos da economia.

É assim que aparece a instituição «World Women Bank», já com implantação em Portugal, com o objectivo de canalizar fundos a todas as mulheres que decidam criar a sua empresa, com as exigências dos projectos serem elaborados por mulheres, darem trabalho a um mínimo de duas e manterem uma direcção feminina.

A sociedade em geral começa a proporcionar novo papel às mulheres no sentido de maior participação na vida activa.



Isabel Braz

ECONOMIA

Alemanha de Leste vive grave crise económica

Preços e desemprego aumentam e trabalhadores acusam a unificação alemã de farsa, ameaçando o Governo com a greve

As tensões sociais na RDA aumentam após a demissão, nos últimos dias, de altos responsáveis da economia daquele país, apesar de estar marcada para breve, em 3 de Outubro próximo, a data da unificação das duas Alemanhas.

A população da RDA é de opinião que se estão a desenrolar jogos estratégicos por parte dos políticos interessados nas eleições gerais de 2 de Dezembro deste ano.

Uma grande desilusão do povo da Alemanha de Leste faz-se sentir depois de alguma esperança de melhoria económica com a entrada em vigor a 1 de Julho da União Económica Alemã e a vitória do marco como moeda representativa dos dois países.

Para uma das economias mais sólidas de Leste, o diálogo corrente assenta, neste momento, sobre o desemprego, o custo de vida, o comércio retalhista e as estatísticas económicas, apresentando-se os índices repletos de sinais vermelhos.

Segundo o ex-ministro social-democrata do Trabalho e do Assuntos Sociais, Regine Hildebrandt, o desemprego atinge cada semana mais 25 mil pessoas, enquanto que um milhão de alemães da RFA se encontram em desemprego parcial.

Preços aumentam

O Governo oeste-alemão, entretanto, anunciou que os preços do comércio retalhista

aumentara 7,5 por cento desde a introdução do marco na RDA.

Registe-se que das oito mil empresas da parte Leste que vão ser privatizadas, apenas foram vendidas até agora 17 e 120 estão à beira de assinatura de contratos. Esta situação pressupõe, segundo Detlef Rohwedder, responsável por esta matéria, «um longo caminho a percorrer».

Como gritaram milhares de empregados dos serviços públicos em Berlim na passada semana, «os funcionários não querem ser os patetas da farsa que é a unificação alemã», ameaçando fazer greve, visto os políticos «não fazerem nada para melhorar as condições dos trabal-

hadores».

Estes manifestantes faziam eco da crise económica criada pela deserção de muitos políticos como Reiner Gohlke, do sector das privatizações, Walter Romberg, ministro das Finanças, Gerherd Pohl da Economia e Peter Pollack ministro da Agricultura e Florestas.

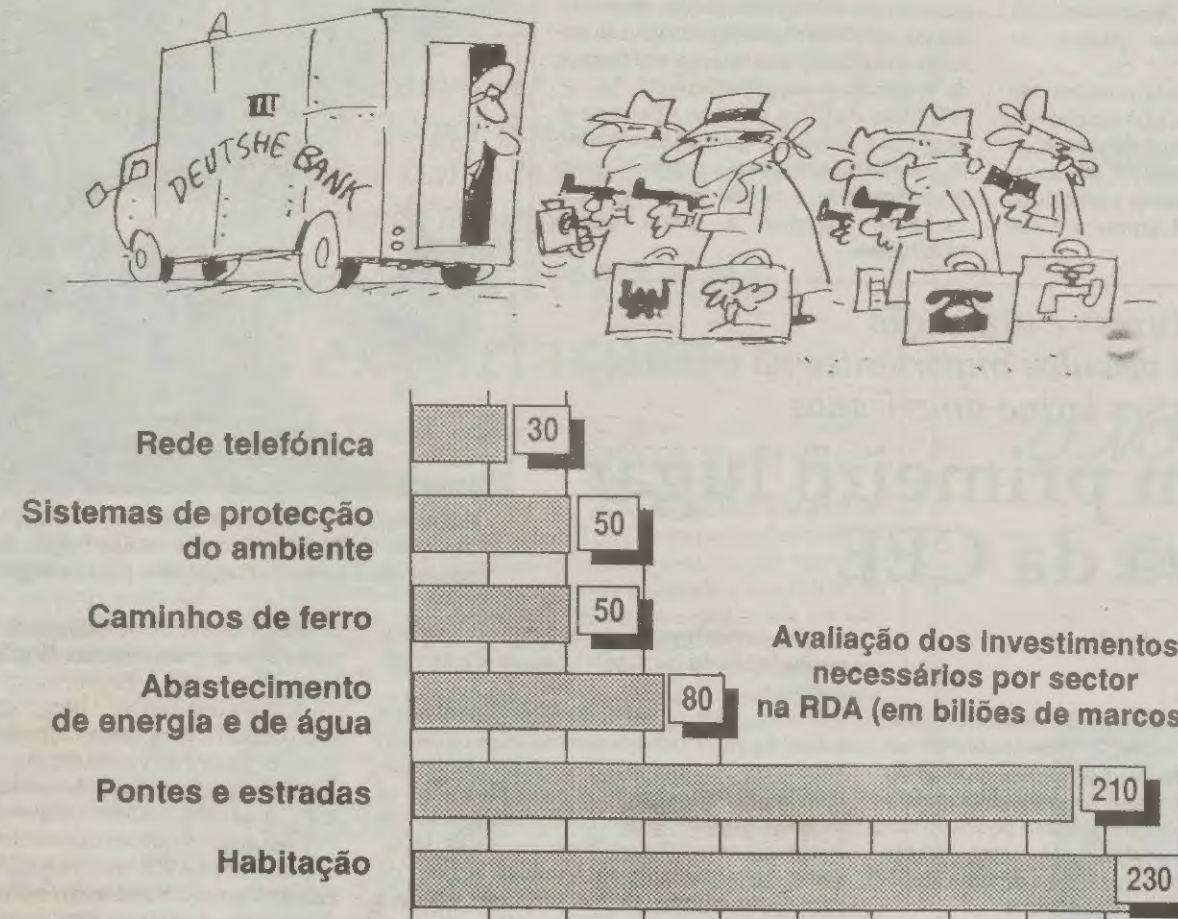
As pastas do trabalho, Assuntos Sociais, Turismo, Comércio, Ciência e Tecnologia continuam por preencher, após a saída do SPD, coligação que estava no poder.

Tudo isto é uma dor de cabeça para o primeiro ministro conservador Lothar de Maizière, incapaz de ultrapassar a crise.

«DL»/AFP

Um começo de 1.300 biliões

Com a introdução do marco na RDA a 2 de Julho deste ano, é preciso levar a cabo uma tarefa gigantesca. Neste sentido, o Instituto de Economia alemão decidiu-se a avaliar a ordem de grandeza das necessidades de saneamento. Resultado mínimo: 650 biliões de marcos. Trata-se do total dos investimentos necessários para enfrentar estes primeiros anos.



Geraldo Dias



LOJAS GRULA
A MAIOR REDE
DE LOJAS DO RAMO
ALIMENTAR DO PAÍS

Em cada uma das 2000 lojas GRULA compra melhor... e mais perto.

Há uma loja perto de si:

LISBOA • BEJA • BRAGA • COVILHÃ • SANTARÉM
SANTIAGO DE CACÉM • SETÚBAL • PORTALEGRE • VILA
VIÇOSA • AÇORES • MADEIRA

CEE quer ser líder no apoio técnico e científico aos países daquele continente, aproveitando os seus quadros superiores e destacando o papel histórico e cultural de Portugal e da Espanha no diálogo convergente entre as duas partes

Europa reforça os laços com América Latina

Duas tendências divergentes marcam actualmente as relações entre a CEE e a América Latina. De um lado, aumentou o interesse mútuo pelas especificidades de cada uma das partes e reforçaram-se os laços a nível político em relação ao passado, do outro assiste-se a uma estagnação ou a um

recuo das trocas comerciais. Existe de facto um sentimento novo nalguns países da América Latina que se materializa no desejo de partilhar a mesma concepção de sociedade em que os direitos do homem são minimamente respeitados e a mesma organização do mundo ao nível político e

socioeconómico.

O aumento dos contactos políticos efectivou-se, aliás, após a tomada de consciência das duas partes da existência de um conjunto de valores e interesses que foram consagrados na reunião do Conselho de Ministros das Comunidades Europeias de 22 de Junho de 1987.

As conclusões desta reunião efectuada no Luxemburgo definiram uma estratégia de reforço do diálogo entre estas duas regiões do globo. Para além das relações políticas e da cooperação nas grandes questões económicas internacionais, vai ser intensificado um intercâmbio comer-

cial com vista a preencher lacunas existentes nas economias dos parceiros de ambas as partes.

O Conselho levou também em conta uma dimensão histórica e cultural suplementar devido à entrada recente de Portugal e da Espanha na Comunidade, cujas características socioculturais têm uma grande ligação com os povos sul-americanos.

Esta posição foi reforçada em Junho de 1989 pelos chefes de Estado e ministros da Europa reunidos em Madrid, por ocasião de uma reunião do Conselho, os quais apelaram para «o desenvolvimento contínuo dos contactos políticos e da cooperação económica, técnica, comercial e fi-

nanceira entre a CEE e a América Latina».

Dívidas não

O diálogo oficial a nível dos Governos dependerá

todavia da vontade dos países latino-americanos em acabar com as dívidas e em consolidarem as democracias já existentes. É esta homogeneidade entre os sistemas políticos que poderá criar um clima favorável ao diálogo, como tem demonstrado a experiência.

Por outro lado, a situação de pobreza e a ausência de perspectivas de progresso social para muitos países da América Latina são um obstáculo, pois a dívida externa

desses países não pode aumentar eternamente.

A cooperação industrial tem aqui um papel fundamental, pois pode ajudar a modernizar as estruturas e a diversificar as exportações naquele continente. A Comunidade chama a si o papel de vanguarda na liderança do progresso científico e tecnológico daquela região do globo, aproveitando os quadros científicos e os engenheiros latino-americanos, papel que lhe é assegurado junto do resto do

mundo pelas responsabilidades enquanto obreiros do Mercado Único de 1992 e pela União Europeia.

Pode assim concluir-se, como escreve a Comissão das Comunidades Europeias, no seu boletim «Europe Information - Relações Exteriores», que a estratégia da Comunidade em relação à América Latina responde aos interesses próprios da Europa ou por outras palavras, os interesses entre uma e outra parte convergem.

Rui Ferreira e Sousa



Em termos de América Latina, a Argentina é o segundo parceiro de Portugal. Entre Janeiro e Maio de 90, as importações portuguesas ultrapassaram os cinco milhões

O país está atento às oportunidades de investimento na América Latina, diz ao «DL» o secretário de Estado do Comércio Externo, Neto da Silva

Portugal afirma-se ponte entre os Doze e o Sul

«Portugal afirma-se na Europa como uma ponte entre o grupo comunitário dos Doze e o Sul», afirma ao «DL» o secretário de Estado do Comércio Externo, Neto da Silva.

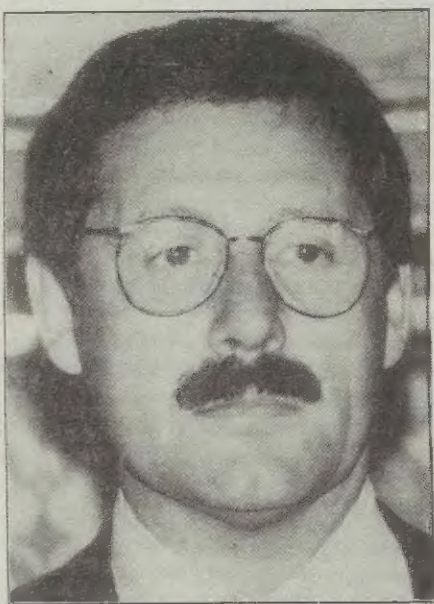
Para sustentar esta tese, Neto da Silva lembra que Portugal liderou conjuntamente com a Espanha, no ano passado, uma acção dentro da Comunidade no «sentido de promover uma aproximação real aos países da América Latina».

Esta acção, explica este membro do Governo, resultou na elaboração do estudo que visa criar um esquema de cooperação com a América Latina, inspirado noutros esquemas assumidos pela Comunidade, tal como a Convenção de Lomé.

«Portugal empenhou-se nesta iniciativa dado as suas relações históricas e culturais com alguns países da América Latina nomeadamente o Brasil e possui interesses comerciais a concretizar nesta zona do globo», acrescenta.

Por outro lado, refere, «convém recordar que a América Latina será uma das maiores zonas de crescimento económico do mundo, assim que conseguir resolver a questão da dívida externa e da disciplina interna em termos de organização económica».

E Neto da Silva conclui: «Existem já zonas da América Latina fortemente industrializadas com apetência para investimentos e novos mercados. Estaremos atentos a estas oportunidades».



Neto da Silva: «Desejamos uma aproximação real com os países latino-americanos»

Criação de «joint-ventures» e utilização das tecnologias modernas europeias são veículos importantes na estratégia do desenvolvimento dos países latino-americanos

Agricultura está em primeiro lugar na cooperação activa da CEE

Tal como nos países latino-americanos, o desenvolvimento rural é um elemento-chave da acção da Comunidade Europeia.

A realidade das economias daquele continente, porém, não é famosa. Caracteriza-se por um estado intermédio de desenvolvimento entre as riquezas propriamente ditas e a capacidade de as transformar em mercadorias de concorrência a nível internacional e nos mercados continentais.

As estruturas que suportam os sectores mais importantes daquelas economias são frágeis e os efeitos da dívida externa fazem-se sentir, tornando-se, por isso, a cooperação com os parceiros da CEE uma medida estratégica urgente que passa pelo aproveitamento exaustivo do sector industrial, nomeadamente as pequenas e médias empresas.

Para a CEE, esta estratégia vai incidir nas principais brechas do sector económico de cada país latino-americano, favorecendo os investimentos directos e indirectos e diminuindo o fluxo financeiro líquido negativo da América Latina para os países industrializados.

Esta estratégia passa também pela utilização dos fundos públicos visto que eles funcionam como catalizadores de novos

fluxos de fundos privados.

Atrair europeus

No âmbito da cooperação industrial propriamente dita, a acção desenvolve-se ao nível da criação de «joint-ventures», cabendo ao lado latino-americano atrair os industriais europeus através de um quadro de empresas minimamente estáveis, de uma transparência e segurança jurídica e de uma facilidade de movimentos financeiros.

Esta cooperação ao nível das empresas mistas permite pôr em funcionamento um programa de acção que vai desde a formação de quadros técnicos, científicos e de gestão até à criação de conselhos mistos de homens de negócios para promover investimentos e empresas comuns.

A criação de bancos de dados, a realização de conferências e seminários e a promoção de estudos de fiabilidade de projectos de investimentos são outras acções a levar a cabo.

A Comunidade dispõe de um instrumento de engenharia financeira, chamado International Investment Partners, o qual permite mobilizar a entrada de fundos de capital de risco de empresas europeias em «joint-ventures» através da participação indirecta da Comunidade no financiamento de estudos

de pré-investimento ou até da sua participação limitada no capital dessas «joint-ventures».

Possui, por outro lado, um mecanismo oficial de promoção comercial para os países em desenvolvimento cujo objectivo é diversificar as exportações e os mercados. Até há pouco tempo utilizado como financiador de feiras e exposições comerciais de exportadores, este mecanismo apoia as acções de promoção comercial dos produtos desde a sua concepção até à sua colocação nos mercados internacionais como é o caso dos do chamado Terceiro Mundo.

Estudos de mercado, estratégias comerciais, diversificação das exportações, melhoria da qualidade e da competitividade são áreas de intervenção desse mecanismo comunitário para a cooperação industrial.

Cooperação científica

A utilização das tecnologias modernas é um meio que as economias latino-americanas não podem desperdiçar. Uma nova dinâmica deve ser criada na cooperação científica e tecnológica entre aquela região e a Europa, já que o objectivo é tornar a economia daqueles países mais competitiva.

Há pois que aproveitar as pesquisas efec-



Fazendeiros bolivianos agarram-se ao que podem no seio de uma economia muito frágil. As trocas comerciais com Portugal são pouco significativas

tuações e os recursos existentes na Comunidade pois se trata de áreas de grandes custos. Exemplos como o Esprit, Race, Brité e Fast podem ser utilizados. Aliás, desde 1983 que a CEE possui o programa Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento, cujo objectivo é financiar projectos nos domínios da agricultura, medicina, saúde e nutrição tropical e subtropical nos países menos desenvolvidos.

Em 1984, a CEE criou o programa Cooperação Científica Internacional reservado aos países que possuem um acordo de cooperação oficial, como o Brasil, o México e outros, através do qual se apoiam estudos específicos e pesquisa científica.

A América Latina ocupa, por outro lado, um lugar de destaque no apoio da Comunidade, no âmbito da energia, nomeadamente nas energias renováveis.

Trata-se de uma cooperação que passa igualmente pela promoção de intercâmbios tecnológicos, ajuda na integração económica através da ligação a organismos regionais tais como o Pacto Andino, o OLADE e o MCCA, Mercado Comum da América Latina.

Esta acção existe desde 1980 e foram investidos 20 milhões de Ecus na cooperação energética com a América Latina.

Equipamentos representam mais de metade das trocas comerciais com 20 por cento de maquinaria agrícola e industrial, 11 por cento de material eléctrico e 10 por cento de automóveis

Produtos manufacturados à frente das exportações

Os produtos manufacturados foram os mais exportados para a América Latina, atingindo cerca de 95 por cento da totalidade.

No conjunto, os equipamentos ocupam mais de metade das exportações: 20 por cento de maquinaria agrícola e industrial, 11 por cento de material eléctrico e 10 por cento de automóveis. No que respeita às importações, aquela região do globo importou cerca de 80 por cento de bens primários, mais de 50 por cento do total em produtos agrícolas e alimentares, 15 por cento de energia e 15 por cento de minerais e metais.

Faça a este panorama, a vulnerabilidade das economias latino-americanas é maior, criando amiúde flutuações graves nos preços para os consumidores.

Apesar desta diferença qualitativa nas trocas comerciais, a América Latina não deixou de parte as suas lições alfandegárias. Nenhum produto industrial é excluído, incluindo os têxteis e o calçado, apli-

cado nas relações entre exportações e importações.

Sistema de Preferências

No caso dos equipamentos e nos bens de consumo, a América Latina exporta para os EUA 21 e 18 por cento, respectivamente. Na Europa, as trocas realizadas são estabelecidas essencialmente para três países da Comunidade: Alemanha, França e Itália.

Para além da dinâmica das negociações do Uruguai Round e da prática de uma política de cooperação económica efectiva, a estratégia de promoção das trocas comerciais passa por uma melhor utilização do SPG, Sistema Generalizado de Preferências.

Segundo aquele Sistema, a Comunidade concede aos países em desenvolvimento vantagens tarifárias autónomas e não recíprocas, ou seja os produtos manufacturados entram na Europa sem taxas alfandegárias. Nenhum produto industrial é excluído, incluindo os têxteis e o calçado, apli-

cando-se este sistema também a cerca de 400 produtos agrícolas.

São à volta de 24 biliões de Ecus de importações que circulam sem pagar taxas, o que equivale a um bilião de Ecus que não entra na Comunidade.

Foram, além disso, tomadas outras medidas para melhorar a situação das exportações latino-americanas. Reduziram-se, por exemplo, as taxas alfandegárias relativas ao café verde, flores cortadas e tabaco e efectuaram-se reestruturações no sector dos produtos industriais e têxteis, em 1986 e 1988, reduzindo as quantidades e optando por uma diversidade de produto em termos de qualidade.

A Comissão desenvolveu paralelamente uma série de iniciativas de informação junto de entidades oficiais, operadores e utilizadores potenciais na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guatemala, Honduras, México, Peru, Uruguai e Venezuela.

Já foram gastos 350 milhões de Ecus no desenvolvimento dos países democráticos da América Central através dos Acordos de Cartagena e do Pacto Andino

Experiência comunitária europeia favorece integração regional

A Europa comunitária acumulou ao longo dos anos um tesouro único de experiências que lhe confere uma vocação especial para a ajuda de esquemas regionais de integração.

Na América Latina foram sobretudo o Mercado Comum da América Central e o Pacto Andino que receberam apoio. Neste caso, o acordo de cooperação tem a ver com a ligação da Comunidade ao Pacto propriamente dito estabelecido pelo Acordo de Cartagena e aos cinco países membros, Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela.

Este acordo baseia-se desde 1987 na ajuda sob forma financeira e técnica e no apoio comercial. O apoio económico traduz-se na cooperação industrial, científica, tecnológica e energética, nas comunicações e turismo, nos transportes e nas pescas. Foram, aliás, criadas subcomissões para a cooperação industrial, científica e tecnológica, consideradas áreas prioritárias de incidência.

Entre 1976 e 1988, ao abrigo do Pacto Andino, foram gastos 350 milhões de Ecus em cooperação económica e de desenvolvimento bem como ajudas humanitárias. Por sua vez, a Junta do Acordo de Cartagena efectuou programas de investimento nos sectores rural, industrial e energético, com vista a reforçar a integração dos países andinos.

Grupo Contadora

No plano político, a Comunidade tem um papel importante na América Central no que respeita à pacificação desta região, apoiando o trabalho desenvolvido pelos países do Grupo Contadora.

Desde 1984 que se efectuam reuniões

periódicas entre a Comunidade e aquele organismo, tendo o encontro de 1985 no Luxemburgo decidido institucionalizar «um diálogo político inovador nas relações exteriores comunitárias da altura», estabelecendo um acordo de cooperação económico entre a CEE e o Istmo Centro-Americano que entrou em vigor em 1987 com a inclusão do Panamá.

Em 1988, a ajuda era de 100 milhões de Ecus contra os 42 milhões em 1984, aos quais se juntaram cerca de 200 milhões concedidos pelos Estados membros. Trata-se de um apoio económico e social na área da agricultura, para as pequenas e médias empresas, cooperativas, sector de saúde e recursos humanos e comércio intra-regional.

Grupo do Rio

Paralelamente ao diálogo político entre a CEE e os países do Istmo Centro-Americano, a Comunidade desenvolveu um outro diálogo a nível ministerial com o Grupo do Rio, do qual fazem parte a Argentina, o Brasil, a Colômbia, o México, o Peru, o Uruguai e a Venezuela. É um grupo que representa mais de 80 por cento da população latino-americana.

As quatro reuniões já efectuadas, em Nova Iorque, 1987 e 1988, em Hamburgo, 1988 e em Granada em Abril do ano passado, permitiram abordar as questões económicas e políticas mais importantes da América Latina, deixando criado um clima de confiança e de compreensão mútua que facilita em grande parte a resolução de uma diversidade de problemas.

R.F.S.

COPRAI

CENTRO DE COMPETÊNCIA TÉCNICA

PRODUTIVIDADE MANAGEMENT
TECNOLOGIA FORMAÇÃO

O NOVO BRASIL

QUE OPORTUNIDADES?

Outubro 1990
Programa

SESSÃO DE ABERTURA

Economia Europeia, Política na CEE e Relações Comerciais com o Brasil;
Caracterização da Economia Brasileira Actual.

Relações Económicas Bilaterais;
Oportunidades oferecidas pelo Mercado Brasileiro à Luz de Sua Nova Realidade.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Com a presença de altas individualidades nacionais e estrangeiras de renome, especialistas na matéria

Maria dos Prazeres Araújo - Tel. 3633147
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
Praça das Indústrias, 1399 Lisboa Codex Tel. 3620100 Telex 62715 COPRAI P Telefax 3639046

ECONOMIA

Trocas comerciais mais fortes com a Argentina e Brasil

Honduras, Salvador, Panama e Bolívia aparecem no fim da lista

O Brasil e a Argentina, ao lado do Paraguai, México, Chile e Colômbia, continuam a ser os países da América Latina cuja evolução do comércio externo é mais significativa. Em Maio deste ano, Portugal tinha exportado (FOB) 1.307 mil contos e 48 mil contos para o Brasil e Argentina respectivamente, enquanto as importações (FOB) com o Brasil foram de 19.845 milhares de contos e com a Argentina de 5.048 milhares.

A estes dois países segue-se o Paraguai com 2.866 milhares de contos de importações e 11 milhares de exportações, o México com 2.544 de importações e 180 milhares de exportações, o Chile com 2.442 milhares de contos de importações e 447 milhares nas exportações.

Logo a seguir vêm a Colômbia e o Peru com 1.710 e 1.159 milhares de contos de importações e 30 e 126 milhares de contos de exportações. O Equador surge a seguir com 1.033 milhares de contos de importações e 73 milhares de exportações e a Nicarágua com 956 milhares de contos de importações e zero de exportações.

Aparecem depois a Venezuela com 524 milhares de contos de importações e 483 milhares de exportações e a Costa Rica com 507 milhares de contos de importações e 43 milhares de exportações.

Os restantes países latino-americanos, Uruguai, Bolívia, Panama e Honduras têm índices abaixo de 500 milhares de contos de importações, destacando-se o Salvador com zero de importações e o Panama que atinge, mesmo assim, 1.045 milhares de contos nas exportações.

Contraste com 1989

Em 1989, os números indicavam, no caso do Brasil e da Argentina, respectivamente 47.200 e 8.031 milhares de contos de importações (FOB) e 5.878 e 414 milhares de contos de exportações (FOB).

O México apresentava, nesse mesmo ano, 9.890 de milhares de contos nas importações e 540 milhares de contos de exportações, o Chile surgia a seguir com 7.155 milhares de contos de importações e 1.127 milhares de contos de exportações.

Logo a seguir vinham o Paraguai e o Peru com 4.087 e 2.910 milhares de contos de importações e 30 e 118 milhares de contos de exportações, respectivamente.

A Colômbia, igualmente em 1989, apresentava 2.733 milhares de contos de importações e 125 milhares de contos de exportações, o Uruguai tinha 2.472 milhares de contos de importações e 82 milhares de exportações, enquanto o Panama apresentava 1.431 milhares de contos de importações e 1.659 de exportações.

A Costa Rica, por sua vez, surgia logo a seguir com 1.185 milhares de contos de importações e 87 milhares de exportações, enquanto a Nicarágua apresentava 1.075 milhares de contos de importações e 12 milhares de exportações.

O Equador vinha a seguir com 993 milhares de contos de importações e 419 milhares de exportações, a Venezuela com 723 milhares de contos de importações e 937 milhares nas exportações, as Honduras com 515 milhares de contos de importações e 120 milhares nas exportações, Salvador com 442 milhares de contos de importações e 93 milhares de exportações e, por fim, a Bolívia com 77 milhares de contos de importações e 32 milhares de contos de exportações.

Redacção «DL»

Conselho Europeu propõe diminuição dos juros
e da dívida e apela para a consolidação das democracias
com vista a minorar os efeitos da crise

Dívida externa atinge bilhões de dólares

A dívida externa da América Latina elevava-se a 412 bilhões de dólares em 1988 e os juros não cessaram de aumentar tornando-se cada vez mais um obstáculo de contornos difíceis.

A relação entre a dívida e as exportações atingiu os 42 por cento e entre os encargos pagos e as exportações ficou nos 26 por cento.

Naquele ano, a dívida deu lugar a transferências líquidas para o exterior no valor de 41 bilhões de dólares, ou seja cerca de 4,5 por cento do PIB regional.

A esta situação junta-se a dificuldade que a América Latina tem em tornar rentáveis os seus recursos naturais pela ausência de estruturas modernas no seu aparelho de produção.

A prioridade dada aos encargos com o exterior em relação ao crescimento e à estabilidade dos preços não permite levar a cabo mudanças industriais profundas, as quais passam por um nivelamento

das regalias sociais dos trabalhadores e pelo ajustamento ao mundo internacional do trabalho, criando um clima de estabilidade e de confiança necessária à mobilização dos operadores económicos.

Diminuir a dívida

Segundo o FMI, o Banco Mundial e alguns países industrializados, é necessário «acelerar a redução do volume da dívida» paralelamente à aplicação de programas de «ajustamento estrutural» nos países em causa.

Neste contexto, a Comunidade esforçou-se na criação de um envolvimento económico mais estável, favorável ao crescimento e melhoramento das condições de acesso ao seu mercado quer através de iniciativas unilaterais quer pela via de negociações com Uruguai Round.

Para além desta iniciativas, o Con-

selho de Ministros das Finanças da CEE examinou em Março de 1989 as propostas avançadas pelo secretário americano do Tesouro que tinham em vista a diminuição da dívida e dos juros.

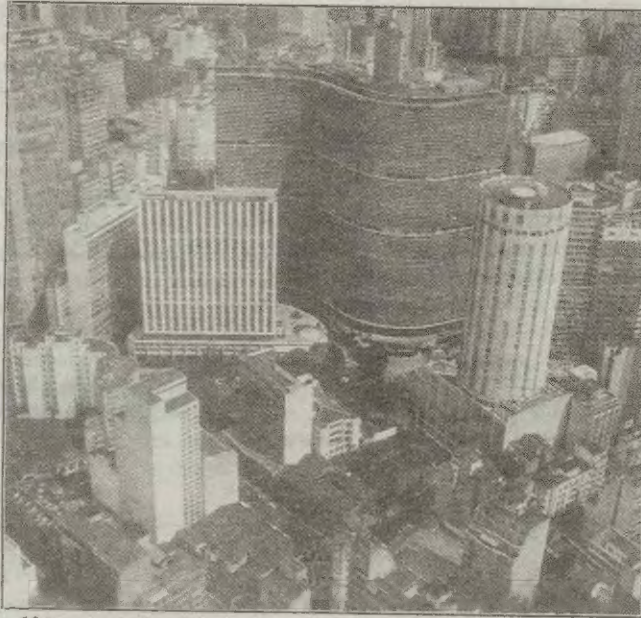
Em Junho desse ano, o Conselho Europeu ratificou esta proposta sublinhando que a situação «era preocupante», mas não deixou de salientar a importância de se «consolidarem as democracias» no sentido de minorar os efeitos da crise, chegando mesmo a Espanha a propor a criação de um fundo europeu para o efeito.

A ideia que a Europa é uma fortaleza contra o resto do mundo é errada. Na reunião de Rhodes, no ano passado, o Conselho voltou a afirmar que a Europa é «um parceiro» decidido a contribuir para uma liberalização maior no comércio internacional, na base dos princípios definidos pelo GATT.

R.F.S.

Exportações portuguesas suplantam importações com produtos agro-alimentares à cabeça

Portugal e Brasil aumentam comércio bilateral



Uma grande cidade brasileira chela de arranha-céus não significa que a economia daquele país esteja de boa saúde. Mesmo assim, é no Brasil que Portugal encontra o seu melhor interlocutor para as trocas comerciais

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia / / Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000\$00
☐ 6 MESES — 9 000\$00
☐ 3 MESES — 4 500\$00
☐ 1 MÊS — 1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

* Números atrasados: 70800 cada * Mudança de endereço: 150\$00 * Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00. * Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Dólar pode voltar a ser um «valor refúgio»

O sector financeiro europeu está menos sujeito a pressões do que no tempo da «guerra fria» e não sente necessidade de colocar os seus capitais sob protecção da moeda norte-americana

A tensão sobre o Médio Oriente e o dólar, rompendo com tendências históricas, cede terreno perante as moedas mais fortes, ainda que possa voltar a ser «valor refúgio» para os capitais em caso de conflito armado, afirmam cambistas e economistas norte-americanos.

Três semanas depois da invasão do Kuwait pelo Iraque, o ouro, o franco suíço, o marco alemão, a libra esterlina e, em menor grau, o iene, aparecem, a par do petróleo, como «valores refúgio» preferidos pelos investidores desejosos de pôr os seus capitais resguardados e, se possível, fazê-los frutificar.

O dólar é o grande perdedor do momento. Após um sobressalto aquando da entrada de tropas iraquianas no Kuwait, retomou a derrapagem amortecida nos meses precedentes e encontrava-se recentemente ao nível mais baixo alguma vez registado contra o marco alemão e o pior valor contra a libra de há



Dólar não quer perder influência

Casas de banho públicas antigas de Moscovo servem para lojas de produtos vários e são conhecidas por «Mito dos Jardins». O mercado negro passa também por ali

Cooperativas soviéticas ganham mas lei não permite gastar

«Mito dos Jardins» é o nome dado às lojas cooperativas instaladas nas antigas casas de banho públicas na «avenida verde» que circunda o centro de Moscovo. Os seus três empreendedores beneficiam com este negócio, mas em virtude da lei sobre as cooperativas, acumularam 500 mil rublos que não podem utilizar.

Aquela lei prevê, com efeito, que o rendimento médio individual no seio dessas «espécies» de empresas privadas não deve ultrapassar 430 rublos por mês, 668 dólares, cujo objectivo é impedir a criação de um patronato e a «exploração do homem pelo homem».

Svetlana tem 40 anos e era gerente de uma loja do Estado antes de lançar nesta aventura vai para dois anos, ao lado de Serguei, 40 anos, antigo professor de educação física, e de Nadja, jovem vendedeira de 24 anos de idade.

De início fundaram uma rede de casas de banho públicas não gratuitas. Como não se tornou um negócio rentável, aquele grupo abriu em 1989 um tipo de «loja comissionista» onde os soviéticos vindos do estrangeiro podem vender todos os produtos que quiserem.

«O Mito» leva 10 por cento, dos quais 70 por cento vão para os impostos, aluguer e outras taxas», explica Svetlana, a contabilista do grupo, acrescentando que ganham cada um mil rublos por mês, enquanto os vendedores ganham entre 200 ou 300», sendo obrigados a pagar três rublos de impostos por cada rublo suplantado ao salário.

«Se quero dar um prémio a um empregado que trabalha bem, não o posso fazer, o que significa que não somos de facto um empresa privada», diz Svetlana.

«Enquanto cooperativa poderíamos justificar a compra de um automóvel, mas não a

Stephane Bentura/DL/AFP

nove anos para cá.

Porém, na situação actual, ainda que confusa e instável, o posicionamento do dólar pode variar fortemente, segundo pensam cambistas e economistas.

A fraqueza da economia americana e o fim da «guerra fria» privaram, por agora, o dólar do seu estatuto de «valor refúgio» privilegiado.

Mas um conflito armado alteraria as perspectivas, in-

troduzindo um factor estritamente psicológico que, muito provavelmente, provocaria uma nova subida do valor da moeda americana, pelo menos a curto prazo.

Desde o fim da «guerra fria» que a Europa não corre sistematicamente o risco de se transformar num campo de batalha ao mínimo conflito. E os investidores não sentem mais a necessidade de pôr os seus bens protegidos, explica David Wys, economista da Dri McGraw-Hill.

As relações entre os Estados Unidos e a União Soviética modificaram-se e as hipóteses de confronto são infinitamente mais reduzidas. Ainda que seja fornecedor de armas ao Iraque e que tenha a ganhar com a subida dos preços do petróleo e do ouro, a União Soviética alinhou com Washington no conflito do Golfo.

A velha ameaça de conflito na Europa entre superpotências desapareceu do espírito dos meios financeiros. E a perspectiva de um «boom» económico na Europa, com a abertura dos países do Leste, é o cenário prevalecente. E se o conflito do Golfo arrefeceu um pouco os ânimos, o marco é ainda o ganhador.

A subida dos preços do petróleo, consequência económica imediata do embargo imposto ao Iraque e ao Kuwait, joga também em desfavor do dólar, sobretudo a face à libra esterlina que beneficia do estatuto de petromoeda (a economia britânica

não depende do exterior para assegurar as suas reservas petrolíferas).

Por seu turno, a economia americana é vítima de uma nova tensão inflacionista e, por certo, vai ser precipitada para uma nova recessão, referem economistas.

Igualmente as economias alemã e japonesa parecem estar melhor apetrechadas (maior produtividade, modernização mais avançada da indústria...) para suportar o choque de uma subida dos preços do petróleo.

A libra esterlina também está amparada por taxas de juro elevadas (actualmente 15 por cento) e, consequentemente, por uma melhor remuneração de capitais. As taxas de juro são igualmente elevadas na Alemanha e na Suíça.

Finalmente, a desregulamentação das trocas, um pouco por todo o mundo, e as transferências electrónicas de fundos quase instantâneas fazem com que os investidores não se apressem tanto a antecipar o investimento. Mesmo o ouro, o grande «valor refúgio» tradicional, não progrediu de forma fulgurante desde a invasão do Kuwait.

Os investidores mantêm a cabeça fria. Mesmo que as armas entrem em acção, os «antigos demónios» arriscam-se a regressar a galope, e o ouro e o dólar poderão voltar a ser os «valores refúgio» que sempre foram.

Lusa



A impressora mais pequena - A Siemens construiu a mais pequena impressora do mundo capaz de imprimir páginas A4. Especialmente criada para trabalhar juntamente com o computador portátil, pesa apenas 3,5 quilos e tem uma capacidade de seis páginas por minuto. Tal como as grandes impressoras de escritório, domina muitas funções gráficas em papel normal ou em transparências. Funciona por transferência térmica até 150 páginas sem recarga.

ECONOMIA

Falta de cumprimento da legislação é considerada como lesiva dos direitos dos consumidores

Maioria dos comerciantes não afixam preços

A maioria dos comerciantes portugueses não afixam os preços nos produtos expostos nos seus estabelecimentos, contrariando, assim, o que está determinado na legislação sobre esta matéria.

Esta foi a conclusão a que chegou o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor após um estudo que realizou em várias localidades. Efectuado em 1988, os seus resultados só agora foram divulgados.

Considerada como uma «informação essencial» para os consumidores, a afixação dos preços permite, segundo os técnicos daquele organismo, «a comparação dos preços praticados e a orientação quanto à opção de compra dos produtos».

A não afixação dos preços dos produtos expostos nas montras dos estabelecimentos é um factor que contribuiu para a informação deficiente dos consumidores.

No decorrer do estudo foram observadas 1713 empresas, verificando-se que 65,4 por cento dos estabelecimentos não cumpriam a lei em vigor.

De entre os infractores, 38,2 por cento apenas tinham preços nalguns produtos, enquanto que 27,2 por cento dos comerciantes não indicavam qualquer preço em todos os produtos expostos. A cumprir a Lei foram encontrados 34,6 por cento dos estabelecimentos.

Por localidades, Torres Vedras destacou-se com o menor índice de preços afixados (apenas 16,1 por cento), enquanto que Vila Real se apresentou como a mais cumpridora da lei (87,4 por cento).

Contudo, as conclusões do estudo revelam que naquela cidade transmontana se havia registado pouco antes uma acção de fiscalização, o que poderá ter influenciado positivamente os resultados obtidos.

O estudo incidiu sobre estabelecimentos de comércio a retalho localizados em Cascais, Estoril, Parede, Fafe, Vila Real, Faro, Portimão, Torres Vedras e Setúbal, localidades onde existem postos de informação aos consumidores.

A observação excluiu lojas de produtos alimentares (padarias, peixarias, talhos, mercearias, supermercados), auto-serviços e stands de automóveis devido a, frequentemente, não disporem de montras.

Verificou-se que nos centros comerciais a situação era ainda mais gravosa quanto ao cumprimento da legislação em vigor. Neste caso, 74,6 por cento das lojas não expunham parcial ou totalmente os preços.

Habitação social teve 6,4 milhões

O Estado português investiu 6,4 milhões de contos na habitação social em 1989, segundo revelou agora o Ministério das Obras Públicas.

Segundo a mesma fonte, o Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado (IGAPHE) foi um dos cinco serviços daquele ministério que alcançaram uma taxa de realização de 100 por cento na aplicação de verbas.

No programa de «produção directa» de habitação, o IGAPHE concluiu no ano passado 927 fogos, prosseguindo a construção de 791 e iniciando a de 434, num total de 2152 fogos.

O mesmo organismo prosseguiu a recuperação de fogos sob a sua administração, concluindo obras em 2130, continuando o restauro de 4055 e iniciando-o em 3326.

Em relação ao programa «promoção apoiada» foram deferidos 177 pedidos de comparticipação referentes a 553 fogos e concluídas obras de recuperação em 310. Quanto aos «contratos de desenvolvimento habitacional, concluíram-se 420 fogos, estando em curso a construção de outros 1520.

Lusa

Entre 1985 e 1988 os impostos aumentaram em Portugal e a pressão fiscal em Portugal atingiu em 1988 o valor mais elevado da década

É no consumo que portugueses pagam mais impostos

A pressão fiscal portuguesa foi de 34,6 por cento em 1988, o valor mais elevado da década de 80, o que coloca Portugal em 16º lugar entre os 24 países da OCDE neste domínio, quando em 1980 ocupava a 20ª posição. A tributação sobre o consumo é a que dá mais receitas ao Estado.

Segundo as mais recentes estatísticas fiscais da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, que engloba 24 estados ocidentais, Portugal viu-se ultrapassado desde 1980, em termos da mais baixa fiscalidade (relação mais baixa entre as receitas dos impostos e o produto interno bruto), pela Suíça, Islândia, Canadá e Estados Unidos.

Estados Unidos (29,8 por cento) e Turquia (22,9 por cento) apresentam as taxas mais baixas de entre os 24 membros da OCDE. Por outro lado, a Suécia, Dinamarca, Holanda e Noruega continuam a ter as pressões fiscais mais elevadas, situando-se a Suécia em 56,8 por cento em 1989.

Portugal encontra-se abaixo da média da OCDE (38,4 por cento), bem como da média dos países europeus membros da mesma organização (39,9 por cento). Estas taxas são as mais elevadas da

década.

Portugal está em 11º lugar na lista da pressão fiscal relativa aos países da Comunidade Económica Europeia (cuja média é de 40,8 por cento), entre os quais só a Espanha apresenta valores ligeiramente mais baixos.

Sobe e desce

Analisando o quadro comparativo dos últimos dez anos, verifica-se que a tendência altista ao nível da fiscalidade alterou-se em vários países, em resultado de reformas fiscais recentes.

Entre 1985 e 1988 o nível da fiscalidade aumentou em Portugal, Austrália, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, Grécia, Irlanda, Islândia, Itália, Japão, Nova Zelândia, Holanda, Suécia e Turquia.

Verificou-se estabilidade na Alemanha Federal e Suíça e a carga fiscal desceu na Áustria, Bélgica, França, Luxemburgo, Noruega e Grã-Bretanha.

Entre 1987 e 1988 a pressão fiscal desceu em 14 dos países da OCDE e subiu nos restantes dez (entre os quais Portugal).

Os pagantes

A principal fonte de receitas fiscais em Portugal é a tribu-

tação sobre o consumo, segundo revela o estudo da OCDE. Idêntica situação verifica-se na Grécia, Irlanda, Islândia e Noruega.

A Austrália, Dinamarca, Finlândia e Nova Zelândia retiram dos impostos sobre o rendimento mais de 50 por cento do total das receitas fiscais, enquanto que as quotizações para a segurança social dominam na Alemanha Federal, Espanha, França e Islândia.

Nos 24 países da OCDE estas três fontes de receitas conjugadas representam mais de 85 por cento do total das receitas fiscais.

O estudo da OCDE refere ainda que, desde 1985, Portugal, Finlândia, Grécia, Itália, Luxemburgo, Nova Zelândia e Holanda reflectiram uma tendência para aumentar a quota relativa dos impostos sobre o consumo, particularmente o IVA, actualmente a vigorar em 20 dos 24 países da organização.

Outra tendência verificada no estudo tem a ver com a diminuição da importância das receitas de impostos sobre o rendimento de pessoas singulares, nomeadamente nos casos da Nova Zelândia e da Turquia.



Consumo penaliza portugueses

Mais estrangeiros atraídos pelo mercado mobiliário

O valor global dos títulos mobiliários portugueses detidos por estrangeiros, principalmente britânicos, quase triplicou num ano, situando-se em Abril passado em 279,5 milhões de contos.

Segundo dados do Banco de Portugal, em Abril de 1989 aquele valor era de apenas 102,6 milhões de contos.

A mesma fonte indica que o Reino Unido lidera o grupo dos investidores mobiliários estrangeiros, ainda que a sua posição relativa tenha descido um pouco.

Com efeito, em Abril de 89, dos 102,6 milhões de contos detidos por estrangeiros, 49,7 milhões eram detidos

por britânicos, os quais, em Abril passado, detinham 107,8 milhões do total de 179,5 milhões.

As acções e as obrigações dominaram, nos últimos meses, o interesse dos investidores estrangeiros, se bem que o valor das unidades de títulos de participação também tenha aumentado.

O total de acções em carteiras estrangeiras no final de Abril deste ano ascendia a 220,9 milhões de contos. Nesse mês foram comprados por estrangeiros 14,3 milhões de contos em acções e vendidos 6,2 milhões.

O saldo foi também positivo nas obrigações (em 1,7 milhões de contos), cor-

respondendo a campras de 2,8 milhões de contos e a vendas de 1,1 milhões. O valor total acumulado ascendia naquele mês a 44 milhões de contos.

Por seu turno, o valor dos títulos de participação era de 1,77 milhões de contos em Abril passado, enquanto que no mesmo mês de 89 era de apenas 228,78 milhões.

A seguir aos britânicos, surgem em Abril deste ano na lista dos maiores investidores estrangeiros nas bolsas portuguesas a Bélgica e o Luxemburgo, seguidos das Ilhas Caimão e da França, quando no mesmo mês de 89 era a Suíça que ocupava o segundo lugar.



GESTOR 1990

A Associação World Trade Center vai realizar em 1990 o seu programa de formação de quadros médios e superiores de PMEs, GESTOR 1990.

As inscrições encontram-se abertas para os seguintes CURSOS:

Cursos	Data de início	Data de fim	N.º de horas
Gestão Inter. de negócios	17.9.90	13.02.91	200
Processo de Marketing	17.9.90	7.02.91	200
Marketing Internacional	17.9.90	21.12.90	130
Planeamento de Marketing	17.9.90	21.12.90	130
Gas. Global de mark. de comu- ni.	17.9.90	21.12.90	130
Novas Tecno. de Info. e a Mo- der. Empre.	1.10.90	28.02.91	210
Int. Business Skill	17.9.90	13.02.91	200

Para proceder à pré-inscrição ou para mais informações, é favor contactar:

Associação World Trade Center

Avenida do Brasil, 1 — 1700 LISBOA — Telex: 793 35 71 - 793 30 45 - 793 27 08
Telex 12326 WTCLIS-P — Fax 76 84 36

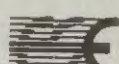
O ensino é administrado em regime intensivo, utilizando-se a AWTC do apoio e co-financiamento dos seguintes organismos:



INSTITUTO DE EMPREGO
E FORMAÇÃO
PROFISSIONAL

WTC-L

WORLD TRADE CENTER
LISBOA S.A.



FUNDO SOCIAL
EUROPEU

WTCL

WORLD TRADE
CENTER
INSTITUTE